



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LEILA TEREZINHA FERNANDES BERNARDES ROSA

RELAÇÕES SENSÍVEIS:
MULHERES FALAM DE SI E DA VELHICE

LEILA TEREZINHA FERNANDES BERNARDES ROSA

**RELAÇÕES SENSÍVEIS:
MULHERES FALAM DE SI E DA VELHICE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cleide Chiarotti
Cesário

Londrina
2012

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca
Central da Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R788r Rosa, Leila Terezinha Fernandes Bernardes.

Relações sensíveis : mulheres falam de si e da velhice / Leila
Terezinha Fernandes Bernardes Rosa. – Londrina, 2012.
123 f.

Orientador: Ana Cleide Chiarotti Cesário.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual
de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Mulheres idosas – Condições sociais – Teses. 2.
Envelhecimento – Aspectos sociais – Teses. 3. Mulheres –
Sociabilidade – Teses. I. Cesário, Ana Cleide Chiarotti. II.
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e
Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 396

LEILA TEREZINHA FERNANDES BERNARDES ROSA

**RELAÇÕES SENSÍVEIS:
MULHERES FALAM DE SI E DA VELHICE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cleide Chiarotti Cesário

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ana Cleide Chiarotti Cesário
UEL – Londrina -PR

Prof^a Dr^a Ileizi Luciana Fiorelli Silva
UEL – Londrina - PR

Prof^a Dr^a Marília Gomes Carvalho
UTFPR – Londrina – PR

Londrina, 08 de dezembro de 2012.

Dedico às pessoas que a vida me presenteou:

Santina e Mizael – Mãe e Pai adorados. Ensinaram-me a ser feliz em qualquer idade;

Palmira – Outra mãe querida, exemplo de ternura e firmeza;

Ana (Fiota), Maria, Luíza, Vera, Regina, Jair, Shirley, Fátima – Irmãos coragem, do gene e do amor;

Raul, Lara, Vitória – Filhos amados que me ensinam a renascer todos os dias;

Luís Artur – O amor na minha vida, ao lado de quem eu desejo envelhecer e morrer.

AGRADECIMENTOS

Há sempre uma emoção forte quando se lê este espaço nos trabalhos acadêmicos. Acredito que seja por se tratar do lugar, onde o pesquisador pode esquecer, ainda que pouco, a razão ao falar de si.

Apesar da constante dúvida a respeito de crença religiosa, não nego que quando estou sem esperanças, decepcionada, ou mesmo doente, sinto uma energia que me move para continuar. Essa energia acredito ser Deus ou Deusa e a ela agradeço em primeiro lugar. Agradeço pela saúde da mente, pelo ar, pelo pão e pela paz.

Agradeço à minha grande, intensa e eterna família por me ensinarem o valor da vida a cada dia.

Às mulheres que entrevistei: Ana Maria, Maria Lúcia, Dora, Antônia, Maria das Graças, sou muito grata, pois mudaram minha vida com suas histórias de vida.

À Ana Cleide Chiarotti Cesário, jamais serei suficientemente grata, como Professora e amiga, pela dedicação, competência e generosidade, com que me orientou e me iniciou na arte de fazer Ciência e Filosofia.

À Ana Maria Chiarotti de Almeida, Socióloga perspicaz, inteligente, capaz de conduzir tudo com uma sábia ternura. Muito obrigada querida Professora!

À Deise Maia, Antropóloga além do seu tempo, desde o início não olhou meus limites e acreditou em mim. Muito obrigada Professora Deise!

À Ileizi Silva, exemplo de seriedade, compromisso e competência na vida acadêmica, sem deixar de ser meiga. Obrigada Professora!

Ao Professor Doutor Marco Antônio Neves Soares, então Coordenador do CDPH/UEL, agora um amigo, agradeço pela licença concedida e por contribuir para o meu aperfeiçoamento, também, acadêmico.

Às queridas pessoas do CDPH/UEL: Laureci, amiga de sala, amiga de formação; Cacilda e Edson, meus permanentes amigos de alegrias e angústias; Marlene, amiga batalhadora; Reinaldo, amigo prestativo; Marinalva; Giovan. Obrigada pela preciosa amizade e pelas muitas vezes que me substituíram, enquanto estive estudando.

À Durva, amiga desde a creche, Régis, Cida, Suely, Cláudio, Luís, Neuzely, Fátima, Joílson, Rosely, Rosemary, Daine, Ricardo, Antônio (PRORH) e Rosa (PROPPG), sou grata pela dedicação, competência e carinho em nos atender.

Agradeço ao João, meu amigo canino, companheiro querido quem aqueceu meus pés nas noites de inverno que passei escrevendo este trabalho.

Agradeço à **UEL**, por inteiro, da qual tenho orgulho de fazer parte. Agradeço a este universo maravilhoso de possibilidades.

“A juventude é a época de se estudar a sabedoria. A velhice é a época de a praticar”.

***Jean Jacques Rousseau
(1712 – 1778)***

“Não se nasce mulher: torna-se”.

***Simone de Beauvoir
(1906 -1986)***

ROSA, Leila Terezinha Fernandes Bernardes. **Relações sensíveis**: mulheres falam de si e da velhice. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Pós-Graduação em Ciências Sociais, Londrina, 2012.

RESUMO

Este estudo investiga a trajetória de vida e o processo de envelhecimento de um grupo de mulheres com idades entre 60 e 85 anos, aposentadas, que exerceram uma profissão no mercado formal de trabalho – em concomitância com as tarefas do mundo da casa –, ou que se dedicaram, exclusivamente, ao trabalho da vida doméstica e familiar. Moradoras da cidade de Londrina-PR, com vida ativa, fazem parte de um grupo populacional que tem aumentado consideravelmente no Brasil. O trabalho utiliza o método qualitativo, com entrevistas semiestruturadas e análise em profundidade. Tem como objetivo, compreender as relações que essas mulheres estabelecem com a sociedade, mediadas por *habitus* de gênero e geracional. A investigação inicia pela interpretação das diversas sociabilidades por elas vivenciadas nas esferas públicas e privadas. Interpreta também, por meio de suas falas, como tecem redes de significância, expressando um “entendimento sensível” acerca de suas próprias práticas relacionadas ao grupo familiar, aos amigos, às novas formas de atividade e trabalho e aos espaços públicos da cidade. A análise possibilita a compreensão de como há uma (re) significação de *habitus* que se expressa nos seus diferentes estilos de vida e nos diversos modos de como vivenciam e percebem a velhice. Um processo que envolve uma disputa cotidiana e quase invisível, envolvendo um campo, no qual o capital simbólico acumulado torna-se decisivo para a afirmação de uma condição feminina que possa se mostrar autônoma e dúctil frente aos *habitus* já estabelecidos.

Palavras-chave: Sociabilidades. Mulheres. Velhice.

ROSA, Leila Terezinha Fernandes Bernardes. **Sensitive relations:** women talk about themselves and old age. 123p. Dissertation (Master's Degree in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Graduate Diploma in Social Sciences, Londrina, 2012.

ABSTRACT

This study investigates the history of life and the aging process of a group of women aged between 60 and 85 years old, retired, who exercised a profession in the formal labor market - concomitantly with the tasks from the world of home - or who devoted themselves exclusively to the home life and family life. Residents of the city of Londrina-PR, with active life, they are part of a population group that has grown considerably in Brazil. The study uses a qualitative method, with semi-structured interviews and in-depth analysis. It aims to understand the relationships these women have with society, mediated by gender and generational habitus. The investigation begins with the interpretation of various sociabilities experienced by them in the public and private spheres. It also interprets, through their speeches, how they weave networks of significance, expressing a "sensitive understanding" about their own practices related to the family, to friends, to new forms of activity and work and public spaces of the city. The analysis furthers our understanding of how there is a (re) signification of habitus which is expressed in their different lifestyles and different ways of how they experience and perceive old age. A process that involves an everyday and almost invisible dispute, involving a field in which the symbolic capital accumulated becomes decisive for the affirmation of a female condition that can be considered autonomous and ductile compared to already established habitus.

Keywords: Sociability. Women. Old Age.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	–	Acidente Cardiovascular
BNH	–	Banco Nacional da Habitação
CDPH/UEL	–	Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina
CESA/UEL	–	Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual de Londrina
COAHB/LD	–	Companhia de Habitação de Londrina
COHAB	–	Companhia de Habitação
COBAP	–	Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas
CVV	–	Centro de Valorização da Vida
GG	–	Tamanho supergrande de roupas
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	–	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEC	–	Ministério da Educação e Cultura
ONU	–	Organização das Nações Unidas
PVC	–	“Porcaria da Velhice Chegando”
SESI	–	Serviço Social da Indústria
TV	–	Televisão
UEL	–	Universidade Estadual de Londrina
UNIMED	–	União e Médicos
UTI	–	Unidade de Terapia Intensiva
WHO	–	<i>World Health Organization</i> – Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – SOCIABILIDADE, VELHICE, GÊNERO: DISCUSSÃO	
CONCEITUAL	15
1.1 SOCIABILIDADES: CONCEITUAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS	15
1.2 VELHICE: HISTORICIDADE E CONTEMPORANEIDADE.....	19
1.3 GÊNERO E O ENVELHECIMENTO FEMININO	27
1.4 RELAÇÕES SENSÍVEIS - A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO SIMBÓLICO	33
CAPÍTULO 2 – A PESQUISA: COMO SE DEFINIU O PERCURSO DE ANÁLISE	40
2.1 A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO PESQUISADO E A ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	40
2.2 AS MULHERES ENTREVISTADAS E OS RESULTADOS DAS ANÁLISES.....	45
2.2.1 Ana Maria	45
2.2.2 Maria Lúcia	54
2.2.3 Dora.....	66
2.2.4 Antônia	74
2.2.5 Maria das Graças	81
CAPÍTULO 3 – HABITUS NA VELHICE: O CAMPO, O CAPITAL, A SOCIABILIDADE E O ENVELHECIMENTO	88
3.1 A DEFINIÇÃO DE CAMPO, HABITUS E CAPITAL EM PIERRE BOURDIEU	88
3.2 SOCIABILIDADE NO MUNDO PÚBLICO E PRIVADO E O (RE) SIGNIFICADO DO TRABALHO.....	91
3.3 O SENTIDO DO ENVELHECIMENTO	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE	121
Apêndice 1	122

INTRODUÇÃO

Na década de 70, ocorre uma revisão nos propósitos e nas questões a serem analisados pelas Ciências Sociais, incluindo fatores sociais relacionados a gênero, velhice, questões étnico-raciais, entre outros. Pelas discussões então empreendidas, especialmente em relação à velhice, objeto que nos propusemos a estudar, é possível observar tendência em compreender essa questão com ênfase em sua diversidade e multiplicidade. Essa perspectiva corrobora o ponto de vista de Beauvoir (1990) de que existem velhices e não apenas velhice.

Desse modo, nosso ponto de partida é o de que a velhice tem significados peculiares para cada pessoa e que existem diferentes sociabilidades e estilos de vida vivenciados por mulheres idosas, desconstruindo assim a ideia de que a velhice é homogênea, ideia que fez parte das ciências médicas no passado e que ainda muitas vezes persiste no presente.

Britto da Motta (2004, p. 116) já alertara sobre emergentes sociabilidades do mundo contemporâneo, envolvendo mulheres na velhice. Trata-se de constatação que há muito vem intrigando os Cientistas Sociais, o que tem possibilitado desconstruir ideias apressadas que atribuem à velhice imagens já cristalizadas acerca de um suposto comportamento ocioso e homogêneo.

A partir desse pressuposto, acredita-se que o presente estudo ao enfatizar esses aspectos em mulheres que vivem com suas famílias ou sozinhas, porém com uma perceptível vida ativa, permite perceber, por meio dessas interações no cotidiano, como vivem, o que fazem e como são os significados de suas vidas nessa fase de envelhecimento.

Outra constatação que nos motivou a desenvolver esta pesquisa foi o fenômeno mundial do envelhecimento populacional que afeta agora o Brasil. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em seu último relatório de 2011, as previsões sobre a população mundial, nos próximos 43 anos, o número de pessoas com mais de 60 anos de idade será três vezes maior do que o atual. Os idosos representarão um quarto da população mundial projetada, cerca de 2 bilhões de indivíduos de um total, até a década de 40 dos anos 2000, de 9,2 bilhões. No critério da Organização Mundial da Saúde (*WHO*), é considerado idoso o habitante

de país em desenvolvimento com 60 anos ou mais, e o habitante de país desenvolvido com ou acima de 65 anos.¹

As previsões de estudiosos da situação demográfica brasileira é a de que no ano de 2025 o Brasil contará com o total de 32 milhões de pessoas nessa faixa de idade. Portanto, os problemas sociais, culturais, políticos e econômicos que essas pessoas já vêm enfrentando na atualidade merecem uma atenção especial das Ciências Sociais no Brasil.

Londrina, embora seja uma cidade nova, resultante de um processo de colonização recente², apresenta uma concentração de idosos bastante expressiva.

No presente trabalho, conferimos ênfase à geração de mulheres com mais de 60 anos como objeto de pesquisa e análise. São mulheres que participaram de grandes mudanças sociais no comportamento feminino brasileiro e no mundo. Decorrente do impacto da Segunda Grande Guerra, presenciaram e vivenciaram grandes transformações no mundo e no Brasil, entre as quais, a entrada da mulher no mercado de trabalho, novos comportamentos sexuais, movimentos feministas, a chegada da pílula anticoncepcional, as mudanças nos padrões familiares e nos casamentos.

Sendo estas, protagonistas de tantas mudanças, procuramos compreender como estão construindo seus modos de envelhecer e como se veem nos espaços sociais que frequentam.

A escolha de mulheres londrinenses pode revelar tanto questões que afetam moradoras dessa faixa etária das metrópoles brasileiras, como dar a ver outros aspectos específicos de cidades de porte médio.

¹ Esses dados estão no site do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; IPEA- Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada; *International Longevity Center* – USA. Acessos em: 23 de agosto de 2012.

² Londrina é localizada no Norte do Paraná. Um município fundado em dezembro de 1934. Sua População foi formada, em grande parte, por migrantes nacionais com predomínio de paulistas, mineiros e nordestinos e grupos imigratórios de várias procedências, como italianos, portugueses, japoneses, alemães e espanhóis. Outros grupos menores são os árabes, judeus, britânicos, chineses, argentinos, holandeses, poloneses, ucranianos, tchecos e húngaros. Hoje, Londrina conta com 511.278 habitantes e a parcela de londrinenses com 60 anos ou mais, cresceu significativamente nos últimos anos. Em 1970, o número de idosos era de apenas 10.098, o que representava 4,4% da população total. Atualmente, esse número subiu para 61.865, o equivalente a 12,1% do número total de habitantes no município. O resultado aponta Londrina com um ponto percentual acima da média nacional de idosos, por cidade, que é de 11,1%. Site WWW.londrina.gov.br/link da Secretaria Municipal do Idoso. Acesso em: 29 de agosto de 2012.

Por meio de seus depoimentos, procuramos entender a avaliação que fazem do modo como a sociedade vê e trata a velhice feminina e a pertinência dos programas governamentais destinados a ela.

Interpretamos o que ocorre na vida dessas mulheres quando percebem as transformações nos seus corpos, na vida social, no momento da aposentadoria, na viuvez, nas perdas familiares e de amigos. Ainda, enquanto consideradas idosas ou velhas procuramos perceber suas aspirações, o que as motivam e o que as movem na vida.

Para atingirmos nosso objetivo, enfatizamos as redes de sociabilidades dessas mulheres nessa fase da vida e os sentidos por elas atribuídos às suas práticas sociais.

São cinco moradoras de Londrina que compõem o grupo estudado, todas aposentadas e com idades entre 60 e 85 anos.

Como salientado anteriormente cinco mulheres fazem parte deste nosso estudo:

Ana Maria Castelo Branco Rabelo, 67 anos, solteira, aposentada como professora universitária;

Dora Ryff Correia Lima, 85 anos, viúva, do lar, aposentada;

Maria Lúcia Victor Barbosa, 73 anos, casada, aposentada como professora universitária;

Antônia Ferreira Andrade, 79 anos, viúva, do lar, aposentada;

Maria das Graças Vicelli, 60 anos, solteira, advogada, aposentada.

Partimos do pressuposto que ao falarem de si, enfatizariam seus cotidianos, as relações de sociabilidades no mundo público e privado, as relações de lazer e do tempo livre. Todavia, no percurso da pesquisa ao abordarem essas questões, no presente e no passado, o *trabalho* aparece como um dos principais indicadores e elemento estruturante de suas trajetórias de vida, de suas relações familiares e afetivas.

Desenvolvemos um roteiro de entrevistas, anexo a este estudo, aplicando uma metodologia qualitativa com entrevistas semiestruturadas, o que permitiu análise em profundidade.

Sob o ponto de vista teórico-metodológico, a principal questão norteadora de nossa pesquisa é que a velhice se constitui de modo diverso e que existem diferentes sociabilidades e estilos de vida conforme os grupos e as classes

aos quais as entrevistadas pertencem. Como este conjunto de mulheres é heterogêneo, a teoria dos campos simbólicos de Pierre Bourdieu³, constitui base fundamental para as análises. Consideramos que elas são portadoras de *habitus* decorrentes da posição que ocupam num determinado campo, influenciado pela classe social a que pertencem e de suas condições de gênero e de idade.

Em todas as etapas deste estudo fomos retomando os conteúdos dos depoimentos das mulheres com objetivo de focalizá-los de acordo com o tema em discussão.

O trabalho está estruturado em três capítulos, como descrito a seguir. O primeiro apresenta uma construção teórica das questões centrais abordadas nesta dissertação, ou seja, uma discussão das categorias *sociabilidade*, *velhice*, *gênero* e uma primeira abordagem da teoria de Bourdieu, acentuando a noção de *habitus*, capital e poder simbólicos, que fazem parte do item *Relações Sensíveis*, isto é, um modo peculiar de leitura e entendimento observado na fala de nossas entrevistadas, ao lidarem com a condição em que se encontram frente ao envelhecimento. Essas categorias e suas articulações constituem um referencial teórico na busca de parâmetros conceituais orientadores da compreensão de como essas mulheres se inserem num campo que ao mesmo tempo é objetivo e subjetivo, uma vez que pode ser apreendido tanto por meio da análise das suas condições materiais de existência como também pela leitura e significados por elas construídos sobre esta situação objetiva. Na obra *Coisas ditas*, Pierre Bourdieu explica como sua teoria contempla o que há de objetivo e subjetivo no fenômeno social, como os clássicos da sociologia se filiaram ora a um ou a outro desses aspectos e como ele desenvolveu uma teoria que busca abordar os dois níveis, caracterizando o que ele denomina como a combinação de uma abordagem estrutural com uma construtivista. (BOURDIEU, 2004, p. 149-151).

O segundo capítulo trata dos caminhos percorridos no processo de pesquisa, alguns procedimentos empíricos, a formulação do roteiro de entrevistas, a escolha das mulheres, objeto da pesquisa, e uma primeira interpretação dos dados coletados, em especial de suas falas, que permitem um breve perfil de cada uma e a caracterização das entrevistadas enquanto agentes pertencentes a uma situação socioeconômica marcada pela condição de mulheres nessa fase da vida e também

³ O conceito de campo simbólico será conceituado no capítulo 3 no qual fazemos uma discussão da teoria de Pierre Bourdieu acerca do *habitus* na velhice.

como vivem suas redes de sociabilidades na família, no trabalho, com seus amigos, nas viagens.

O terceiro capítulo analisa-as inseridas num campo simbólico a partir dos *habitus* desenvolvidos ao longo de suas vidas, decorrentes do gênero e geração a que pertencem e como reconstroem tais *habitus*, se é que reconstroem, na atualidade ou se reproduzem vivências de suas mães e avós. Também nos referimos às sociabilidades que prevaleceram na velhice, seja na convivência da esfera pública e da esfera privada. As (re) significâncias que adquirem o trabalho nesta fase da vida.

Abordamos, nesse último capítulo ainda, os significados que cada uma atribui ao envelhecimento do corpo e ao surgimento de uma afetividade própria da idade, que pode ser manifestada nos sentidos conferidos às relações que vivem com gerações mais novas, em especial a de avó com os netos e bisnetos; as de gênero, envolvendo marido, namorado ou amigo; quer sejam na vida pública quer na vida privada. Buscamos perceber, ainda, continuidades ou mudanças apresentadas por estas agentes diante das disposições duráveis que persistem na sociedade em que vivem moldando a conduta e os comportamentos das mulheres com mais de sessenta anos.

CAPÍTULO 1

SOCIABILIDADE, VELHICE E GÊNERO: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL.

1.1 SOCIABILIDADE: CONCEITUAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS

As sociabilidades emergentes na atualidade, entre mulheres brasileiras, acima de 60 anos, intrigam pesquisadores das Ciências Sociais. No Brasil, a Antropologia foi precursora em estudos dessa natureza, partindo do pressuposto de que a velhice tem significados peculiares para cada pessoa e de que existem diferentes sociabilidades e estilos de vida vivenciados pelos velhos.

A compreensão das sociabilidades de mulheres idosas que vivem com suas famílias ou sozinhas, casadas, solteiras ou viúvas, porém, com uma perceptível vida ativa, permite perceber, por meio dessas interações no cotidiano, como elas vivem, o que fazem e quais são os significados e os sentidos atribuídos por elas à vida feminina, nessa fase.

Para a construção do conceito de sociabilidade e com o objetivo de exemplificar as práticas sociais que a envolvem, abordaremos tais questões sob orientação principal de Georg Simmel (1858 -1918). Um sociólogo clássico que, já no seu tempo, se dedicou aos estudos qualitativos e micros sociológicos, com o objetivo principal de compreender a sociedade, assentada numa base formada por um conjunto de unidades associativas. Para explicar a realidade complexa das interações sociais, este sociólogo acentua os micros mecanismos.

“Tudo que está presente nos indivíduos (que são dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente neles de maneira a engendrar ou mediar influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação.” (SIMMEL, 1993, p.166).

Essa tendência para a vida em sociedade, ou seja, de sociabilizar-se, para o autor, assume formas e conteúdos que se diferem entre si, gerando outras maneiras de interações que atendam as motivações ou os propósitos dos indivíduos. Portanto, sociabilizar-se significa:

[...] a forma (realizada de incontáveis maneiras) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses querem sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas. (SIMMEL, 1993, p. 166).

Simmel aponta a importância dessas formas de sociabilidade como geradoras de conteúdos de interesses que permitem a aproximação entre pessoas, proporcionando o prazer de se estar associado. Concebe a sociedade como uma rede de relações, onde a sociabilidade ocupa um lugar central. A sociabilidade surge no comportamento das pessoas que sentem a necessidade de se comunicar, de se realizar, de conviver com outros, de trocar experiências, construindo relações, seguindo assim seus anseios e propósitos de vida. Este processo não faz parte somente de horas de lazer, mas também de impulsos que conduzem a vida nas interações familiares, profissionais, sociais, políticas, artísticas, culturais, religiosas, econômicas, etc. “Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor e são impelidos para essa forma de existência.” (SIMMEL, 1993, p. 168).

Esses valores, esses interesses provocam uma união dos indivíduos em instituições ou associações que podem ser econômicas, ecumênicas, de trabalho, familiar e outras tantas. “Essas sociações produzem um sentimento, entre seus membros, de estarem juntos, e a satisfação derivada disso é o que agrega os indivíduos a formar um agrupamento.” (SIMMEL, 1993, p. 168).

Para este autor (2006, p.15), “[...] a sociedade é a interação psíquica entre os indivíduos”. Ou seja, sem essas pequenas ligações individuais não existiriam as grandes instituições como os Estados, as igrejas, as famílias, etc. Os indivíduos ao provocarem todos os tipos de influências de um para com outro, desenvolvem assim um processo de “sociação.”

Para Simmel, do processo de “sociação” emerge a “forma”, ou seja, um jogo de interesses que cerca os indivíduos para atender suas necessidades materiais, ora individuais ou sociais, e quando há colaboração, união, solidariedade e cooperação, surgem dessas interações sociais, a sociabilidade, o “conteúdo”, ou seja, como se essa nova forma de relacionamento fosse “[...] a forma lúdica da sociação.” (SIMMEL, 2006, p. 65).

O que o autor expõe acima, pode ser constatado na fala de Ana Maria, 67 anos, nossa entrevistada:

Minha sociabilidade hoje é ir a um jantar, um bom restaurante, assistir um show de vez em quando, sempre com os amigos. Vou ao cinema. Eu viajo bastante, sempre que surge uma oportunidade. Neste ano fui ao sul da Espanha, gostei muito. Depois eu fui a Londres e fui à Turquia. Fora disso, estão as viagens domésticas, sempre vou ver meus irmãos. Todas as minhas viagens são todas parceladas. Ainda bem que o dólar e o euro estavam estáveis, mas agora já estão exagerados, por conta dos problemas econômicos.

Ana Maria faz da sua sociabilidade um leque de interações. Percebemos que ela apreende as formas de viver de outros países, se submete a regras financeiras globalizadas, usufrui de uma vida cosmopolita e de espaços sociais que a cidade oferece.

Para Simmel (2006, p. 80):

Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade.

Esta citação do autor nos leva a entender que por meio do lúdico, as redes de sociabilidades se instalam, mostrando como a vida cotidiana se processa.

Todavia, a sociabilidade não é despida de conflitos, pois como afirma Gurvitch (1973, p. 11), os pequenos gestos fazem parte de relações que são “[...] tipos de ligações sociais ou formas de sociabilidades, que se atualizam, combinam-se, combatem-se e equilibram-se de maneira mais variada no seio de cada grupo, por menor que seja, e também de cada sociedade global.”

Entende-se deste autor que a análise das pequenas coisas e das práticas de sociabilidades ora esporádicas e espontâneas, ora permanentes, nessas interações, ainda que micro relações, não é imune a disputas tanto no plano material quanto no campo simbólico, tampouco deixando de se relacionar a questões mais abrangentes.

Os estudos que envolvem a velhice e seus problemas, nos dias de hoje, seja na área sociológica, antropológica, biológica, gerontológica, entre outras, são de caráter urgente, pois a população, acima de 60 anos, têm aumentado rapidamente. Este nosso interesse em pesquisar a sociabilidade vivenciada por mulheres idosas, orienta-se por essa urgência.

Britto da Motta (2004, p. 116) já alertara sobre as sociabilidades do mundo contemporâneo, envolvendo mulheres na velhice. Trata-se de um alerta referente à necessidade de se buscar desconstruir ideias apressadas que atribuem à velhice, um suposto comportamento ocioso e homogêneo. Observamos, entretanto, que a sociabilidade vivenciada pelo conjunto de nossas entrevistadas, está condicionada às condições socioeconômicas e por modos de vivenciarem os limites decorrentes da idade. Foi para nós, motivo de surpresa, a constatação do intenso envolvimento de nossas entrevistadas com uma rede variada de sociabilidades, especialmente por se tratar de um grupo com idades entre 60 a 85 anos.

A frequência aos bailes dos programas da *terceira idade* é uma sociabilidade praticada, semanalmente por Antônia, nossa entrevistada, com 79 anos. Ela também namora, e se utiliza com muita frequência do transporte urbano coletivo. Pelo relato que faz de algumas práticas cotidianas, a idade parece não ser um empecilho para que nossa entrevistada leve uma vida ativa.

Eu me divirto, eu sempre vou dançar com elas(as amigas) no baile. Tem o da Porteira e também outros, mas eu vou sempre lá e não lembro o nome de lá agora. Eu não pago ônibus, é só mostrar a identidade e entrar né? Eu vou de ônibus e todas as quartas-feiras vou ao baile. Eu gosto do meu namorado, ele também é viúvo, e eu gosto dele, de dançar com ele. Ele é muito bom, é da minha idade também. Nós saímos do baile de mãos dadas, ele me beija aqui, me beija aqui.

A comunicação acompanhada de demonstração de afetos é importante para Antônia, como ela mesma relata acima. Essa sociabilidade, no entendimento de Schutz (1979, p.127), corresponde a atos comunicativos entre um “eu” que se volta aos outros e os apreende como pessoas. Esse processo se dá a partir da percepção do outro, enquanto um corpo no espaço, que compartilha comigo um ambiente comunicativo comum.

Como também demonstra Barros (2011, p. 57): “Os espaços de sociabilidade para a *terceira idade* e a descoberta da velhice, como uma questão social, cumprem a função de definir identidades na velhice e de socializar indivíduos para uma velhice ativa que privilegia os espaços de encontros”.

A sociabilidade *on-line* tem se tornado uma incorporação de interações inovadoras próprias do tempo em que essas mulheres vivem, assim como frequentes viagens ao exterior e as atividades de lazer voltadas para a *terceira idade*.

Na fala de Maria Lúcia, 73 anos, Cientista Política, constatamos a importância da sociabilidade *on-line* em sua vida:

Eu fico impressionada com a internet. Isto merece vários estudos sociológicos especiais sobre essa revolução, comunicação e relacionamento humano. Uma coisa é você falar pessoalmente, outra coisa é você falar por telefone, outra coisa é você se comunicar via internet. Minha atividade lá é fazer artigo. Eu não ganho um tostão furado, mas me divirto a beça. Hoje eu tenho uma sociabilidade virtual, mil vezes maior do que a pessoal, porque eu interajo com pessoas e esse blog, em rede vai passando de um para outro. Eu conheço o Brasil de ponta a ponta, do Rio Grande do Sul até o Amazonas. Eles comentam coisas maravilhosas, é alto nível aquilo. Esse blog foi feito por um senhor brasileiro que mora em Israel. Ele se ofereceu, on-line, em fazer esse blog para mim porque eu não sabia e lá de Israel, foi me passando e-mail e me ensinado a passar do Word para o blog. Eu tenho correspondentes em Israel, na Austrália, em Portugal. É uma coisa tão interessante para mim. Eu produzo um texto e publico. Eles me enriquecem, porque eles estão de acordo. Eu vocalizo uma coisa que eles queriam falar.

Como se observa, foi a partir da concepção de Simmel (1993), que pudemos tratar da sociabilidade neste nosso trabalho como um processo de “sociação”, ou seja, surgindo na vida das pessoas que querem se comunicar e conviver com outras, de formar grupos de identidades, seguindo assim seus impulsos à vida coletiva. Todavia, há de se considerar que estas práticas são influenciadas por condições socioeconômicas; condições de saúde e de exercício da liberdade, um direito civil elementar que, na velhice, não depende apenas da sociedade e do contrato que a regula, mas também dos limites colocados pelo corpo que envelhece.

1.2 VELHICE: HISTORICIDADE E CONTEMPORANEIDADE

A velhice já é um tema que reúne uma vasta literatura nas áreas das Ciências da Saúde. Porém, a Sociologia brasileira vem se debruçando sobre a questão de modo ainda tênue. Entre as Ciências Sociais, a Antropologia se destaca na investigação sobre o comportamento social dos velhos, com extensas pesquisas e publicações sobre esse público. De acordo com esses estudos antropológicos, constata-se que a velhice é uma construção social, cultural, histórica e até mesmo política, depende, portanto, da sociedade em que a pessoa envelhecida vive.

Sendo assim, escrever ou falar sobre o envelhecer não é um exercício acadêmico fácil e requer fazer dialogar entre diferentes saberes, para se

compreender o que é a sociedade para a pessoa envelhecida e o que é a pessoa envelhecida para a sociedade e, mais especificamente, qual é o significado de ter uma idade acima de 60 anos e pertencer a um determinado gênero e a uma determinada geração.

Logo que iniciamos a pesquisa, nos deparamos com o problema central de não usarmos a palavra velha, pois nos primeiros contatos para a escolha das depoentes, ouvimos as respostas negativas de que não eram velhas só porque estavam aposentadas, assim não serviriam para serem entrevistadas. Recorrendo então ao termo aposentada, no nosso roteiro de perguntas, fomos selecionando nosso público.

Apesar do preconceito, dos falsos estereótipos que acompanham a velhice, bem como da dificuldade em selecionar bibliografia, sentimos o quanto é prazeroso pesquisar e escrever sobre algo que envolve questões referentes à condição humana. Como disse Bourdieu (1983a, p. 113): “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém.”

Entendemos hoje, que para qualquer grupo social, a noção de velhice é sentida e *apreendida*, apreensão que se dá a ver pelos sentidos e significados que cada pessoa idosa atribui à sua condição particular, mostrando-se ciente da velhice e da finitude da vida. Segundo Elias (2001, p.11), esse conhecimento, essa consciência faz parte da vida somente dos seres humanos. Uma fêmea do reino animal “[...] pode carregar sua cria morta durante certo tempo antes de largá-la em algum lugar e perdê-la.” Ela não tem consciência do que ocorreu. Nós humanos temos esse saber e podemos até mesmo fazer certa previsão sobre quando nosso corpo começará a envelhecer.

Na visão de Elias (2001), a velhice não é aceita e não há um preparo para o envelhecimento nas sociedades ocidentais contemporâneas. A longevidade conquistada graças às mudanças econômicas, sanitárias e culturais torna-se então um problema social.

Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com outros moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. (ELIAS, 2001, p.80).

Para Elias (2001), há uma negação do estado de envelhecimento nas sociedades ditas modernas, pois vivemos um tempo em que as pessoas não aceitam a velhice, havendo uma ilusão de imortalidade. A velhice fica, desse modo, sempre reservada somente ao outro, atitude que se apresenta de modo consciente ou inconsciente.

“Não conheço o Estatuto do Idoso, acredita? Nunca me interessei. Acho que, apesar da idade, eu não me sinto velha!” Esta frase de Maria Lúcia, nossa entrevistada de 73 anos, Cientista Política, corrobora a opinião de Elias (2001). Para este autor, é como se estivéssemos atravessando um estágio de puberdade, de imaturidade, frente a esses problemas, apesar de toda tecnologia avançada de que dispomos hoje, frente ao passado, o recalçamento da velhice se faz presente nas sociedades atuais.

No relato de Dora, nossa entrevistada de 85 anos, observa-se que a velhice surpreende e causa desconforto. A visão do corpo envelhecido é de extrema mudança e de estranhamento:

Você pegando meu retrato você vê a diferença. A beleza eu acho que enfeou bastante. A gente não deixa de ter vaidade. Pinta a sobrancelha, uso batom, arruma o cabelo, mas a gente sabe que não é mais a mesma, eu tenho espelho e sei muito bem. A gente fica cheia de rugas. Às vezes eu me acho parecida com minha mãe.

Na fala de Dora, percebe-se que o culto à beleza fica restrito somente ao corpo jovem. É como se a imagem de quem o espelho mostra não fosse dela e os recursos da maquiagem a trouxessem de volta. Isto não ocorre somente para ela, já faz parte dos comportamentos da sociedade ocidental contemporânea.

O *marketing*, as propagandas do uso do *botox* na face, bem como dos *liftings* para retardar ou impedir o envelhecimento, pode ser muito bem observado pela frase da atriz Virginia Madsen, norte americana, de 51 anos: *“Eu não quero ter 25 anos, eu só quero parecer eu mesma.”*⁴

O que o marketing pretende com essa frase é produzir um sentido acerca das rugas, e de que a aparência envelhecida prejudica até mesmo a identidade da mulher que passa a não se reconhecer, atrelando assim sua identidade a uma construção de aparência proporcionada pela tecnologia cosmética.

⁴ Sites da atriz: WWW.people.com/people e WWW.wikipédia.org/wiki/virginiamadsen. Acessos em: 22 jun. 2012.

Como esclarece Le Breton, citado por Duarte, (2010, p. 90): “O sonho é inventar sua peculiaridade pessoal. O corpo não determina mais a identidade, está a esse serviço.” O corpo, na sociedade contemporânea, segundo este autor, é uma construção individual seguindo *metamorfoses*, de acordo com as experiências do indivíduo. Cabe aqui uma questão sobre esses comportamentos que além de seguirem o impulso individual também atendem às cobranças de padrão de aparência que pressionam, principalmente, as mulheres.

Antônia, por meio de sua fala, também produz um sentido, de que aparentar ser e estar velha foge aos padrões estéticos predominantes.

Ah mudou muito! Eu era muito bonita quando era jovem, meu pai mandava minha mãe me colocar na frente quando saíamos da igreja. Hoje tem muita diferença, eu tinha um cabelão. Hoje eu passo batom, passo lápis preto na sobrancelha pra tampar os brancos, passo ruge. Eu não tenho problema de saúde nenhuma.

Antônia que não fez nenhuma reclamação de doenças, embora com 79 anos, não fez ligação do corpo envelhecido com doenças. Neste aspecto, ela se diferencia das outras mulheres, no entanto, também relaciona a beleza à juventude.

A construção cultural do envelhecimento que vigora no Brasil nos dias atuais, também não incentiva considerar a velhice como um novo ciclo da vida que faz parte da natureza humana.

Casotti & Campos (2011) fizeram uma pesquisa com um grupo de mulheres que usa cabelos grisalhos e concluíram que essas mulheres sofrem um estranhamento da sociedade por assumirem seus cabelos, mas ao mesmo tempo ganham respeito e admiração e são também questionadas sobre os cuidados que exigem um cabelo grisalho.

Como essas mulheres relacionam os cabelos grisalhos com o passar do tempo? O envelhecimento não aparece como uma força a ser combatida, mas como um sinal de amadurecimento, de valorização da trajetória de vida, de experiência e de sabedoria. A mulher de cabelos brancos se trabalha, se aceita, encara o envelhecimento com equilíbrio. Muito mais do que um sinal do tempo, os cabelos brancos aparecem como um sinal de relação dessas mulheres com o tempo e é com base nessa relação que reivindicam sua diferenciação. (CASOTTI & CAMPOS, 2011, p.122).

As pesquisadoras observaram que as mulheres que assumem seus cabelos brancos sofrem pressão social com a imagem de envelhecidas, mas

também se sentem libertas de retoques mensais nos cabelos, bem como do estigma do desleixo por não retocarem as raízes brancas. Essas mulheres querem marcar, por meio dos seus cabelos grisalhos, um diferencial, isto é, ser elas mesmas.

Este é um exemplo de outro lado da velhice feminina que não segue o padrão de beleza hegemônico e assume sua condição natural de envelhecimento. No entanto, o poder midiático, no Brasil, nos faz lembrar a assertiva de Michel Foucault: “Fique nu..., mas seja magro, bonito e bronzeado” (FOUCAULT, 1979, p. 147).

Como se observa, os problemas que acompanham o envelhecimento devem ser investigados de modo mais sistemático, pois o aumento da população idosa já se apresenta como um problema social para os países que, como o Brasil, não está preparado para responder a esse tipo de demanda com políticas públicas adequadas.

Somente em Londrina, a população de pessoas acima de 60 anos já ultrapassa 12,2 % da população, neste ano. Na década de 1970, este percentual era de apenas 4,4 %. O Brasil, no ano de 2025, segundo previsões do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2010), estará entre os seis países com a população mais envelhecida, com cerca de 32 milhões de idosos. Uma em cada 13 pessoas brasileiras terá mais de 65 anos de idade. Enquanto que a França levou 120 anos para dobrar sua população com mais de 60 anos, no Brasil isso poderá ocorrer em 25 anos (2011 a 2036).⁵

A mulher vive mais que o homem em quase todos os países, essa é uma constatação publicada pela ONU e pode ser confirmada em dados disponibilizados *on-line* pela Organização. No Japão, por exemplo, há, atualmente, 55 homens para cada 100 mulheres com oitenta anos, 35 homens para cada 100 mulheres com noventa anos e somente 26 homens para cada 100 mulheres com cem anos.

Para Camarano (2002, p. 6):

⁵ Site WWW.londrina.gov.br/link da Secretaria Municipal do Idoso; Site WWW.IBGE2010.com.br; Site WWW.ipea.gov.br - Acessos em: 16 jun. 2012.

Dada a menor mortalidade feminina, as mulheres predominam entre a população idosa. Segundo o Censo Demográfico de 2000, por exemplo, 55% do contingente populacional brasileiro, maior de sessenta anos, eram compostos por mulheres. Entre os maiores de oitenta anos, essa proporção sobe para 60,1%. Além disso, é reconhecido que homens e mulheres vivem e envelhecem de forma diferenciada. A predominância da população feminina entre os idosos, no Brasil, tem repercussões importantes nas demandas por políticas públicas. Uma delas diz respeito ao fato de que embora as mulheres vivam mais do que os homens, elas estão mais sujeitas a deficiências físicas e mentais do que seus parceiros masculinos.

Compreendemos que, para a autora, considerando a vida mais longa do sexo feminino, é fundamental oferecer condições favoráveis a um envelhecimento com qualidade de vida para essas mulheres, tanto na esfera pública, como no mundo em família, uma vez que parte delas já dedicou cuidados ao marido e crianças da família, tarefas que lhes causaram algum desgaste físico.

Como exemplo disso, podemos citar nossa entrevistada Maria Lúcia (73 anos) que cuida de seu marido enfermo, e também de Dora (85 anos), viúva, que cuidou do marido com Alzheimer. Nos seus relatos observamos não ser somente a parte física afetada por esses cuidados, como também a parte emocional.

“Em consequência das mulheres viverem mais, o número de viúvas é significativamente maior que de viúvos. No leste europeu, a exemplo, atualmente, mais de 70% das mulheres com idade superior a 70 anos são viúvas ou vivem sozinhas. Estas estão altamente vulneráveis à pobreza e ao isolamento social. No Brasil, as mulheres representam 2/3 da população acima dos 60 anos e grande parte delas tem também uma inclinação para a pobreza e ao sofrimento de deficiências, resultantes de discriminações no acesso à educação, baixo salário, alimentação, trabalho, seguro social, poder político e carência no cuidado com a saúde”. (IPEA, 2010) ⁶

No grupo estudado, com exceção de uma entrevistada, não encontramos situação socioeconômica desfavorável. A maioria não se enquadra na situação acima citada, mas sabemos que, para a realidade da situação social brasileira, hoje, elas fazem parte de um número bastante reduzido.

Como salienta Veras (2003, p. 12), acerca do Brasil:

⁶ Site: www.ipea.gov.br . Acesso em: 7 jul. 2012.

[...] num país como o nosso, com um vasto contingente de pobres de todas as idades, com uma política de saúde caótica, com benefícios previdenciários ínfimos, com uma assistência social praticamente inerte e com um forte preconceito contra os idosos, não é difícil presumir as dificuldades que estes, principalmente os mais pobres, vivenciam.

Este autor nos leva a questionar sobre um problema social visível, que se inicia no Brasil, pois os países mais ricos, com maior número de idosos, enriqueceram antes de a população envelhecer, enquanto que no Brasil, a população envelhece rapidamente e o país continua com um grande contingente de pessoas pobres que irão envelhecer e não mais farão parte do meio produtivo.

Peixoto (1998) desenvolve seu estudo sobre a velhice, abordando a questão pela sua historicidade. Para tanto, interpreta, a partir do processo de envelhecimento na França, os diferentes sentidos atribuídos ao termo velho e similares. Escolhe a França por considerar que o processo naquele país revela semelhanças com o caso brasileiro.

Assim, a noção de velho remete, consciente ou inconscientemente, à incapacidade de produzir, de trabalhar. Dessa forma, era denominado “velho (*vieux*) ou velhote (*veillard*)”, aquele indivíduo que não desfrutava de *status* social, muito embora o termo velhote também fosse utilizado para denominar o velho que tinha sua imagem definida como “bom cidadão” (PEIXOTO, 1998, p. 71).

Trata-se de um imaginário social referente ao termo “velho,” na maioria das vezes, carregado de sentidos negativos e empregado para reforçar a exclusão social daqueles que não produzem mais nos moldes das sociedades capitalistas. (PEIXOTO, 1998, p. 72).

Até o século XIX, a “velhice” era tratada, na Europa, como uma questão de “mendicância”, porque sua fundamental característica era a não possibilidade de uma pessoa se assegurar financeiramente.

O termo idoso, ainda como demonstra Peixoto (1998), fora empregado para demonstrar uma visão menos estereotipada da velhice, para caracterizar tanto a população envelhecida em geral, como o velho pertencente às classes ou camadas mais favorecidas.

O que se percebe é que, com o tempo, “o antigo retrato preto e branco de uma velhice decadente toma o colorido de uma velhice associada à arte de bem viver”. A partir de então, os “problemas dos velhos” passaram a ser vistos como “necessidades dos idosos” (PEIXOTO, 1998, p. 73).

Ariès (1981, p.48), constrói uma historicidade das épocas da vida passada como: “[...] a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a “juventude” é a idade privilegiada do século XVIII, a “infância”, do século XIX e a “adolescência”, do século XX.” Essa colocação do autor instiga-nos a pensar que o século XXI é caracterizado por uma população não só brasileira, como também em outros países, acima de 60 anos. Seria então essa a idade privilegiada neste novo século?

A *terceira idade* é outra expressão usada para designar o grupo de pessoas com mais de 60 anos, uma categoria referente à etapa entre a fase adulta e a velhice. Todavia não deixa de produzir sentidos negativos, uma vez que também é “[...] indicadora de preconceitos, ou seja, a *terceira idade* antecede a velhice que é sempre retardada numa sociedade que valoriza o jovem, ou ainda os sonhos da humanidade em relação à longevidade humana e a eterna juventude” (AZEVEDO, 2001, p.65).

Interpretando o autor, o termo “terceira idade”, em evidência atualmente, no Brasil, não passa de mais uma, dentre as muitas maneiras de classificar as pessoas com mais de 60 anos.

As discussões sobre o termo nos levam a inferir que se trata de mais um modo eufemístico de classificação do adulto que está envelhecendo, numa tentativa de driblar a velhice e sugerir, até por conta dos programas destinados a essa faixa etária que acentuam ações e atitudes caracterizadas por dinamismo, tentando transpor para essa fase geracional, padrões próprios da juventude.

O caráter de eufemismo do termo é criticado por Maria Lúcia, uma de nossas entrevistadas:

Para mim, esses termos terceira idade, melhor idade, são todos falsos, eles não traduzem uma realidade. Melhor idade não é, porque a PVC – Porcaria da Velhice Chegando - traz um problema físico, então não é melhor idade. Idoso é muito feio né, velho é até pejorativo. O termo velho só é bom quando é de uma demonstração afetiva do filho para o pai, por exemplo. Porque não quarta ou oitava idade né?

Ela não participa dos programas para a *terceira idade*, assim como a maioria das mulheres que entrevistamos. O que percebemos é que à condição socioeconômica favorável, encontram atividades e sociabilidades fora desses programas oficiais.

Nesse sentido, a experiência de envelhecer implica considerar as condições econômicas, culturais e políticas que influenciam o *estilo de vida*, os valores e os modos de ser velho, no Brasil. Dito de outra maneira há diferentes formas de ser e estar no mundo, seja velho, jovem ou criança.

Políticas públicas que tenham a intenção de atender adequadamente a velhice brasileira necessitam primeiramente ouvir este público que, na essência, é heterogêneo e desigual.

Para Bourdieu (1983a, p. 120): “A manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida.” Para o autor, o sociólogo precisa estar atento a essas manipulações, a essa arbitrariedade que está embutida na questão do ser velho ou ser jovem.

E foi com esse cuidado que desenvolvemos nossa investigação, com atenção redobrada ao modo como as entrevistadas se movem num campo marcado pela diversidade e que delas requer a sensibilidade na velhice.

1.3 GÊNERO E O ENVELHECIMENTO FEMININO

O recorte escolhido sobre mulheres aposentadas acima de 60 anos, conduz a um estudo de uma categoria específica. Esse recorte constrói, por si só, uma perspectiva de que homens e mulheres vivem papéis sociais, sexuais, sentimentais, diferenciados, embora ocupem os mesmos espaços sociais e vivenciem os mesmos problemas que surgem na construção dessa passagem de ciclo da vida e dos diversos significados e tensões que o acompanham.

As relações entre homens e mulheres sugerem que a vida social se estrutura e se articula nessas relações, sejam elas vivenciadas em casamentos, em grupos geracionais, no trabalho, em instituições e em práticas religiosas e culturais. Pode-se considerar, portanto, que dão sentidos aos cotidianos desses indivíduos, constituindo relações de poder.

Segundo Scott (1995, p. 75), a análise destas relações é útil para a compreensão das diferenças que circulam nesses processos de relacionamentos, assim como nas assimetrias políticas que envolvem os estudos de gênero.

[...] a diferença sexual é um modo principal de dar significado à diferenciação. O gênero é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as (os) historiadoras (es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situações dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política.

A autora considera que o gênero, como uma categoria de análise, deve levar em consideração tanto relações e práticas sociais contemporâneas, quanto a historicidade das mesmas. As diferenças vivenciadas entre os sexos que, além do sentido biológico – próprio da natureza humana – trazem também um sentido político que envolve a vida pública e a vida privada, sentido este que tem provocado transformações significativas nas relações sociais, ao longo da história. Scott (1995, p. 76), questiona: “Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?” Para ela, os estudos de gênero, tanto por parte da História, quanto por parte das Ciências Sociais tem tido um caráter muito limitado. “[...] utilizam formulações antigas que propõem explicações causais universais.” Ou seja, são generalizações que fazem com que o caráter complexo desses estudos perca o sentido.

A ligação entre os regimes autoritários e o controle das mulheres tem sido observada, mas não foi estudada com profundidade. Seja num momento crítico para a hegemonia jacobina durante a Revolução Francesa, seja na hora em que Stálin apoderou-se da autoridade de controle, ou na época da implementação da política nazista na Alemanha, ou ainda no triunfo do Aiatolá Khomeiny no Irã. Em todas essas circunstâncias, os dirigentes emergentes, legitimavam a dominação, a força, a autoridade central e o poder soberano, identificando-se ao masculino (os inimigos, os *outsiders*, os subversivos, e a fraqueza eram identificados ao feminismo), e traduziam esse código em leis (proibindo sua participação na vida política, tornando o aborto ilegal, proibindo o trabalho assalariado das mães, impondo códigos de vestuário às mulheres) que colocavam as mulheres em seu lugar. (SCOTT, 1995, p. 82).

A autora faz uma ligação entre os acontecimentos das relações sociais de gênero com a construção e as mudanças que as relações de poder provocam na vida social e “[...] as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido.” (SCOTT, 1995, p.90).

Interpretando Scott, Galvão (2010, p. 23) considera que:

Analisando criticamente as principais posições teóricas relativas à análise de gênero, esta autora aponta como um dos problemas recorrentes a tendência em se reforçar o caráter fixo e permanente da oposição entre masculino e feminino. Na tentativa de contribuir para uma teorização que dê conta de analisar as desigualdades entre homens e mulheres numa perspectiva histórica.

Galvão expõe que essa autora destaca a importância em analisar as desigualdades de gênero, mas articulada à construção das relações de poder. O gênero daria significado a essas relações.

Essa perspectiva contribui para romper com a ideia de fixidez da oposição entre homens e mulheres apontando para as possibilidades de mudança nas relações de gênero, uma vez que estão atreladas às necessidades do Estado e aos jogos políticos que também mudam e ganham diferentes configurações ao longo da história. (GALVÃO, 2010, p.25).

Compreende-se assim que, para Scott, não há como opor o homem à mulher tendo como referência apenas a noção de sexo, uma vez que existe uma construção histórico-cultural de gênero que define as relações de poder entre o masculino e o feminino, muitas vezes expressas numa supremacia de um sobre o outro. Nessas condições, pode-se dizer que a mulher, na contemporaneidade ainda ocupa uma posição inferior, seja no plano salarial, corporal ou emocional.

Desse modo, as reflexões sobre gênero assumem relevância para o propósito deste estudo, pois analisar o gênero e a velhice feminina aponta que mulheres, em fase idosa, vivendo em uma sociedade que supervaloriza a juventude, sofrem duplamente a discriminação, pois são mulheres e são idosas.

Segundo Debert (1994, p. 33):

Para alguns autores as mulheres na velhice experimentariam uma situação de dupla vulnerabilidade com o peso somado de dois tipos de discriminação enquanto mulher e enquanto idosa. Sendo a mulher em quase todas as sociedades, valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem antes de ser contada pela referência cronológica seria marcada por uma série de eventos associados a perdas como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas, trazidas pelo avanço da idade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas deve se somar o subemprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade.

Para a autora, esta questão não deve ser generalizada, pois outras análises e discussões abordam com mais otimismo a situação da velhice feminina em comparação à velhice masculina. As mulheres, para esses autores, estariam mais propensas a aproveitarem a vida de aposentadas, sem sofrer o choque do desligamento do trabalho, diferentemente do homem, que não constrói ao longo da vida, uma afinidade com os afazeres do mundo da casa.

Um benefício apontado por essas discussões seria a possibilidade da afetividade dos (as) filhos (as) ser maior e mais forte, com os cuidados com a mãe do que com os pais nessa fase da velhice. Outro benefício seria com relação ao “afrouxamento” das cobranças “procriativas” que a mulher enfrenta quando mais nova. Lembrando ainda as grandes transformações a que a mulher está acostumada a enfrentar quando seu corpo atravessa uma gravidez, a “lactância”, a “menstruação”. Essas experiências a deixam mais preparada do que o homem para as mudanças quando da chegada da velhice (DEBERT, 1994, p. 34).

Relacionando a questão do desligamento do trabalho ser mais traumático para o homem do que para a mulher, a entrevistada Dora comenta a respeito da situação enfrentada pelo marido: *“Quando ele se aposentou foi duro. Eu acho que para o homem é mais difícil parar de trabalhar fora de casa né? Há alguns homens que ajudam em casa, como é o meu genro.”* Dora afirma que o marido sofreu muito quando parou de trabalhar, tinha dois empregos e de repente, estava em casa, sem nenhuma afinidade com o serviço e a rotina da casa. Em contrapartida, comenta que o genro ajuda nos serviços da casa. Cumpre lembrar que o genro pertence a uma geração mais nova, em que a grande maioria das mulheres trabalha também fora do lar e contribui com o orçamento da casa.

Segundo Debert, até a década de 70 do século XX, a questão da velhice era domínio da Gerontologia, a qual não tratava de maneira heterogênea os problemas dos idosos.

A hipótese de que a velhice é uma experiência homogênea funda a Gerontologia. A perspectiva que orientou os primeiros estudos na área considerava que os problemas enfrentados pelos idosos eram tão prementes e semelhantes que minimizavam as diferenças em termos de etnicidade, classe, gênero e religião. A velhice era então pensada através da ideia de *roless role* e a sociedade moderna não prevê um papel específico ou uma atividade para os velhos, abandonando-os a uma existência sem significados. Os velhos seriam uma minoria desprivilegiada. Uma subcultura com um estilo próprio de vida que se sobrepõe as outras diferenças sociais. (DEBERT, 1994, p.34).

Para a autora, essa realidade passa por uma transformação após os anos 70. Esse período é marcado por grandes acontecimentos sociais: a Revolução cultural de 1968, os movimentos feministas, as questões étnico-raciais, o homossexualismo, as diferenças de classes sociais, etc. Com a necessidade de se pensar e analisar esses novos problemas, a questão da qualidade de vida na velhice passa a fazer parte dos estudos também de outras áreas como a Psicologia, Biologia, Antropologia, Psicanálise, Sociologia, etc. Com isso, as diversidades, as diferenças na qualidade de vida do envelhecimento feminino e masculino assim como suas representações, começam a fazer parte de programas que surgem dentro das universidades, para tratar, também, das experiências do envelhecimento diferenciando o que isso significa para as mulheres e para os homens.

Debert mostra que os anos 1990 marcaram uma transformação ainda maior no panorama da velhice brasileira. Além dos programas da *terceira idade* se difundir pelo país, modificando o comportamento dos idosos, surgiram também as associações de aposentados, com seus mais variados propósitos e reivindicações, fortalecendo as várias formas de vivenciar a velhice.

[...] essas diferenças nas formas como homens e mulheres representam o que é a velhice e percebem as mudanças ocorridas no envelhecimento nos contextos urbanos brasileiros, são elementos fundamentais para entendermos as diferenças de gênero no público mobilizado por cada uma dessas manifestações. Ou seja, essas diferenças são elementos fundamentais para a compreensão das razões pelas quais a luta pelos direitos do cidadão e pela redistribuição da riqueza mobiliza, sobretudo, um público masculino, enquanto a luta por mudanças culturais amplas (que caracteriza os novos movimentos sociais) mobiliza, sobretudo, as mulheres de mais idade. (DEBERT, 1994, p. 36).

Embora haja diferença nos modos de participação dos idosos brasileiros em associações e programas específicos, uma vez que os homens se mobilizam mais em torno de associações de aposentados e as mulheres em programas sociais e culturais, Debert (1994), mesmo assim, considera esse processo um avanço na luta contra preconceitos e falsos estereótipos atribuídos à velhice até um passado recente. Pois, essa experiência de participação coletiva, tanto dos homens como das mulheres, acaba por sensibilizar o Estado e também os poderes municipais a olharem para os idosos e respeitarem seus direitos.

O interesse em demonstrar aqui essa diferenciação de gênero nos distintos movimentos ou programas, chama a atenção por demarcar o espaço social que homens e mulheres ocupam nessa atividade coletiva e pública.

Nos argumentos da autora, o modo como, no Brasil, a velhice foi tratada é desanimador. A Gerontologia atribuía uma homogeneidade aos problemas que acometiam os velhos, como abandono, injustiças sociais, perdas e exclusão. Embora não se deve negar a importância da Gerontologia, em nosso país, para que os preconceitos contra a velhice fossem apontados, não havia uma preocupação dessa Ciência em distinguir homens e mulheres e a crise de identidade era inevitável. Como afirma Debert “As diferenças de gênero se dissolveriam na normalidade unissex da idade avançada”. Porém, segundo a mesma autora, houve uma transformação, e “Os modelos antigos de envelhecimento, acreditem, não vigoram mais na atualidade” (DEBERT, 1994, p. 34 e 49).

Como sugere a autora, a sociedade contemporânea brasileira foi despertada para uma sensibilidade maior com relação à qualidade de vida no envelhecimento, valorizando assim a distinção entre a experiência do envelhecimento da mulher com o envelhecimento do homem. Indica também que as diferenças de gênero tiveram relevância já na década de 70 e, nos dias atuais, o caráter heterogêneo cerca o envelhecimento, valorizando as diferentes experiências vividas por homens e mulheres. “A visibilidade conquistada pela velhice se traduziu em uma série de iniciativas por parte das agências governamentais e de organizações privadas visando a um envelhecimento adequado” (DEBERT, 1994, p. 49).

Nos anos 1990, a mídia passa a ver os problemas dos velhos no Brasil e o silêncio que cercou esse assunto até a década de 1980, deixa de existir.

A preocupação com as questões sociais, políticas e econômicas que cercam a velhice brasileira continuam, pois o país ainda enfrenta problemas de desigualdades e preconceitos. Como observa a entrevistada Maria Lúcia:

Eu acho que no Brasil, como em todo, há muito preconceito contra o idoso, é que antigamente, a pessoa com 50 anos já era considerada velha, morria-se mais cedo, então a vovó ficava ali fazendo crochê. Agora a medicina melhorou, evoluiu, a qualidade de vida melhorou. Hoje você vê pessoas de 70 e tanto anos viajando, felizes, mas a mentalidade do brasileiro é que vai mais devagar, então tem muito preconceito sim contra o idoso ainda.

Na opinião de Maria Lúcia, apesar dos avanços referentes à medicina que proporcionam melhor qualidade de vida, a velhice, no Brasil, ainda enfrenta preconceitos e discriminações, principalmente para a mulher.

Não convém, entretanto, afirmar que os diversos modos de vivenciar a velhice pelas mulheres, sejam mais adequados do que pelos homens, pois entendemos que a diferença está no modo sensível pelo qual as mulheres são levadas a lidar com a velhice em decorrência de normas e padrões específicos impostos às mesmas pela sociedade contemporânea.

1.4 RELAÇÕES SENSÍVEIS – A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO SIMBÓLICO

Em nosso trabalho percebemos que uma forte sensibilidade se manifesta nessa fase de vida em que se encontram nossas entrevistadas. A relação com os netos, independente de suas condições socioeconômicas, ganha uma proporção notável. Esta parece ser uma tendência da sociedade contemporânea na qual a amizade entre neto e avó é muito mais próxima e intensa do que se apresentava no passado. Essa sensibilidade na sociabilidade em família também se manifesta na sociabilidade pública, ou seja, fora do lar.

Como diz Ana Maria: “[...] quando eu fui à Bahia e fui a um show eles puseram um carimbo assim: *IDOSO no meu ingresso e eu me senti assim meio rechaçada.*”

As relações sensíveis às quais nos referimos, dizem respeito às interações sociais que nossas entrevistadas tecem em família ou na vida pública, à exigência de uma perspicácia e delicadeza necessárias às resoluções de crises e conflitos, numa teia delicada que envolve suas vidas, nessa fase de existência em que se veem diante de novas situações e valores que requerem novos posicionamentos que estão longe de denotar fragilidade, ao contrário, requerendo coragem e capacidade de revisão do ethos e do habitus que até então orientaram seus comportamentos. Portanto, não se trata de uma reação fragilizada, mas uma sensibilidade necessária à compreensão dessa nova fase da vida. Um processo semelhante ao descrito por Kant, que se origina no mundo sensível, ora se encaminhando para um entendimento racional e científico, ora marcado pela percepção intuitiva e criativa, orientação que nos parece mais próxima da percepção de nossas entrevistadas.

Para Kant (2001), o conhecimento humano resulta da união da “sensibilidade”, do “entendimento” e da “razão”. A sensibilidade relaciona-se ao mundo físico, o “entendimento” pensa esse mundo físico orientado por “conceitos” e “juízos”. A “razão”, embora também se ocupe do real, lida com questões metafísicas. A sensibilidade em Kant, ganha uma importância de “mãe geradora” do conhecimento. (KANT, 2001, p. 71 - 78).

Em nosso trabalho, a sensibilidade assume importância por acreditarmos ser a partir dela que nossas entrevistadas se relacionam com o mundo sensível, não apenas o material, mas, sobretudo com as redes de significância que o envolvem – entendidas como parte da cultura – possibilitando o entendimento de si e do mundo em que vivem.

Entre as nossas entrevistadas, a convivência com os amigos também é bastante valorizada, bem como a importância que assumem os trabalhos que desenvolveram e que são frequentemente lembrados por elas. Contudo, os sentimentos mais fortes expressados em suas falas são os provocados pelas perdas de pessoas próximas. A sensibilidade aflora em seus relatos sobre a perda de companheiros, filhos e netos.

As relações de trabalho seja ele praticado no lar ou fora dele, seja voluntário ou formal, referente ao presente e ao passado, aparecem como um dos elementos estruturantes de suas trajetórias de vida, de suas relações familiares e afetivas.

Entre as pesquisadas, duas são viúvas, duas solteiras e apenas uma, com 74 anos, ainda é casada e cuida do marido enfermo. Somente uma delas não desenvolve, hoje, trabalho formal ou voluntário. As outras continuam trabalhando, uma tem trabalho formal, com vínculo empregatício e as outras continuam envolvidas com trabalhos voluntários.

Todas ainda se envolvem com o trabalho doméstico.

Dessa forma, a teoria de Pierre Bourdieu se torna fundamental para a análise que ora empreendemos, pois proporciona o desvendamento dos mecanismos mais ocultos de construção de uma sociedade. Especialmente o conceito de *habitus* que remete a um sistema de disposições duráveis, construídas ao longo da trajetória de vida dessas mulheres, disposições estas que devem ser relacionadas ainda à sua condição de classe e integradas às experiências passadas, funcionando como matriz de percepções, de apreciações e de ações. Os micros

espaços sociais simbólicos ocupados por elas se mostram por meio dos tipos de consumo, gostos, gestos, postura, moda, religião, interações, formação escolar, etc., demarcando estilos de vida diferenciados. (BOURDIEU, 1996; 2001).

Torna-se fundamental demarcarmos os micros espaços como lugares pertencentes aos campos simbólicos, como definidos por Bourdieu, bem como perceber as ações de nossas entrevistadas que neles se movem e competem por capital e poder também simbólicos, para compreendermos as condições de vida e de envelhecimento dessas mulheres. Pois, “Cada agente, quer ele saiba ou não, quer ele queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo: porque suas ações e suas obras são o produto de um ‘modus operandi’ do qual ele não é o produtor e do qual não tem o domínio consciente.” (BOURDIEU, 1983c, p.72).

Segundo Bourdieu (1983c, p. 106), a “matriz de percepções” de um indivíduo é um produto de “trajetórias anteriores”. Ou seja, o *habitus* “[...] funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas”.

Considerando que os *habitus* de *geração* e de *gênero* são os principais elementos estruturadores e estruturantes das práticas das mulheres por nós investigadas, compreendidas como *agentes* de um *campo* revelador do que é a velhice, nossas entrevistadas são portadoras de *habitus* diferenciados, decorrentes da posição que ocupam em determinados campos, influenciados pela classe social a que pertencem e de suas condições de idade. Porém, chamou nossa atenção a presença de uma sensibilidade comum a todas elas, principalmente nos relatos de assuntos privados, como se isso fosse uma *matriz de percepção* nessa fase da vida.

Por conta da heterogeneidade do conjunto de mulheres investigadas, a teoria dos campos simbólicos de Pierre Bourdieu constitui referência para as análises. Entendemos que a compreensão de como se dá a construção do campo ao quais nossas entrevistadas se ligam e a percepção dos *habitus* que estruturam seus comportamentos, são recursos teórico-metodológicos estratégicos para o entendimento de como se dá a disputa por poder simbólico nos campos em

que a mulher se vê identificada como idosa, vivenciando mudanças relacionadas à vida social e ao corpo e ao “cuidado de si”.⁷

Segundo Bourdieu (1983b, p. 83):

A sistematicidade e a unidade só estão no *modus operandi* porque elas estão no *modus operandi*: elas só estão no conjunto das "propriedades", no duplo sentido do termo, de que se cercam os indivíduos ou grupos – casas, móveis, quadros, livros, automóveis, álcoois, cigarros, perfumes, roupas – e nas práticas em que se manifesta sua distinção – esportes, jogos, distrações culturais – porque estão na unidade originariamente sintética do *habitus*, princípio unificador e gerador de todas as práticas. O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida.

Os estilos de vida de nossas entrevistadas diferem em práticas sociais de cada uma, tanto do passado como do presente. A vida de Antônia atualmente é diferente do passado e essa mudança não é apenas demarcada pela idade, mas também pela situação de viúva e pela situação econômica em que se encontra diferentemente de Dora que não apresenta tantas alterações em seu estilo de vida do passado, mesmo após ficar viúva, uma vez que sua situação sócio-econômica não passou por mudanças significativas.

O estilo de vida de Maria Lúcia, apesar de sua sociabilidade *on-line*, proporcionada pela informatização dos lares nas sociedades contemporâneas, não mudou seu capital simbólico do passado, continua exercendo sua atividade de Analista Política.

Estilo de vida é a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivenciam o mundo e, em consequência, se comportam e fazem escolhas. As classes sociais não são diferenciadas entre si apenas a partir de condições objetivas, mas também subjetivas. Tais condições subjetivas refletem em seus estilos de vida. Nas palavras de Bourdieu: “às diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência”. (BOURDIEU, 2003, p. 82).

⁷ O “cuidado de si” faz parte dos estudos de Michel Foucault no Livro “**A hermenêutica do sujeito**”, 2004, onde o autor constrói uma análise das práticas do cuidado do corpo e da alma, a partir das leituras dos escritos de Platão e Sócrates.

A heterogeneidade nos estilos de vida dessas mulheres pode ser percebida em suas falas, pelo leque de atividades que realizam não importando as idades e alguns limites que o corpo apresenta nessa fase.

Antônia, hoje, com 79 anos, difere das demais de maneira expressiva, pois não frequentou a escola e possui uma renda mais baixa. *“Eu não gosto de novelas, eu não participo de projetos da terceira idade, eu danço né? Nunca conheci um cinema, também não vou ao Shopping. Eu me arrumo muito é para ir aos bailes”*. O conjunto simbólico que envolve a vida de Antônia é uma construção de um *campo possível* de quem dança, de quem gosta de bailes para idosos, de quem namora e de quem se diz feliz. *“[...] sou aposentada, tenho dinheiro. Quando eu era nova, só tinha dinheiro quando ia carpir algodão, era muito duro! [...] Minha aposentadoria é só um salário mínimo. [...] Meu dinheiro é meu, é só pra mim. Hoje eu sou feliz”*.

Antônia expressa um comportamento mais ligado à emoção. Os seus gestos de tocar as pessoas enquanto fala, demonstra uma pessoa sensível, simples, que consegue, preferencialmente, se comunicar dessa maneira.

Dora, hoje, com 85 anos, idade próxima à de Antônia, tem um comportamento diferente, pois controla os gestos, tentando passar ao interlocutor uma imagem de quem controla as emoções, própria de quem frequentou boas escolas, de quem sabe falar a língua francesa, de quem tem uma opinião política formada. *“Eu fui morar em Paris, em 2006, com a minha neta, e lá eu fiquei um ano”*. Em relação à Presidenta do Brasil, Dilma Vana Rousseff, diz: *“Acho que está ocorrendo muita corrupção. Mas, como mulher, eu acho que ela pode ser melhor para o idoso, ela tem o poder, ela está por cima. Ela é chefe das forças armadas né? Eu quero ver essa copa, será um bom termômetro hein?”*.

Sobre essas diferenças nos diversos estilos de vida, manifestadas, a exemplo, na vida de Antônia e Dora, Bourdieu (1996, p. 27), expõe: *“O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer”*.

Novas formas de vivenciar a velhice surgiram nos relatos das entrevistadas que denotam algumas escolhas que são diferentes ao modelo tradicional de envelhecimento, porém, preservando “esquemas generativos” de *habitus* já adquiridos e interiorizados. Maria Lúcia, hoje com 73 anos, embora tenha

aderido a uma nova forma de sociabilidade *on-line*, usa-a para disseminar um tipo de conhecimento revelador de padrões duráveis adquiridos ao longo de sua vida de mulher intelectual, uma vez que mantém um blog de análise política.

O *habitus* tende, portanto, a conformar e a orientar a ação, mas na medida em que é produto das relações sociais ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendraram. Quando se considera que a prática se traduz por uma "estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante", explicita-se que a noção de *habitus* não somente se aplica à interiorização das normas e dos valores, mas inclui os sistemas de classificações que preexistem às representações sociais. O *habitus* pressupõe um conjunto de "esquemas generativos" que presidem a escolha; eles se reportam a um sistema de classificação que é, logicamente, anterior à ação. (ORTIZ, 1983, p. 10).

Para Bourdieu, segundo Ortiz, os agentes interiorizam as normas sociais já estruturadas e quando agem se reportam a elas. Todavia o que ocorre não é mera reprodução, uma vez que ações inovadoras podem até ocorrer, no entanto quando acontecem são presididas pelo *habitus*. "As estruturas de um *habitus* logicamente anterior comandam, portanto, o processo de estruturação de novos *habitus* a serem produzidos." (ORTIZ, 1983, p. 14).

Como já dissemos, consideramos importante a teoria de Bourdieu para o nosso trabalho, desde que, como alerta o autor, não gere uma abordagem que nos impeça de compreender a dinâmica que envolve os estilos de vida das mulheres por nós investigadas.

Os estudos de Bourdieu nos parecem de grande importância e podem ser da maior valia desde que os consideremos fora de uma perspectiva imobilista do processo de reprodução. A análise é extremamente rica quando se trata de desvendar os mecanismos profundos de poder, perspectiva tão peculiar aos autores modernos franceses, mas que, no fundo, se caracteriza por um certo pessimismo político e social que, muitas vezes, nos induz a aceitar o axioma de que o poder em geral seria necessariamente "maléfico". (ORTIZ 1983, p. 24).

No caso em análise, embora a questão do poder na sua dimensão institucional e nas suas raízes não seja o foco de nossa reflexão, a teoria dos campos simbólicos do autor, certamente será esclarecedora de como as relações de dominação decorrentes de gênero e geração influenciam as entrevistadas enquanto agentes sociais, submetendo-as a um domínio que tem a ver com o poder simbólico, "[...] este poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles

que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2001, p.7-8).

Tudo leva a crer que para escapar ou enfrentar esse poder que nem sempre se dá a ver e que se mostra onde menos se espera, as mulheres que entrevistamos desenvolvem uma argúcia fina e sensível para se moverem nesse campo regido por este poder simbólico.

O sentimento da amizade emerge de modo delicado nos relatos referentes ao mundo privado, produzindo narrativas matizadas pelos seus espaços de existência com a família, envolvendo o trabalho com a casa e os amigos.

Os relatos sobre a cidade revelam a relação afetiva que mantêm com a *urbe*, decorrente das lembranças vividas nos espaços que para elas se caracterizam como lugares de memória, todavia queixam-se e criticam a aspereza e a inadequação das vias e logradouros públicos que não oferecem condições físicas adequadas aos trajetos e fruição da cidade pelos idosos.

Procuramos assim, revelar e tentar compreender o modo como essas mulheres lidam, hoje - na condição de mulher e de ser considerada velha pela sociedade em que vivem - de modo sensível, com as diferentes relações que compõem suas redes de sociabilidade, verdadeiros sistemas de padrões duráveis construídos em torno da condição de gênero e geracional que acabam por exigir delicadeza no trato com esses padrões que, ao estruturarem as relações que compõem o campo onde se movem, levam-nas a enfrentar e superar preconceitos e pré-noções sobre a velhice e a criarem novos padrões estruturantes de outras formas de viver esse momento, definido por alguns como o “tempo da fragilidade”.

CAPÍTULO 2

A PESQUISA: COMO SE DEFINIU O PERCURSO DE ANÁLISE.

2.1 A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO DA PESQUISA E A ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

O interesse em abordarmos a velhice em nossa pesquisa surgiu em um momento em que se observa processo acelerado de envelhecimento da população no Brasil, assim como o grande interesse de estudos sociológicos e antropológicos acerca dessa questão. Chamou também nossa atenção a heterogeneidade nos modos de vivenciar essa velhice e as muitas transformações sociais das últimas duas décadas para as mulheres brasileiras que vivenciam esse momento. Sentimos assim um desejo e uma motivação enquanto Socióloga em entender como a mulher passa por esse processo de envelhecer que a condição humana nos impõe, sejamos homem ou mulher.

Ao decidirmos investigar a situação da mulher na velhice, sabíamos de antemão que o grupo, embora residindo em uma cidade de médio porte, vivia um momento caracterizado pelo aumento da longevidade no Brasil e no mundo, portanto suas percepções individuais deveriam ser interpretadas à luz desse processo com todas as conseqüências dele advindas, tais como a necessidade de revisão dos seus habitus e comportamentos diante da perspectiva de uma vida longa. Ademais, uma possível demanda por políticas públicas voltadas para esse segmento social ao qual pertencem.

O grupo investigado é constituído de cinco depoentes escolhidas por meio de uma rede de conhecimento, resultando em um grupo heterogêneo, composto de mulheres que não convivem entre si.

Os critérios de escolha foram o da idade acima de 60 anos, e o de que fossem mulheres com vida ativa, seja nas relações no interior da família - vida privada - ou no meio social - vida pública - ⁸, o que nos possibilitou a dar voz à mulher envelhecida, proveniente de várias camadas sociais, e com estilos de vida diferenciados.

⁸ No terceiro capítulo abordaremos com ênfase maior a questão público/privado.

As entrevistas ocorreram nos meses de setembro a dezembro de 2011 nas casas das mulheres, onde tive a oportunidade de observar seus lares, as regiões da cidade onde moram e os caminhos que percorrem para se locomoverem.

Os depoimentos coletados seguiram a sequência de, inicialmente sabermos mais sobre suas sociabilidades e em seguida sobre o envelhecimento do corpo. Estes foram gravados e transcritos e, posteriormente, submetidos à análise, com o consentimento das entrevistadas de utilizarmos seus nomes verdadeiros neste trabalho.⁹

O instrumento de coleta de informações privilegiou questões qualitativas. As entrevistas em profundidade propiciaram verdadeiros depoimentos, pois segundo Goldenberg (2003, p.63), tais entrevistas proporcionam “respostas livres, não limitadas por alternativas apresentadas e o pesquisado fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é proposto”.

Nosso roteiro de entrevista anexo a este trabalho foi elaborado seguindo cinco tópicos que consideramos importantes para as análises propostas: dados pessoais; história de vida; relações familiares e de sociabilidade (no passado); relações familiares e de sociabilidade (no presente); percepção a cerca do processo de envelhecimento do corpo. As entrevistas duraram em torno de duas horas, sendo que a mais longa durou duas horas e quarenta minutos.

Os relatos foram muito importantes, porque o entusiasmo demonstrado por parte das entrevistadas se deveu à oportunidade que tiveram em falar sobre suas histórias de vida e, sobretudo, por poderem realizar uma reflexão sobre uma fase de suas vidas que por si é complexa, pois, interpretando Beauvoir (1990), o velho se vê num processo de alteridade no qual o espelho ora é o outro, ora é toda a sociedade. Consideramos assim, pela experiência, que esse exercício, tanto para o pesquisado como para o pesquisador, requer compreensão sensível e delicadeza de raciocínio. Buscamos, então, apreender como seus discursos se relacionam às suas práticas e como essas acontecem.

O tratamento que nos foi dispensado revelou que havia, em algumas delas, certa expectativa de que o trabalho acadêmico pudesse resultar em melhorias

⁹ Este estudo será doado ao CDPH/UEL – Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina, para que seja disponibilizado, como fonte, para outras pesquisas.

advindas de políticas públicas voltadas para as questões por elas discutidas, bem como mudança de valores sociais referentes à velhice.

Revelou também que falar de suas vidas, cotidiano, carreiras, de seus companheiros, de seus filhos e netos, significou “repassar” acontecimentos pregressos a partir de um presente em que a experiência acumulada possibilita (re) significar acontecimentos que marcaram suas vidas.

Os depoimentos dessas entrevistas produziram importantes sentidos tanto acerca de suas sociabilidades tanto no que tange à vida privada como à vida pública, pois segundo Britto da Motta (2012, p. 85):

Se já é difícil encontrar uma história das mulheres, essas eternas prisioneiras da vida privada e do cotidiano, que dirá uma história das mulheres velhas! Quem estaria interessado na sua “desimportância” social?! Entretanto, mal ou bem, várias histórias – diretas ou adjacentes – das mulheres e da vida privada, têm se seguido. Mas, inadvertidamente, sempre omitindo as velhas. Quando alguém se dispõe, afinal, a contar uma história das mulheres velhas, mesmo do tempo mais recente, como o século passado e a primeira década do presente, enfrenta a escassez de pesquisa e de documentação sistemática.

Para esta autora, o registro social da vida das mulheres envelhecidas neste início de século, é valioso para compararmos as “pressões e omissões sociais”, que as mulheres ainda sofrem, apesar das conquistas, proporcionadas pelo movimento feminista e com a aposentadoria.

Britto da Motta (2012, p. 100) relata que “Muitas das velhas de hoje ainda contam “seu tempo” assim: “Aconteceu no ano em que eu me casei.” “Não foi nesse ano, meu primeiro filho ainda não era nascido”. Como se o tempo delas tivesse ligado à vida de reprodução, de criar filhos.

Maria Lúcia, por exemplo, apesar de ter trabalhado fora do lar por 30 anos e de seu capital intelectual, adquirido de anos de estudo e de vida acadêmica, relata também seu tempo se lembrando do nascimento dos filhos.

Nasceu meu primeiro filho, no dia 01 de maio de 1965. /.../ Passou uns tempos e o meu marido teve uma oportunidade de vir trabalhar aqui no Paraná e nós estávamos com aquela dificuldade de começo de vida de casados, com nenê pequeno. Nós nos animamos e viemos em 1966 para Maringá. Pra mim foi um choque, parecia que estávamos no Japão, tudo era em japonês, um monte de japoneses pela cidade. /.../ Eu ia à feira, não tinha asfalto. Foi um aprendizado espetacular e duro. Eu me atolava na lama na feira. Em 1968 nasce meu segundo filho. /.../ Lá em Maringá, eu tive meus três filhos com parto normal.

Essa identificação do tempo de suas vidas com o tempo em que nasceram seus filhos ou com o que ocorreu com a família, faz parte dos relatos de todas nossas entrevistadas, porém, entre elas, a ênfase dada ao trabalho e às atividades públicas também é notável.

Observamos ainda, que elas, como idosas do século XXI e com a condição socioeconômica que alcançaram na vida, seja por intermédio da aposentadoria do seu trabalho ou da pensão do marido falecido, estão compreendendo e vivendo com mais liberdade e autossuficiência a velhice e apesar da idade, suas falas não revelam aceitação do padrão de velhice que a sociedade tradicionalmente vem impondo às mulheres nessa fase da vida. Cada qual revela um modo particular de se relacionar com esse padrão, indicando que não há uma identidade, mas identidades referentes à velhice feminina.

Como já dito, seus relatos conferiram ênfase ao tempo ligando-o à maternidade, mas também aos trabalhos que desempenharam ao longo de suas vidas e aos que ainda realizam, seja no lar ou fora dele, como se esse fator fosse um dos mais determinantes de suas condições físicas e de inserção na sociedade.

A chegada da velhice, a viuvez, para uma grande parte dessas mulheres, não significam uma vida inativa, limitada e isolada. Essas mulheres, como tantas outras, assumem papéis diferenciados, tornando-se verdadeiros agentes atuantes e participando da sociedade e de suas mudanças atuais.

As pesquisas acadêmicas tentam dar conta dessa diversidade tentando compreender os diferentes aspectos que envolvem a temática e os problemas que envolvem essa parte da população brasileira que, atualmente, constitui maioria no contexto da velhice no Brasil, assim como na maioria de outros países. São inúmeras as discussões e temas que dizem respeito à condição de mulheres acima de 60 anos, a exemplo de modos de vida e sociabilidades, arranjos familiares, aposentadoria, políticas sociais, entre outras.

Nosso estudo, como já salientado em páginas anteriores, tem a intenção de compreender as especificidades que caracterizam o modo de vivenciar o envelhecimento, ou seja, o processo de compreensão revelador da diversidade de sociabilidades, significações, sentidos e práticas sociais referentes ao grupo de entrevistadas.

Segundo Goldenberg (2003), pesquisar a sociabilidade de indivíduos dentro dos critérios das Ciências Sociais é um processo de investigação complexo,

pois para o pesquisador que privilegia o depoimento, são os agentes que produzem os sentidos de suas práticas cotidianas e isso requer uma reconstituição minuciosa dos significados das relações sociais em jogo. Nesse sentido, há uma tendência do pesquisador em considerar que os dados que compõem o seu microuniverso de análise reproduzem a totalidade da questão investigada. Goldenberg (2003, p.61) alerta para esta problemática quando acentua:

Um dos principais problemas da pesquisa qualitativa está relacionado à certeza do próprio pesquisador com relação aos seus dados. A sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo o faz esquecer que somente uma parte bem reduzida da totalidade está representada nos dados.

A autora esclarece que o pesquisador não deve estar ligado somente às suas próprias intuições, mas a um quadro apropriado de referencial teórico.

Foi com essa preocupação que não apenas elegemos determinados referenciais teóricos que acentuam o conceito de sociabilidade, o de envelhecimento, o de feminilização da velhice, como tentamos construir um paradigma teórico-metodológico inspirado em Pierre Bourdieu que acabou por definir um campo simbólico no qual nossas entrevistadas se veem como portadoras de *habitus* de gênero e de geração, condição influenciada pela classe social a que pertencem.

Nossas análises consistiram em identificar os sentidos atribuídos pelas informantes a respeito de suas tarefas produtivas (do presente e do passado), sejam no lar ou fora do lar, de suas motivações para a vida social, das relações amorosas e familiares, das expectativas de futuro, enfim, de como vivem o cotidiano e estabelecem redes de sociabilidades.

Conforme as análises avançavam foi possível perceber que as formas diferentes de vivenciar a velhice estavam relacionadas às posições que nossas entrevistadas ocupam na sociedade de classes e nos campos simbólicos nos quais elas se veem como agentes.

Desse modo, investigamos as diversas formas de viver o cotidiano por essas mulheres, as sociabilidades e suas práticas sociais na vida pública e privada, procurando ampliar a percepção assim como os sentidos que as mesmas atribuem ao mundo, enquanto sujeitos, nos vários campos em que circulam.

2.2 QUEM SÃO AS MULHERES ENTREVISTADAS?

Como salientado anteriormente cinco mulheres fazem parte deste nosso estudo:

Ana Maria Castelo Branco Rabelo, 67 anos, baiana, mestre em Letras, descendência portuguesa, aposentada como professora universitária, solteira, católica, não teve filhos. Entrevistada, em sua casa, no dia 22 de setembro de 2011;

Dora Ryff Correia Lima, 85 anos, gaúcha, descendência suíça, formada em Línguas Neolatinas, viúva, do lar, aposentada como pensionista esposa de militar, católica, mãe, avó e bisavó, teve três filhos, teve dez netos e tem duas bisnetas. Entrevistada, em sua casa, no dia 21 de outubro de 2011;

Maria Lúcia Victor Barbosa, 73 anos, mineira, descendência alemã e francesa, graduada em Sociologia Política, casada, aposentada como professora universitária, católica não praticante, esposa, mãe e avó, têm três filhos e dois netos. Entrevistada, em sua casa, no dia 26 de setembro de 2011;

Antônia Ferreira Andrade, 79 anos, baiana, não informou descendência, não alfabetizada, viúva, do lar, aposentada como pensionista, pela morte do marido produtor rural, trabalhou na roça, é mãe, avó e bisavó, teve 14 filhos, tem 16 netos e duas bisnetas. Entrevistada, em sua casa, no dia 04 de novembro de 2011;

Maria das Graças Vicelli, 60 anos, paranaense, descendência alemã, graduada em Direito, solteira, aposentada pela Prefeitura Municipal de Londrina, continua trabalhando em trabalho formal. É católica não praticante, tem 01 filha e 01 neta. Entrevistada, em sua casa, no dia 18 de novembro de 2011.

2.2.1 Ana Maria

Ana Maria é professora universitária aposentada pela UEL (Universidade Estadual de Londrina). É solteira, mora no centro da cidade e tem 67 anos. Ao falar sobre sua história de vida, Ana Maria vincula sua biografia individual ao mundo público por meio do trabalho, embora o tema da entrevista fosse o lazer e outras formas de sociabilidade que não o trabalho. Após relatar sobre sua profissão, falou sobre o trabalho do pai, o que demonstra que seu discurso se orienta pelo que

predomina nas sociedades contemporâneas, ou seja, o mundo do trabalho e as relações produtivas do mercado.

Em seguida, fala sobre sua formação profissional, os colégios e a universidade em que estudou orientada mais uma vez pela ideia de profissão, isto é, como se preparou para ser uma mulher produtiva e vinculada ao mundo do trabalho.

O depoimento da entrevistada nos remete a Richard Sennett (2009) na obra “O Artífice”, onde analisa o trabalho artesanal, ele confere ao trabalho uma “centralidade necessária e capaz à constituição de um sentido para a vida”, negando assim alguns pensamentos que separam as atividades manuais das intelectuais. O autor enfatiza que no trabalho artesanal “[...] os detalhes do trabalho cotidiano não estão separados do produto do trabalho”, e que “[...] podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas”. (SENNETT, 2009, p. 12,18).

Ao encontro da visão de Sennett (2009), sobre o trabalho artesanal, o trabalho para Ana Maria, aparece como uma referência, um valor ético, uma construção identitária que conduziu sua vida. É certo que a avaliação feita pela entrevistada refere-se ao trabalho que desenvolveu no ambiente acadêmico universitário, onde a liberdade de criação, a identificação com o processo e com produto do seu trabalho – o conhecimento de uma língua estrangeira e a crítica literária – são muito fortes. Sabe-se também que a perspectiva de carreira do professor universitário produz um forte sentimento de estabilidade e a certeza de poder realizar um projeto intelectual. Tanto que Ana Maria hesitou muito em se aposentar.

Eu acho que o que eu fazia antes eu não faço mais nada, eu me desliguei do magistério totalmente, eu virei mais aluna agora. Acho que o que mudou foi bom, mas o processo antes da aposentadoria foi de muito medo, eu tinha muito medo de aposentar-me, eu pensava que como vivi na UEL por 33 anos, eu ficaria sem chão depois que me aposentar. Acho que nas primeiras semanas eu senti muito falta dos meus colegas de trabalho, apesar das desavenças que há. Eu transferei minha vida pessoal pra essa situação de trabalho. Então eu tive muito medo da aposentadoria, porque eu via pessoas que se aposentaram mais cedo que eu e me diziam pra me aposentar, mas eu assinei o meu pedido três vezes e ficava protelando, pois os colegas diziam para eu esperar, pois não havia contratação de outros professores e eu me sentia valorizada com aquilo. Acho que é por isso que eu fui ficando, mas tudo veio no momento certo.

O lazer somente aparece, pela primeira vez na sua fala, quando relata as atividades da mãe. Define-a pelo não trabalho: “*minha mãe não trabalhava, mas tinha uma vida social muito ativa*”.¹⁰

É na história de vida da mãe que insere a sua própria biografia, bem como outros tipos de sociabilidade que não as que predominam no mundo produtivo.

Sua mãe Lilá é descrita como uma mulher que se vinculou ao mundo público pela beneficência. Algo que ainda persiste e caracteriza a contemporaneidade. Baldini (2000) discute como a *philia* (amizade), um tipo de sociabilidade, muito forte na antiguidade, inclusive importante no mundo público, foi perdendo o espaço para *Eros* (amor) e *ágape* (caridade). “Com o advento do cristianismo a amizade perde força para a caridade”. (BALDINI, 2000, p.37).

Orientando-nos pela perspectiva deste autor, na antiguidade os gregos praticavam a verdadeira amizade, pois essa tinha um caráter de reciprocidade. Com o surgimento do cristianismo, ainda segundo Baldini, ocorre uma perda de significado da palavra “amigo” e uma preeminência de sentidos atribuídos à palavra “próximo”.

Dona Lilá, citada pela filha como “*Dama de Caridade*” ficou conhecida em Londrina como mulher católica, vinculada à filantropia voltada para a saúde (Instituto do Câncer) e ao mundo da política relacionada também às obras assistenciais.

Embora Ana Maria admita que sua história de vida fora bastante “*fragmentada*”, devido às frequentes mudanças de cidade por conta do trabalho do pai, relata que sempre teve uma vida pública intensa, como estudante e mesmo depois como profissional. Lembra ainda que fez teatro, viajou muito com amigas e saía à noite para frequentar bailes e festas, afirmando que sua geração era consciente e moderada no consumo de álcool, o que diminuía os riscos no trânsito.

Ana Maria se considera comprometida com um trabalho social que desenvolve desde muito antes de se aposentar. Ao falar de suas atividades no Centro de Valorização da Vida – (CVV), deixa transparecer que foi o lado da caridade desempenhada pela mãe que a inspirou, contudo percebe-se em sua fala que seu papel no CVV tem mais a ver com a *philia* ou amizade do que propriamente com a *ágape* ou caridade.

¹⁰ As falas das entrevistadas seguiram a opção itálica com a finalidade de diferenciá-las das citações bibliográficas.

Quando atende as pessoas no CVV, não confere um sentido triádico - relação com o outro e em Deus - à conversa, mesmo porque como ela própria admite, embora seja católica, não há uma referência ao Deus desta ou daquela religião e suas conversas parecem se orientar por uma relação diádica – ela e o outro - de valorização da dignidade humana. Orientação que passa pela questão da amizade como define Baldini, ao homem que não se deve deixar relegado à solidão.

[...] a amizade é facultativa, espontânea, não comunitária, não necessariamente santa; ao contrário, a caridade é um dever, comunitário, não arbitrário. Enfim, a caridade possui um caráter mais puramente oblato do que a amizade; de fato, enquanto a amizade é necessariamente recíproca, a caridade pode permanecer muito tempo, ou mesmo para sempre, não retribuída. (BALDINI, 2000, p. 3).

Como ela mesma admite, embora católica, em sua vida pessoal, há aberturas para outras religiões, já que para ela a solidariedade é um indicador que está acima das diferenças religiosas:

Eu vou à igreja católica todo domingo, mas também vou a um encontro todas as terças-feiras com um pastor. Eu acho também o espiritismo espetacular, pois as pessoas que frequentam essa filosofia ou religião são tão altruístas, generosas, disponíveis. Eu acho que essa condição de ser solidária e compreensiva com as pessoas hoje é fundamental.

Para Ana Maria, o espiritismo é frequentado por pessoas boas e que estão sempre dispostas a ajudar os outros. Acredita que a solidariedade, na sociedade contemporânea, é uma necessidade, atribuindo-lhe vital importância.

Por meio do seu trabalho voluntário no CVV consegue ter um conhecimento mais detalhado dos anseios das pessoas vivendo em uma sociedade nos dias de hoje, revelando sensibilidade e preocupação com a dignidade humana.

As questões que envolvem o envelhecimento do corpo parecem não causar grandes preocupações em Ana Maria. Ela se representa como possuidora de um corpo saudável, com personalidade independente e otimista. Retrata-se como pessoa ciente de sua idade e dos limites que isso estabelece, sem deixar de valorizar sua feminilidade e disposição física.

No meu corpo eu sinto as limitações da idade, surge um probleminha no joelho, um probleminha de artrose, mas eu procuro manter um pouco de atividade física e meu corpo hoje não me limita a fazer nada do que eu fazia no passado. Somente ao subir e descer escada, às vezes, é complicado. A minha professora de ginástica fala que eu estou muito bem, lá na nataçãõ alguns me convidam para concorrer no “máster”. O “máster” é um grupo da terceira idade que concorre na nataçãõ. Ainda eu não estou sentindo algo que me trave.

Para nossa entrevistada, torna-se mais importante ter a aprovaçãõ de sua professora de nataçãõ, quando o assunto é saúde corporal, do que propriamente sua aparênciã física. O esporte, para ela, é um estímulo à saúde, o que revela uma notável preocupaçãõ com a manutençãõ da forma física, mas sem estar ligada a estereótipos de beleza do corpo ou de perfeiçãõ estéticã imposta pelos padrões da moda e da mídiã contemporâneã.

A moda não me chama muito a atençãõ, acho que eu já estou meio desligada disso. Eu parei e refleti que aqui no Brasil a moda é muito para o jovem. Muitas lojas fazem um GG de jovem, não acompanha mais o padrão da mulher brasileira. Eu vi na Europa que você chega a um magazine, tem a calça comprida com a perna curta, comprida, média, eles têm uma preocupaçãõ de atender todos os padrões e aqui no Brasil não há isso. Aqui você, veja eu sou cheinha, é mais difícil encontrar uma moda alegre, bonita para mim, a moda é muito para o juvenzinho. Parece que é só o juvenzinho que compra, mas isso não é a verdade, né? Até os sapatos são muito altos e coloridos.

Percebe-se, em seus relatos, que embora não siga padrões de moda ou de beleza, usa a criatividade para se destacar, se fazer notar, e o importante para Ana Maria é estar bem consigo mesma.

Quando eu frequento o mesmo espaço que os jovens eu me sinto muito bem, não sinto nada diferente. No ano passado, fui ao Ceará com um bando de jovens do secretariado da UEL, só eu de coroiçãõ.

A populaçãõ brasileira, acima de 60 anos, ainda não encontra um mercado favorável voltado para sua idade. As reclamações não partem somente de Ana Maria. Os padrões exigidos pela moda brasileira seguem a beleza do corpo considerado perfeito, mais do que a preocupaçãõ com a elegânciã.¹¹

¹¹ Em pesquisa realizada pelo *Indicator GKF* e publicada no site Portal da Família de 23/05/2003, foram ouvidas 1,8 mil pessoas acima de 60 anos, sobre a mudançã nos costumes quando se trata do consumidor acima de 60 anos. Acesso em: 05 de março de 2012.

Como o passado de Ana Maria foi de uma professora que sempre trabalhou com jovens, essa convivência entre gerações aparece na sua fala, expressando otimismo ao citar seu bom relacionamento com a juventude.

Ao falar sobre sua sociabilidade diz que sempre está em companhia de amigas e que costuma ir a restaurantes, algumas vezes em *shoppings*, preferindo, todavia as viagens internacionais e nacionais que costuma fazer, embora admita que seus rendimentos exijam que elas sejam financiadas (parceladas). Diz ter o costume de ir ao teatro e que nas viagens internacionais prefere hoje, fazê-las em companhia de outras pessoas, diferentemente do passado quando viajava sozinha.

Eu acho que quando eu era mais jovem era mais fácil de fazer amigos, mas hoje em dia com a chegada da terceira idade, a pessoa fica um pouco acho que prudente ou desconfiada, eu não sei que sensação é essa, você quer viajar com um grupo de pessoas. Você quer se sentir protegida, você quer saber pra que hotel você vai, com tudo muito certinho. Acho que sua pergunta está me fazendo refletir se a gente fica mais limitada ou cuidadosa? [...] Agora eu prefiro viajar com alguém da família ou amigo, interessante que eu viajava sozinha, eu fui ao México sozinha, fui à França sozinha, mas agora parece que não tem muita graça ir sozinha. Eu acho que quando eu era mais jovem era mais fácil de fazer amigos, mas hoje em dia com a chegada da terceira idade, a pessoa fica um pouco acho que prudente ou desconfiada, eu não sei que sensação é essa, você quer viajar com um grupo de pessoas. Você quer se sentir protegida, você quer saber pra que hotel você vai, com tudo muito certinho.

Ana Maria comentou que sempre foi muito de viver em grupo, pelo fato de ter sido professora e de ser sociável, mas admitiu nunca ter pensado em participar de grupos ou programas de terceira idade. Sua sociabilidade não se restringe ao âmbito local ou nacional, pois pelo fato de ter morado na Europa (Londres), de falar inglês (na Universidade foi professora de literatura inglesa), seu estilo de vida é notadamente cosmopolita.

Eu me sinto muito melhor agora aposentada do que antes. Estou mais consciente. Eu gostava de trabalhar, mas agora eu estou fazendo tudo aquilo que eu gosto, tudo aquilo que eu quero fazer, nada compulsório. Meus planos para o futuro acho que eu estou vivendo no meu presente. Este apartamento é meu, eu podendo viver com as pessoas já está bom. E pretendo conhecer a Rússia, [...], também gostaria muito de conhecer a China, ainda mais que eles estão vivendo um crescimento vertiginoso e eles têm uma cultura milenar. Eu me esqueci de te falar que eu vivi em Londres, um tempo, quando fiz o mestrado. Eu quero te dizer que eu viajei muito e conclui que todas as pessoas são iguais em todos os lugares, todos querem ser feliz, todos têm as mesmas aspirações.

Ana Maria vive um cotidiano diferente daquele em que vivia antes da aposentadoria. Sua rede social foi para além das amizades relacionadas ao trabalho. Ela diz que se sente mais feliz hoje, se transformou de professora em aluna, aprende natação, mosaico, estuda *eneagrama* (teorias psicológicas) e faz também hidroginástica. Nas argumentações de Bauman (2005, p.24), a velhice poderia ser uma conquista de libertação, porém, para muitos, transforma - se numa experiência de perda e abandono, o que não ocorreu com Ana Maria, pois ela se considera uma mulher mais feliz com a aposentadoria e conseguiu outras formas de sociabilidade.

No início da década de 60, Ana Maria veio para Londrina e seu relato dessa época é de que era uma cidade pequena ainda:

Eu me lembro de que ali ao lado da Catedral e Concha Acústica aconteciam as quermesses beneficentes. Onde havia muita participação. Era o Shopping Catuaí da época, onde toda a grande sociedade né, a sociedade se encontrava porque tinha a barraca portuguesa, a barraca árabe, a barraca italiana.

As várias etnias que compunham a população da cidade aparecem em sua fala como um fato positivo e promissor. Ana Maria também disse que não frequenta muito os Shoppings Centers, mas vê com bons olhos a chegada deles à cidade e que, aos domingos, há a formação de uma minicidade no interior do Catuaí.

O pioneirismo e a fraternização que envolvia a cidade nos anos 60 aproximavam as pessoas, mas com a chegada da televisão essa rede de sociabilidade foi prejudicada. Não que eu seja contra televisão, mas havia uma participação bem maior [...]. Havia mais tempo.

Tendo Bauman (2005, p.24) como referência, podemos inferir das falas de Ana Maria que nas sociedades de seus pais havia uma rotina, uma proximidade entre as pessoas que dava mais segurança, como se o tempo vivido pelos pais proporcionasse mais estabilidade do que seu próprio tempo. A explicação do autor é que o ambiente da vida contemporânea além do excesso de consumo vem acompanhado de uma cultura da individualização que dificulta a convivência e a sociabilidade no mundo público.

Embora concorde com as bruscas mudanças que Londrina atravessou desde a década de 60, decorrentes da urbanização acelerada, a entrevistada descreve a cidade com entusiasmo, considerando que os aposentados

vivem bem em alguns espaços públicos londrinenses, porém, com algumas restrições ou por omissão do poder público municipal ou aos problemas de comportamento da população:

Eu acho que Londrina já oferece alguns espaços para os aposentados. Os festivais de música e teatro já oferecem esses espaços e eu acho que Londrina está sedenta assim de mais espaços para os idosos. Eu acho que a questão da segurança precisa melhorar. O trânsito também precisa melhorar, as pessoas são muito estressadas e mal educadas até pior que em São Paulo. Eu dirijo e percebo que em São Paulo as pessoas obedecem as leis, aqui é falta de educação mesmo.

Ana Maria não faz referências negativas à cidade de Londrina, mas sim aos que não se comportam com urbanidade ou civilidade. Faz críticas às pessoas mal educadas, no trânsito e nos lugares em que transita. A falta de segurança também faz parte de suas preocupações com a cidade.

Acho que sua pergunta está me fazendo refletir se a gente fica mais limitada ou cuidadosa? A gente não quer correr muito risco, quando a gente vai a um show com pessoas de idade, não é que a gente se sente marginalizado, mas a gente não circula mais como jovem faz, pra lá e pra cá né? A gente quer uma acomodação maior.

Acredita que a violência aumentou muito na *urbe* e que há falta de diálogo entre as pessoas. Essa insegurança e riscos, citados por Ana Maria, fazem parte de um sentimento presente, nos dias de hoje, em moradores de grandes cidades. Segundo Bauman (2009, p. 40), a segurança, a tranquilidade e a confiança estão ausentes nos grandes centros urbanos. “Paradoxalmente, as cidades – que na origem foram construídas para dar segurança a todos os seus habitantes – hoje estão cada vez mais associadas ao perigo”. Para o autor, todos os mecanismos de segurança possíveis são acionados por todas as faixas de idade ou nível social, no entanto, são as segregações e exclusões que, em parte, provocam as “guerras urbanas”, expondo assim, qualquer faixa etária ao perigo da violência e da humilhação. É certo que essa insegurança extrema apontada pelo Sociólogo é característica das metrópoles, não se manifestando com essa intensidade em cidades média, como Londrina, apesar de estar presente em alguns bairros periféricos da cidade.

Uma questão observada por Ana Maria é com a falta de preservação das casas antigas da cidade, dando lugares a edifícios gigantescos que

comprometem a paisagem urbana. Para ela, o patrimônio público precisa ser preservado para o registro da história da cidade. *“O Museu é um lugar lindo e resgata toda a história, a arquitetura germânica. Um lugar que traz muito encontro, muita partida, muita esperança”*.

Sobre a questão da preservação da memória patrimonial de uma cidade, recorremos a Cesário (2011, p.219), que diz: “Quando formula e executa uma política oficial de patrimônio, o Estado produz também uma narrativa sobre a memória nacional e sobre a preservação de bens patrimoniais, tanto materiais como os imateriais.” A autora nos esclarece sobre a importância da preservação patrimonial e da memória, não somente local como também nacional, com a finalidade de transformar esses espaços públicos de preservação em locais de fruição, criando pontes entre a vida privada das pessoas com a vida coletiva.

Embora Ana Maria concorde com a existência de espaços públicos para os idosos, uma preocupação recorrente na sua fala é com a falta de condições nesses espaços para a segurança e conforto.

Quando indagada sobre as políticas públicas voltadas para o idoso nas cidades, nossa entrevistada não se restringe a opinar sobre programas destinados especificamente a ele. Os programas de “terceira idade” ou “melhor idade” não são vistos por Ana Maria como negativos ou estigmatizantes. No máximo, o que se percebe é que ela os vê como eufemismos, porém, diz que esses termos suavizam a questão da velhice.

Quando estive na Bahia e fui a um show, eles puseram um carimbo assim: idoso, no meu ingresso e eu me senti assim meio rechaçada. Eu sei que eu estou me enganando, pois é tudo a mesma coisa, mas acho que esses termos suavizam sim e as farmácias também já utilizam esses termos né?

Percebe-se que o sentido por ela atribuído ao envelhecimento, no fragmento de discurso acima, nos conduz à discussão já feita por pesquisadores que relativizam ou mesmo criticam as expressões “terceira” ou “melhor idade”.

Note-se que a entrevistada admite, em sua fala, a possibilidade de estar se enganando com a troca dos termos, idoso por terceira idade ou melhor idade. Ainda sobre a condição do idoso na cidade, sua opinião é que houve um aumento da violência urbana decorrente do uso de drogas e da insegurança que

envolve a vida em Londrina nos dias atuais. Acreditando na necessidade de resolvê-los.

Ana Maria desconhece o Estatuto do Idoso¹², mas disse que irá se informar sobre o documento. Num primeiro momento, pode parecer estranho que uma professora universitária aposentada não conheça o Estatuto. Contudo, de modo geral, a ideia predominante que se tem de política é a institucional referente a partidos, eleições e representação política. Geralmente os direitos civis e sociais se confundem com os direitos políticos, o que acaba por restringir o campo da política à democracia representativa, ficando de fora as formas de participação direta (e semidireta), muito presentes no Estatuto do Idoso.

Sua visão a respeito do Brasil revela esperança e positividade por estar sendo administrado por uma mulher acreditando de que o idoso brasileiro será mais respeitado.

Eu acho que a nossa Presidenta também já está entrando na terceira idade né? Ela também está com uma assessoria de ministras e eu acompanhei a repercussão dela na ONU, nos Estados Unidos e eu tenho muito esperança nela, eu não sou muito entendida de política, mas eu acho que ela se expressou muito bem na ONU.

Observe-se que a avaliação positiva que faz assenta-se não apenas em critério de gênero, mas também de idade, indicando identidade com a Presidenta, uma vez que, além de avaliá-la como mulher, lembra que também pertence ao seu grupo geracional.

2.2.2 Maria Lúcia

Nascida em Belo Horizonte, Maria Lúcia é casada, tem três filhos homens, foi professora universitária por mais de 20 anos e atuou como Socióloga, por cinco anos, junto à Companhia de Habitação de Londrina (COHAB/LD).

¹² No Brasil, o **Estatuto do idoso**, de iniciativa do Projeto de lei nº 3.561 de 1997 e de autoria do então Deputado Federal Paulo Paim, foi fruto da organização e mobilização dos aposentados, pensionistas e idosos vinculados à Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas - COBAP, resultado de uma grande conquista para a população idosa e para a sociedade. Foi aprovado, pelo Congresso Nacional, pela Lei 10741 em 1º de outubro de 2003. Este Estatuto formam as bases das políticas públicas brasileiras relativas ao idoso. site www.estatutodoidosodobrasil.com.br. Acesso em: 04 de agosto de 2012.

Eu sou filha única, perdi minha mãe aos nove anos e perdi meu pai quando eu tinha quinze anos. Então eu fui acolhida por tios muito bons que cuidaram de mim, mas não é fácil para uma menina ficar órfão assim muito cedo. Então, eu desenvolvi certa independência muito cedo.

Maria Lúcia relata que sua mãe sempre quis mudar de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro: “[...] então fomos para o Rio e naquela época a medicina não tinha tanta evolução. Ela morreu de uma coisa simples. Foi de uma coisa estragada que ela comeu. Hoje isso seria sanado facilmente”.

Em relação à perda do pai, disse ter sofrido muito:

Mas quando meu pai morreu, eu então com quinze anos, fiquei num desgosto profundo. Eu tinha uma ligação enorme com meu pai, pois eu só tinha a ele, minha mãe já tinha ido. Eu pedi a minha tia que eu queria ficar no colégio interno, tal desgosto eu estava. Eu fui parar no Colégio Sion de Campanha, no sul de Minas. Era um Colégio das Freiras.

Hoje, com 73 anos, Maria Lúcia fala desses acontecimentos com pesar, demonstrando determinação ao enfrentá-los. Demonstra também ter sido feliz no casamento, realizada na profissão e com planos e projetos de futuro. Até hoje é uma analista política atuante e crítica. Já publicou cinco livros, sendo o seu primeiro “*A pobreza do voto e o voto da pobreza – A ética da malandragem*”, editado por Jorge Zahar, um editor muito respeitado por ela. Lembra que em 1988 o livro é publicado com repercussão em todo o Brasil.

O primeiro livro, o grande Jorge Zahar aceitou. Eu entreguei para ele. Eu subi lá na editora dele no Rio de Janeiro, ele estava vivo ainda e eu disse: “Eu trouxe esse livro aqui para o senhor apreciar”. E ele me disse: “É muito difícil, vai passar por um conselho editorial ainda!”. Eu, ilustre desconhecida, saída de uma cidade do interior do Paraná. Mas eles aceitaram e publicaram. Para mim foi uma maravilha, porque era uma grande editora. O segundo livro, sobre a América Latina, saiu pela Editora Saraiva, em 1995. Eu nunca fiz mestrado nem doutorado. Eu comecei a fazer um doutorado, mas precisei largar, pois o meu terceiro filho nasceu e não deu pra continuar. Os meus mestrados e doutorados são meus livros. Eu sou uma autodidata, sempre fui. Os meus cursos que fiz no passado eu sempre passava de retardada a gênio.

Maria Lúcia refere-se às dificuldades que enfrentou em se adaptar ao ensino convencional, após ter sido educada, quando criança, por professora particular, em casa.

Quando eu era aquela menininha, filha única, que minha mãe cuidava com excessivos cuidados, com seis anos eu quis aprender a ler e eles mandaram uma professora lá em casa para me ensinar. Em dois anos eu aprendi a ler. Com oito anos eu já tinha lido mais de quatrocentos livros infantis. Meu pai, toda noite, sentava perto da minha cabeceira e lia umas histórias antes de eu dormir. [...] Ficamos no Rio por um tempo. Fomos morar com um irmão de papai e ele me colocou em um colégio na praia de Botafogo, só que eu não estava acostumada a receber um ensino com muitas crianças eu estranhei, pois estava acostumada a aprender com uma relação eu e a professora. Quando eu cheguei naquele colégio eu me dispersava e não conseguia prestar atenção, ficava vagando. Aquele gênio que aprendia rápido passou por uma menina abobalhada, caiu meu rendimento escolar, foi uma tragédia!

Nos dias de hoje, Maria Lúcia é aposentada, tem um blog no qual publica seus artigos e opiniões. Prefere definir-se como autodidata.

Seu depoimento é de uma trajetória de vida sempre cercada de livros e estudos. Em 1963 formou-se em Sociologia Política e Administração Pública na Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais e participou de grupo de estudos com Bolívar Lamounier, Simon Schwartzman, Betinho, entre outros. “O curso que fiz foi muito bom, nós tínhamos disciplina de Direito Internacional, eu gostava muito de Direito. Eu queria muito ter feito Direito. Agora não dá mais né?”.

Casou-se em 1964 com um estudante de arquitetura e teve seu primeiro filho em 1965. “Eu queria ter um menininho loiro, de olho azul, que nascesse num sábado, no por do sol. Só faltou o por do sol, mas quase deu, fiquei muito feliz. Ter um filho é uma realização muito grande”. Maria Lúcia demonstra ser uma mãe muito dedicada, afetiva e presente na vida dos filhos.

Ela e a família chegaram a Maringá, no ano de 1966.

Passou uns tempos e o meu marido teve uma oportunidade de vir trabalhar aqui no Paraná e nós estávamos com aquela dificuldade de começo de vida de casados, com nenê pequeno. Nós nos animamos e viemos em 1966 para Maringá. Pra mim foi um choque, parecia que estávamos no Japão. Tudo era em japonês, um monte de japoneses pela cidade. Eu ia à feira, não tinha asfalto. Foi um aprendizado espetacular e duro. Eu me atolava na lama, na feira. Eu tive meus três filhos com parto normal.

A chegada em Londrina aconteceu no ano de 1969. “O Doutor Dalton Paranaguá, então prefeito de Londrina, convidou meu marido para vir trabalhar aqui e nós viemos, dia 15 de novembro de 1969”.

Maria Lúcia relata que ajudou na elaboração do Curso de Ciências Sociais e que viu a Universidade Estadual de Londrina (UEL) nascer como um Campus Universitário, o antigo Perobal:

Naquele tempo, década de 70, os professores da UEL tinham muito idealismos, nós tínhamos a sensação de estarmos construindo algo para Londrina, nós dávamos o que tinha de melhor de nossos esforços. O Curso de Ciências Sociais, no início, nós, os colegas, éramos muito unidos, um ideal só. Nós ajudamos a elaborar o curso, nós participamos do nascimento da Universidade. Nós participamos da criação da Universidade. Quando eu cheguei ao Campus eles me puseram primeiro no CESA (Centro de Estudos Sociais Aplicados), porque eu dava aulas de Sociologia Aplicada à Administração. Eu tinha, no anfiteatro, 120 alunos da área de saúde. Todos reunidos em uma sala só. Quando eu dei aula na Administração eram 80 alunos. Eu nunca dei prova teste, era tudo prova dissertativa, eram subjetivas e eu corrigia uma a uma.

Ser uma das precursoras que deram início às atividades acadêmicas na UEL, para Maria Lúcia, é motivo de orgulho. Considera ainda que sua sociabilidade, em Londrina, se estabelece muito em torno do trabalho, lembrando que no início da UEL, viveu um tempo marcado pela atividade intelectual, de construção de uma carreira e de uma vida familiar, mas também um tempo permeado pelo lazer:

Meus vínculos eram múltiplos, não só das Ciências Sociais, eu tinha muita ligação com meus colegas do CESA. Naquele início, nem era UEL ainda, os alunos eram muito animados e nós sempre íamos para restaurantes tomar um chope, conversar. No início, minha sociabilidade era muito maior. Com minhas amigas e amigos da UEL. Em bailes eu não ia porque o marido não dança. Eu casada, com as crianças era mais difícil eu sair muito.

As redes de sociabilidade podem apresentar as mais diversas formas de contatos, como demonstra Britto da Motta (2004, p. 116), “[...] é um tempo agradavelmente preenchido, companhia, lazer prazeroso, informação e circulação social”. No passado de Maria Lúcia, sua sociabilidade estava mais ligada às suas atividades na Universidade, depois na COHAB/LD, instituição na qual também trabalhou por cinco anos, planejando e definindo políticas públicas para os Cinco Conjuntos de Londrina.¹³

¹³ A COHAB-Londrina, nos anos 70 do século XX, em consonância com a política do governo federal – que tinha como objetivo, construir um milhão de casas no Brasil –, deu início à construção de Conjuntos Habitacionais voltados para habitantes de baixa renda da cidade. O lugar escolhido foi próximo à região do Heimtal, onde havia lavouras de pequenos agricultores locais. Os cinco primeiros foram: o Conjunto Ruy Virmont Carnascialli, com 549 casas, o Milton Gavetti com 740 casas, Parigot de Souza I e II, com 1.170 casas, João Paz, com 814 casas e o Conjunto Semíramis Barros Braga, com 871casas. Após os cinco primeiros que deram origem à denominação Cinco Conjuntos, a região passou por um substancial crescimento com a construção de vários outros, estimando-se que, atualmente, lá existam 23 jardins, englobando os conjuntos e bairros. Em dados do IBGE/Londrina/2010, é a primeira região mais populosa da cidade, com 41.285 habitantes. www.cohabld.com.br/anos70.asp. Acesso em: 13 de abril de 2012.

Aquilo ali já era uma cidade. Eu quis montar um projeto e o primeiro passo foi a criação da Associação dos Moradores, pois eu quis trabalhar junto com eles, buscar as lideranças para a gente montar junto. O segundo projeto que era muito importante, pela elevação de renda, o terceiro era o de saúde, o quarto era cultural, o quinto lazer e esporte, o sexto, a construção e o que eles tinham de necessidade material para implantar tudo isso. De um centro comunitário, de um posto de saúde, [...] as reivindicações de asfalto, um telefone público. O sexto projeto chamava-se criação e manutenção de equipamentos comunitários. Eu levei esse projeto para o Rio de Janeiro e eles aprovaram e então eu vi que não conseguia dar aulas e fazer isso, porque eu trabalhava fim de semana e feriado. Era uma coisa insana para arrancar do chão aquela obra grande que abrangia mais de 100 mil pessoas. Era o nascimento daquilo tudo, as casas eram padronizadas e muita gente criticava. Eles modificaram tudo, agora tem casa até com piscina. Mas na época, era o começo daquilo. A prefeitura não ajudava em nada, era a COHAB e o Banco Nacional de Habitação (BNH). Eu contratei uns "gatos pingados" para me ajudar. Eu tinha um chofer que era epilético coitado. Uma Kombi velha. Tínhamos três estagiários de Ciências Sociais, três Assistentes Sociais, um de Esporte e uma de Educação Artística, todos eram contratados, da UEL. Os moradores me pediam casas, mas a minha parte era a social, mas eles vinham falar comigo para tudo. Eu explicava e ajudava na montagem das chapas para as eleições. Tinha a diretoria e eu ensinava como eles elegiam o seu presidente da sua Associação. Dessas diretorias saíam os projetos. Nós organizávamos cursos de pedreiro, de trabalhos manuais, etc. e isso gerava um efeito multiplicador, pois quem aprendia, ensinava depois outros. Eu organizei a primeira Associação das Artesãs de Londrina e eu ajeitava para elas irem expor em São Paulo, para vender. E a elevação da renda toda baseada nisso, para que daqueles cursos, que com a mão de obra deles, eles pudessem ganhar um pouco mais.

Maria Lúcia fala sobre esse período de sua vida profissional, com entusiasmo, por ter realizado um trabalho de planejamento e intervenção vinculado a uma política habitacional voltada para populações provenientes da zona rural e que se fixaram de modo precário na periferia da cidade. *"Foi o melhor trabalho que eu fiz na vida, foi muito além da sala de aula"*. Para Torres (2000, p.65): *"As consequências do trabalho sobre a vida do homem moderno podem ser traduzidas nas múltiplas referências ao contar suas histórias"*. Para a autora, isso ocorre devido ao sentido proeminente atribuído ao trabalho, em relação às outras experiências vivenciadas no cotidiano, confundindo-se com o significado e o sentido da própria vida.

Ainda, sobre o trabalho realizado junto à COHAB de Londrina, a entrevistada relata:

No esporte, eu consegui dois estagiários, pois eu vi que os rapazes chegavam da escola e ficavam ali sem nada pra fazer. Então eu comecei com esse trabalho e foi muito bom porque eles se interessavam e arrumavam seus uniformes e no final do ano eles competiam. Eu criei uma sociabilidade enorme lá. Em vez de ficarem fazendo coisas que não deviam, eles ficavam treinando para ganhar o campeonato. No final, a população reivindicava material e eles mesmos levantavam seus Centros Comunitários. Esse grande trabalho nosso, lá na COHAB, foi indicado, pelo BNH, na época, como modelo nacional. Eu pedi uma licença não remunerada da UEL e me dedicava só aquilo. E no fim, eu criei a Federação das Associações e todas as Associações eram registradas lá, em Cartório, tudo oficial. Cada vez que uma Associação tomava posse, vinha toda aquela comunidade, tinha uma cerimônia, era muito bonito. Vinha toda a comunidade.

Maria Lúcia relata que esse trabalho a fez se sentir valorizada na profissão, aceita e reconhecida pelas comunidades nas quais atuou e inserida numa rede de sociabilidade enorme. Tinha amizade com pessoas de várias procedências e de diversas posições sociais, até mesmo com figuras temidas pelos moradores das comunidades locais.

Quando eu entrei naquela favela – Caixa Econômica – pela primeira vez eu vi estampado no rosto daquelas moças, um receio, um medo enorme, uma pobreza imensa [...] não tinha banheiro. Quando eu voltei de lá, pela primeira vez, eu dei valor ao chuveiro. Lá não tinha nada. - “Que coisa extraordinária é um chuveiro!”. Foi aí que eu me dei conta do que é a evolução. Quando eu entrei no barraco do líder da favela, o “Mata Sete”. Ele era uma figura feia, a casa tinha um banquinho de caixote, o chão era de terra. Ele me deu a mão, aquela mão de unhas sujinhas. Ali se solidificou uma das mais belas amizades da minha vida. O homem era analfabeto, mas ele tinha uma sabedoria de vida incrível, ele era o líder.

Os trabalhos que desenvolveu, antes da aposentadoria, surgem na sua fala, não como passado distante, mas como se fossem realizações recentes, como tarefas que desenvolveria ainda hoje, caso tivesse oportunidade.

Outro trabalho significativo para Maria Lúcia foi o realizado a pedido da Sociedade Rural do Paraná, no ano 2000.

Lá na Sociedade Rural, eles me pediram para eu fazer um histórico e eu fiz disso um livro. Esse livro me matou, porque para fazer a história da Sociedade Rural eu cismeique precisava começar pela história do Norte do Paraná. Eu tinha apenas seis meses para escrever e eles não tinham nada, eu tive que procurar as atas, então eu tive que procurar os antigos diretores para entrevistar e eu tinha apenas seis meses. O livro seria lançado em abril na Exposição. Eu mandei para um revisor, mas não deu tempo de revisar direito, saíram uns errinhos. No fim, eu não encontrava editora, então fui à Midiograf e, de todas as minhas edições, foi - o livro- mais bonito que saiu. Na verdade, eu nunca parei de escrever. Eu tenho mais de 1000 artigos.

Maria Lúcia enfatiza o quanto sua trajetória foi envolvida pelos seus trabalhos na UEL e COHAB, a partir dos quais teve a oportunidade de participar de associações e grupos de sociabilidade.

Eu trabalhei muito. Eu gastei a minha voz dando aulas. Agora eu sou meio rouca. Eu trabalhei também no Jornal Panorama, eu era editora de pesquisa. Eu fui convidada para fazer parte do Rotary, Lions, mas eu nunca aceitei, pois acumulava as tarefas do trabalho e das crianças, essa dupla jornada era difícil. Hoje eu pertença a Academia de Letras e Artes de Londrina. Minha cadeira lá é da Clarice Lispector, que eu gosto muito. Sabe que eu preciso ir lá, pois nem tenho frequentado muito.

Maria Lúcia não vê, na sua idade, empecilho para deixar a atividade intelectual, pelo contrário, está sempre pesquisando algo. Lembrou que, quando jovem, por ter estudado em colégio católico, pensou até em ser freira e que, hoje, gosta muito de estudar religiões.

Hoje, eu acho simpático e gosto de estudar religiões comparadas. O catolicismo não explica, fica naquela de que quando a gente morre ou vai para o céu, inferno ou purgatório. Já o kardecismo explica mais. Eles colocam a questão da evolução, por meio da reencarnação, você não fica lá queimando no inferno, isso é amedrontador, ou dançando com os anjos lá no céu. A visão kardecista não é provada cientificamente, mais é bastante lógica, consoladora e otimista. Eles fazem estudos científicos, de captação de voz, eu acho bem mais fascinante, mas não frequento.

Confere importância à relação que sempre estabeleceu entre o mundo público e privado. Enfatiza que nas relações familiares desempenhava os papéis de mãe e mulher simultaneamente com as tarefas do trabalho de intelectual. Maria Lúcia diz que sempre esteve presente na vida dos filhos e refere-se, em especial, às viagens feitas em família.

Quando meus filhos eram menores eu dava aulas a noite até tarde. Quando eu estava fora, o marido ficava. Eu nunca deixei meus filhos com babá. Eu sempre troquei as fraldas dos meus filhos e tive três partos normais e amamenteei todos eles. Nós íamos muito para as praias de Santa Catarina, Canavieiras e a gente frequentava o Clube Alemão. Eu que os ensinei a nadar. Eu tive empregada, mas os filhos era eu que cuidava. Nós íamos também ao Rio de Janeiro, na casa da família do meu marido, eu gosto demais deles, mas a distância prejudica um pouco.

Com o avanço da idade, Maria Lúcia diz sentir os limites físicos do seu corpo.

O corpo vai degenerando, isso é inevitável. Eu tenho uma escoliose forte, minha coluna tá me penalizando um pouco. Eu já marquei uma fisioterapia. Com o tempo você vai adquirindo uma “PVC”, isto é, “Porcaria da Velhice Chegando”. Essa “PVC” vai tomando conta. Eu não gosto de mexer muito no corpo, então vai ficando. Meu peso é 63 quilos, minha coluna com o tempo foi diminuindo meu tamanho. Eu tinha 1,70 cm, agora eu estou com 1,67cm, mas minhas roupas de anos me servem ainda.

A aposentadoria não afastou Maria Lúcia de suas atividades intelectuais, levando-a apenas a mudar o modo como dissemina seu trabalho e se conecta ao público interessado em análise política, uma vez que hoje mantém um *blog* sobre questões dessa natureza. As limitações que diz enfrentar, não são as decorrentes de sua idade, mas dos impedimentos gerados pela doença do marido.

Eu não senti dados diferentes em me aposentar, só a situação do meu marido em que as possibilidades impõem certa limitação, devido ao carinho que eu tenho por ele. Aquelas paixões passam, mas o companheirismo, o respeito permanece. Eu não gosto de deixá-lo sozinho, então as viagens diminuíram. A mulher vive mais, ela se cuida mais, mas eu tenho uma bronquite asmática, sou hipertensa, mas eu me cuido, tá tudo controlado. Mas o meu marido teve um segundo AVC, e isso, infelizmente, tem me penalizado muito, mas eu continuo com os meus escritos ali naquela rede. Eu durmo duas horas da manhã. Eu fico lá escrevendo. Você acredita que eu leio sem óculos?

Em relação às gerações mais jovens, a entrevistada diz não se sentir discriminada ou alvo de preconceitos. Acredita que isso se deve ao fato de ler notícias diariamente e se manter informada sobre o que acontece no mundo. Considera que por estar sempre em contato com muitas pessoas, via internet, sua mente é ativa, como se tivesse ainda 25 anos. Diz-se aberta para o que é novo e atual.

Minha sociabilidade com os jovens é muito grande, eu não sinto nenhum problema com eles. Eu tenho uma idade mental e psicológica que varia de 18 a 25 anos. Uma idade biológica que está ótima. Dá para o gasto. Então pelo fato de eu ler muito, me atualizando [...] das notícias, dos fatos. Todos os dias eu leio a Folha de São Paulo e outros jornais. Por ser assim, eu interajo com os jovens muito bem.

A avaliação da socióloga sobre suas relações com os mais jovens, nos faz pensar em Bourdieu (1983a p. 113) quando analisa a juventude relacionada à velhice. “O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre jovens e velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas”. Para Bourdieu, ocorre uma

guerra oculta de poder entre as gerações, podendo tanto a velhice como a juventude ser entendidas como conceitos/categorias decorrentes, também, dessa relação de força que se instala entre ambas.

Maria Lúcia vive, hoje, uma sociabilidade *on-line*. Publica suas análises políticas, entre outros, no Instituto *Milenium*, Revista *Veja on-line* e em alguns jornais. Participa de uma rede social e recebe cerca de 300 e-mails por dia. Possui um *blog* no qual troca experiências e opiniões políticas, além de publicar seus artigos.

Eu fico impressionada com a internet. Já reparei que uma coisa é você falar com a pessoa pessoalmente, outra coisa é você falar por telefone, outra coisa é você se comunicar via internet. Minha atividade lá é fazer artigo. Os meus primeiros livros foram escritos em um caderno que era chamado de "feto", porque era a lápis. Depois era na máquina de escrever, um "museu". Quando eu não gostava, eu arrancava aquilo e jogava fora e tinha que começar tudo de novo. No computador, você errou, dá pra arrumar. Então, deu um salto na qualidade dos meus textos, graças ao computador. Eu fui escrevendo e foram vendo e se interessando e aquilo foi crescendo. Hoje, quando eu escrevo eu joga nos meus endereços, mais de mil, e vários sites me convidam para eu publicar e eu deixo. Não ganho um tostão furado, mas me divirto a beça. Quando eu solto artigo eu fico até parecendo um zumbi sem dormir, para terminar, pois me dá um trabalho danado. Eu recebo, por dia, mais de trezentos e-mails, lógico que eu deleto a maioria. Eles me mandam artigos também. Eu recebo também poesias, pois eu gosto de poesias, mas eu faço mesmo é análise política. Hoje eu tenho uma sociabilidade virtual, mil vezes maior do que a real, porque eu interajo com pessoas. Esse blog, em rede, vai passando de um para outro. Eu conheço o Brasil de ponta a ponta, do Rio Grande do Sul até o Amazonas. Eles comentam coisas maravilhosas, é alto nível aquilo. Eu tenho correspondente em Israel, na Austrália, em Portugal. É uma coisa tão interessante para mim. Eu produzo um texto e publico. Eu não mudo o que eu escrevo, mas eu interajo com eles. Eles me enriquecem, porque eles estão de acordo. Eu vocalizo uma coisa que eles queriam falar.

A entrevistada demonstra segurança nas opiniões que emite sobre esse mundo *on-line* em que ela se conecta atualmente. Um modo de viver, uma sociabilidade virtual, uma vez que fica em casa em companhia do marido. De certo modo, estabelece relações de sociabilidade no espaço público sem sair de casa. A admiração que tem pela internet é visível nas suas palavras. Para ela, é um meio de disseminação de conhecimento, discussão, informação e entretenimento. É como se nossa entrevistada reinventasse o seu cotidiano, um novo modo de relacionar-se socialmente, não deixando de ser um jeito de tirar o idoso do isolamento imposto pela vida contemporânea. Porém, no caso da Socióloga, uma necessidade por ela encontrada de continuar exercendo o seu *metier*. Assim, Maria Lúcia, marca sua

subjetividade por meio da inserção *on-line* que tem, ao tratar de assuntos que, embora tenham implicações subjetivas, referem-se ao mundo objetivo da política.

Essa particularidade que nossa entrevistada encontrou, na prática de sua sociabilidade, é um meio de exercer a sua subjetividade, sem ser impessoal, mesmo “aparentemente”, isolada no mundo privado.

As relações *on-line* de Maria Lúcia transitam nesse meio, onde o seu estilo próprio de vida marca a heterogeneidade, nos modos de vivenciar a velhice.

A doença do marido limitou as saídas de Maria Lúcia de casa, mas não a impediu de reinventar a forma de relacionar-se com as pessoas por meio de seu *blog*. Todavia, quando se trata do lazer, a entrevistada ainda consegue algum tempo para sair com seus familiares mais próximos e, eventualmente, com amigas.

O meu relacionamento com meus filhos nunca muda. O nível de amor de mãe, nada disso da idade altera esse amor. Meus netos nasceram e eu nunca pensei que ser avó seria tão bom, é diferente. O amor de avó é paciente, experiente. É muito enriquecedor! Eu saio com meus netos. A nora vem aqui em casa com o carro, então nós passeamos. Minha sociabilidade é assim hoje. Eu vou ao Shopping com os netos, saio com algumas amigas. Minha vida ficou bastante limitada hoje, por causa da situação do marido, com o segundo AVC, ele não consegue andar e eu não gosto de deixá-lo sozinho. As pessoas acham que, porque se aposentou, tá tranquilo. Não é bem assim! Eu, hoje, tenho um grande trabalho. Na medida em que ele não pode fazer, eu assumo tudo, administro tudo. As atividades que faço hoje são muito diferentes do que fazia quando ele tinha saúde. É médico, enfermeiro [...] o tempo e atenção que exige são enormes. É outro tipo de atividade, mas trabalho não me falta! As viagens que fazia, ficaram tudo mais complicado.

Nas colocações de Maria Lúcia sobre a sua situação de avó, observa-se uma sensibilidade diferenciada, um significado quase mágico do que seus netos significam para ela. Apesar de todo seu envolvimento com a sociedade – por meio do seu *blog* – e dos cuidados com a casa e marido, o tempo de ficar com os netos ganha relevância. Uma avaliação orientada pela emoção, diferentemente da racionalidade com que administra seu trabalho de analista política e também as suas tarefas domésticas, hoje acrescidas pelos cuidados com a saúde do marido.

Esta situação vivenciada pela entrevistada nos remete à relação de companheirismo e cumplicidade que envolve os idosos e seus netos na vida contemporânea devendo-se, em parte, à melhor saúde e ao aumento de expectativa de vida desse grupo, proporcionada, também em parte, pelo avanço da tecnologia médica.

Nesses novos estilos de relações entre netos e avós, segundo Goldenberg (2011)¹⁴, “Hoje é mais fácil encontrar uma vovó tatuada do que uma fazendo crochê”. A autora destaca que, em suas pesquisas, as razões culturais são também importantes, porém, as mulheres mais velhas costumam se tornar mais interessadas no mundo dos mais novos. São as que a autora chama de “Vovós desassossegadas”.

O trabalho que Maria Lúcia tem com o cuidado do marido demonstra que apesar de todo envolvimento com os compromissos que teve ao longo da vida, fora do lar, e ainda de sua sociabilidade *on-line*, a mulher ainda é comprometida com a casa. Segundo Barros (2003 p. 161): “A mulher, em nossa sociedade, particularmente a de camada média, é uma mulher voltada para a família”.

Os programas de *terceira idade* não fazem parte da vida de Maria Lúcia. Ela diz que esses termos não condizem com a realidade da vida de um idoso.

Eu acho esses termos terceira idade, melhor idade sem importância pra mim. Pois esses termos são todos falsos, eles não traduzem uma realidade. Melhor idade não é, porque a PVC traz um problema físico, então não é melhor idade. O termo Idoso é muito feio né, e o termo velho é até pejorativo. Porque não quarta ou oitava idade né?

Maria Lúcia coloca que o termo velho só é bem aceito quando faz parte de um carinho de um pai para um filho. Esclarece que é preciso aceitar os ciclos da vida e que cada época tem a sua especificidade, não sendo necessárias então, essas classificações.

A entrevistada não conhece o Estatuto do Idoso, disse que talvez seja porque não se sente envelhecida. Ela acredita que no Brasil há preconceitos contra o idoso e que o brasileiro em si, tem preconceitos contra seus idosos.

Não conheço o Estatuto do Idoso, acredita? Nunca me interessei! Acho que, apesar da idade, eu não me sinto velha! Eu acho que no Brasil, como um todo, há muito preconceito contra o idoso. Antigamente, a pessoa com 50 anos já era considerada velha, morria-se mais cedo, então a vovó ficava ali fazendo crochê. Agora, a medicina melhorou, evoluiu. A qualidade de vida melhorou. Hoje você vê pessoas de 70 e tanto anos viajando, felizes, mas a mentalidade do brasileiro é que vai mais devagar, então há muito preconceito contra o idoso ainda. Eu acho que o Estatuto do Idoso, valendo, já significa uma evolução. Você vai ao cinema e já tem uma bilheteria para o

¹⁴ Em entrevista à Revista Veja do dia 26 de outubro de 2011, p. 146, a Antropóloga Miriam Goldenberg fala de suas pesquisas e do lançamento do livro *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*, de sua organização, o qual apresenta uma coletânea de artigos sobre temas atuais, que cercam a velhice.

idoso, isso já é uma evolução, não se pode negar, mas acho que ainda há preconceito. No trânsito, não há respeito aos mais velhos. Mas isso é um problema de cultura, de educação que, infelizmente, nosso povo não tem.

Londrina aparece em sua fala como uma cidade sem infraestrutura para amparar seus idosos, seja da iniciativa pública ou privada.

As pessoas ficam idosas aqui em Londrina e os filhos já não podem mais ter tanto cuidados, falta de tempo, trabalham. Em Londrina, não há um lugar adequado, nem público, nem privado. Eu fui visitar uma senhora em um lugar que eles chamam de casa de repouso, é um repouso eterno. A casa até que era luxuosa, perto dos Asilos [...], São Vicente de Paula, por exemplo. Eu fiz algumas visitas a ela e ela era lúcida, até comandava ali o lugar, mas as famílias fazem ali um depósito, um vestíbulo para esperar passar para o outro lado mesmo. O lugar é bonito, mas alguns estão com Alzheimer, outros com aspectos tristes, o lugar é triste. Faltam em Londrina, umas clínicas melhores, adequando mais a decoração, as atividades, pois é muito triste, muito precário ainda. Eu acho que a pessoa que chega ao final da vida e vai pra um lugar desses, a morte vem antes. Ela deve se sentir tão solitária, tão triste, porque realmente acho que falta isso. O lugar que eu fui visitar, aqui em Londrina, é considerado bom. Eu não achei e, às vezes, até as famílias nem vão visitar. Isso faz muita falta em Londrina. Eles ficam sós lá no quarto, sem lazer. Eu vi uma senhora lá amarrada na cadeira, não podia levantar senão ela caía. Tem que ser um lugar que ofereça uma sociabilidade melhor. Apesar dos avanços, tem muito coisa por fazer.

Há preocupação na sua fala com a situação de abandono e desalento que presenciou nos lugares para idosos que visitou pela cidade.

Em Barros (2003 p. 165), a autora apresenta que “A velhice que as mulheres temem é a velhice da perda da consciência de si mesmas como ser pensante e independente e como pessoa capaz de deliberações e de responsabilidade pelas atitudes tomadas”. Uma questão que merece ser aqui ressaltada é a de que, nesses momentos em que a velhice surge necessitando de cuidados específicos, os órgãos públicos que deveriam atendê-los, se esquivam da responsabilidade, como se os problemas desses idosos, em situação de abandono, fossem problemas deles mesmos.

Sendo questionada sobre a presença de uma mulher na Presidência da República, Maria Lúcia enfatiza:

Não há, para mim, diferença entre homem e mulher para governar. É preciso ter um ser humano lá, que tenha ética e competência, honestidade e que se volte para um fim último da política, como dizia Aristóteles: “O bem comum”. Tanto faz homem ou mulher, preto ou branco. Eu não sou nem tradicional, nem moralista, eu acho que tem um limite com as coisas. Se um professor tem que ter dignidade numa sala de aula, então um político tem que ter respeito pelos que o elegeram. Eu acho que se exige tanto hoje para

um emprego. A pessoa tem saber tanta coisa, línguas, computação, etc. Para o político ele não tem que saber nada. Ele é colocado lá sem estudar nada.

Maria Lúcia tem uma visão crítica da situação da política brasileira. Vê uma política que ainda não prioriza a saúde e a educação. Uma política de corrupção e que não beneficia o bem comum. Porém, não demonstra pessimismo. Em sua fala percebe-se entusiasmo, parece acreditar que o país possa melhorar.

Entre seus projetos de futuro está a construção de um Instituto de Estudos Políticos para candidatos a cargos políticos ou para políticos atuantes.

Meus planos para o futuro são o que eu faço de melhor e o que mais gosto de fazer que é escrever. Um livro é um filho da alma, do espírito. A palavra dita voa, mas a escrita permanece pra sempre! Outro projeto seria a criação de um Instituto de Estudos Políticos, justamente para abranger os políticos.

Maria Lúcia tem ainda, em seus planos, conhecer a Áustria e afirma que: *“Quando eu não tiver mais nada, eu terei ainda o que é o principal e o essencial de mim que é o escrever. Isso é o que faz parte de mim”!*

2.2.3 Dora

Dora nasceu em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, em 1926. De descendência Suíça, era filha de estancieiros gaúchos. Foi casada por 56 anos com um engenheiro civil do Exército Brasileiro, que chegou a ocupar a patente de General. Casou-se em 1943, durante a segunda guerra mundial. Tiveram 04 filhos, 10 netos e 02 bisnetas. Morou, depois de casada, no interior do Estado de Pernambuco, no Rio de Janeiro e em Londrina. Chegou à cidade paranaense no ano de 1985.

Meu sobrenome é Ryff por conta da Suíça. Minha mãe tomava chimarrão, mas eu não. A gente vai perdendo essas raízes, mas eu gosto muito de churrasco, aquele típico gaúcho, com sal grosso, pois no nordeste são diferentes, eles fazem a carne temperada.

Mudou-se de Porto Alegre para o Rio de Janeiro com 12 anos. O marido também, nascido em Porto Alegre, tinha se mudado para o Rio com 02 anos. Eles se conheceram nesta última cidade por acaso.

Quando se casou foi viver no sertão de Pernambuco. *“Sertão mesmo, foi uma lenha! A moradia era péssima. O lugar não tinha água, nem luz. Era uma lata de querosene e uma lata de goiabada furada que a gente fazia de chuveiro”*.

Apesar da vida dura, Dora não avalia negativamente as condições de existência do seu passado. O marido, como engenheiro civil do exército, segundo Dora, trabalhava abrindo estradas para fazer escoamento das pessoas que chegavam de navios atacados por alemães. *“Eu fui a única mulher de militar que ficou lá. Meu marido me avisou que seria assim e eu aceitei ficar com ele. Meu começo de vida foi uma aventura”*.

Ao fim da guerra, Dora voltou para o Rio de Janeiro e se restringiu à um cotidiano voltado prioritariamente para a família, com seus filhos e marido. Quando os filhos já estavam crescidos, se abre para o mundo público realizando trabalhos voluntários de alfabetização de adultos, campanha do MEC (Ministério da Educação e Cultura), por meio da “TV escola”.¹⁵

Mesmo não tendo se inserido no mercado de trabalho formal, Dora orgulha-se quando menciona o trabalho do marido e de sua participação em tarefas geralmente desempenhadas por esposas de militares e mulheres voluntárias. Ressalta, em particular, os trabalhos voluntários que desenvolveu junto ao MEC.

Mesmo diante da importância que a sociedade capitalista confere ao trabalho formal, Dora não demonstra ter se sentido à margem do processo produtivo em virtude de não ter participado, diretamente, do mercado de trabalho, uma vez que seu *habitus* parece ter sido bastante marcado por sua situação de esposa de militar, o que lhe imprimiu, mesmo na condição de mulher e executando tarefas civis, um sentimento de dever e comportamentos duráveis próprios da corporação militar. Suas representações acerca do trabalho voluntário que realizou denotam tal influência. *“Era limpeza urbana, presídios, onde havia adultos analfabetos a gente ia. Eu inspecionava e dava o relatório para o Ministério da Educação. Um trabalho bem difícil, quando chovia, tinha que subir o morro”*.

Pelas narrativas é possível afirmar que sua sociabilidade, quando tinha os filhos em casa, era estabelecida, mais fortemente, em torno da família e dos

¹⁵ TV (televisão), O Programa “TV escola” foi uma iniciativa do MEC – Ministério da Educação e Cultura – Governo Federal, que teve início na década de 70, do século XX, com o objetivo de alfabetizar a população adulta e outros. Site www.tvescola.mec.gov.br. Acesso em: 10 de abril de 2012.

trabalhos voluntários. As relações sociais de Dora, nesse momento, fora da família, eram construídas nesses trabalhos voluntários.

Dora, hoje com 85 anos, se representa como mulher independente e autônoma. Ressalta que mora sozinha, tem seu carro, faz suas compras, sendo que felicidade e completude, para ela, estão ligadas diretamente ao sentido da independência.

Eu dirijo, tenho meu carro. Eu ando por tudo. Eu acho que a independência para mim é essencial. Eu vou ao mercado e se tem algo muito pesado eu peço para o meu filho ou faço duas viagens, mas eu não gosto de ficar dependendo de ninguém. Então você já sabe, eu gosto de independência, gosto de fazer palavras cruzadas, gosto de estudar, gosto de fazer tricô.

No ano 2000, Dora fica viúva, o marido morre de *Alzheimer*, e na sua avaliação, a doença exigiu muito dela. Com a morte do companheiro, estabelecem-se muitas mudanças em sua vida. Deixa a casa onde moraram muitos anos e passa a residir em apartamento, transformando seu cotidiano.

Doença muito triste, meu marido não ficou apático, quieto como acham que é a doença, ele ficou agressivo, perigoso. Ele mudou completamente, não era a mesma pessoa. Um dia eu cheguei em casa, ele me perguntou a que horas chegaria a mulher dele. Ele perguntava quem era a minha filha para ela mesma. Ele perdeu a memória. Ele dormia com a faca embaixo do travesseiro. Eu aguentei bastante, mas o meu genro e a minha filha, quando assistiram essas coisas resolveram interná-lo. Nesse lugar que ele ficou ele pegou uma pneumonia e acabou falecendo. Ele tinha 82 anos, ele ficou quatro meses em coma. Nós vivemos juntos 56 anos. Não brigávamos. Tínhamos nossas diferenças, mas ele era muito bom. O Alzheimer é muito triste. Os cuidadores sofrem muito. Eu fui a um curso em São Paulo, com minha filha, para tentar aprender como lidar com a doença, pois no começo a gente não consegue entender o que está acontecendo com a pessoa. Até a gente acordar que aquilo é doença, é difícil. Quando a gente aprende, nós mudamos nosso comportamento.

Dora relata que, após a aposentadoria, o marido não se adaptou à situação de inatividade.

Eu não senti diferença quando chegou a idade de me aposentar, mas no meu marido ele sentiu, ele se aposentou com 60 e pouco anos, mas eu acho que ele poderia ter continuado. Quando ele se aposentou foi duro. Eu acho que para o homem é mais difícil parar de trabalhar fora de casa né? Há alguns homens que ajudam em casa, como é o meu genro. Ele ajuda com as roupas, com as louças. Agora quando não é assim, ele fica meio perdido. Eu me aposentei junto com ele, pois a aposentadoria dele também me beneficiava.

Como se observa, neste fragmento de fala, Dora produz alguns efeitos de sentido quando compara a situação de aposentado do marido com a do genro e a sua própria condição.

Em primeiro lugar, sugere que as tarefas de militar não predisõem o homem ao trabalho doméstico, a exemplo do genro, civil. Em segundo, assume o direito que teve à pensão que o marido militar pode pagar para ela receber quando ele se aposentasse. Portanto, um provento que não é decorrente de aposentadoria de trabalho formal exercido por ela, ou de recolhimento sobre o seu próprio trabalho desempenhado no lar.

É como se o *habitus* de uma mulher civil fosse influenciado por comportamentos duráveis próprios de uma condição feminina que assimila parte dos traços do *habitus* do marido militar.

O processo de envelhecimento na vida de Dora não afetou sua independência. Ser independente é a maneira que encontrou de superar os limites corporais de sua idade e também as experiências amargas que passou pela vida. Percebe-se, no entanto que, para ela, a consciência da velhice não se manifesta de repente, uma vez que para Dora é decorrente de um acúmulo de acontecimentos, seja na vida privada ou pública. A morte dos filhos, a morte do marido, a morte do neto, fazem parte de um conjunto de acontecimentos muito intensos, que fizeram com que ela percebesse um significado de velhice relacionado à doença e à morte, ocasionando-lhe insegurança e fazendo-a sentir-se mais vulnerável, bem como lhe proporcionando o aprendizado de não se incomodar com pequenas coisas.

A gente quando envelhece tudo que a gente faz é mais devagar, sou mais, muito mais rotineira. É o café na hora certa, é o suco de laranja todo dia. É tudo mais rotineiro. Na parte emocional, a gente também fica mais sensível, mas eu tenho uma filosofia de vida, que depois que eu perdi meus filhos e meu neto, de não dar mais muita confiança para bobagem.

Na fala de Dora, as preocupações com as mudanças corporais provocadas pela passagem do tempo, não são as que dizem respeito apenas à aparência ou estética, mas as relacionadas também aos sentidos e à motricidade.

No meu corpo, o olfato piorou, o paladar piorou. Tem que colocar mais sal, mais açúcar nas coisas. O chocolate é uma coisa boa. A gente fica gulosa. Eu caí quando tinha 75 anos e ando mais devagar agora. A beleza eu acho que enfeou bastante.

Como lembra Foucault (2006, p.134,135), a percepção do corpo envelhecido, tanto no sentido simbólico, como no sentido material é de perdas. Perda da vitalidade, do prazer alimentar, da beleza, do trabalho. Todavia, o mesmo Foucault, ao tratar do “cuidado de si”¹⁶, expressa:

[...] A velhice deve ser considerada, ao contrário, como uma meta, e uma meta positiva da existência. Deve-se tender para a velhice e não resignar-se a ter que um dia afronta-la. É ela, com suas formas próprias e valores próprios, que deve polarizar todo o curso da vida.

No entanto, nas sociedades ocidentais capitalistas contemporâneas enquanto o novo e o jovem são objetos de valorização, o diferente ou o desviante desse padrão são menosprezados ou vistos como problema, valores que acabam por influenciar mesmo os idosos como Dora.

Você, pegando meu retrato, você vê a diferença, mas a gente não deixa de ter vaidade. Pinta a sobrancelha, uso batom, arruma o cabelo, mas a gente sabe que não é mais a mesma, eu tenho espelho e sei muito bem. A gente fica cheia de rugas. Às vezes eu me acho parecida com minha mãe.

A sociabilidade de Dora, quando solteira, foi vivenciada na companhia de suas primas e seu lazer ocorria nos espaços públicos dos logradouros, cinemas, igrejas e transportes públicos.

Minha sociabilidade quando moça, era com as minhas primas. Elas eram minhas amigas, da minha idade. Todo domingo tinha aquela função da gente se arrumar, bem bonitinha, para tomar o bonde, lá no Rio, e ir à missa de manhã e ao cinema, matinê, à tarde. Era a Praça de cinemas, eu não esqueço essas coisas! Mas eu casei muito cedo, com dezessete anos. Eu não me achava muito criança. Eu era madura porque tinha tido muito sofrimento na vida já.

No início dos anos 1940, quando Dora tinha 15 e 16 anos, sua família vivia no Rio de Janeiro, uma cidade grande, já com cinema, teatro, praças. Enquanto que nessa época sua sociabilidade foi vivida no universo das relações de parentesco mais amplas, quando retorna para o Rio, após viver a experiência no interior de Pernambuco, como já observado anteriormente viveu uma sociabilidade mais voltada para a família conjugal por conta do nascimento dos filhos. Em

¹⁶ Michel Foucault (2006), em seus estudos sobre a Cultura Greco-romana, especialmente, Sócrates e Platão, ao utilizarem o termo “Cuidado de Si”. Refere-se a uma prática dos gregos aos cuidados não só do corpo, mas também dos seus pensamentos e atitudes, cuidados esses que se refletem em seus cotidianos, como também nas suas relações sociais e para com a cidade em que vivem.

Londrina, já com os filhos adultos, relata que teve uma vida social com o marido, mas sempre recebendo, em sua casa os filhos e netos.

Aqui em Londrina, quando meu marido era vivo, nós íamos a bailes, éramos sócios do Clube Alemão. Nossa casa era grande, sempre vinham netos do Rio para ficar em casa, tinha sempre movimento. Ficamos lá na casa até 2001. Depois que meu marido morreu no ano 2000, então meus filhos não quiseram que eu ficasse mais sozinha na casa.

Dora, depois da morte do marido, passa a ter uma sociabilidade com amigas e vínculos mais intensos com o mundo público, participando, mais uma vez, de trabalhos voluntários.

Eu trabalhei como voluntária, na UNIMED Eu ia aos hospitais, se bem que eu não gosto muito de hospitais, pois perdi meus filhos com câncer. Íamos também aos asilos. A gente fazia festa para os idosos carentes. Eram os menos carentes, fazendo festas para ajudar os mais carentes. Eu tenho amigas até hoje, desse trabalho voluntário. Eu tive que parar, pois estava muito cansada já. Eu fiz uma cirurgia muito invasiva, delicada. Depois dessa cirurgia em 2008, na qual eu tirei três nódulos do pulmão, passei na UTI e fiquei muito mal, minha sociabilidade foi mais prejudicada.¹⁷

Dora também viajou, em 2006, para morar em Paris com a neta, lá permanecendo por um ano. *“Ela ia trabalhar cedo e só voltava à noite e eu ia passear, era museu, igrejas, metrô, pra lá e pra cá. Eu passeei muito em 2006. Também fizemos pequenas viagens pela Europa, por lá”.*

A viuvez de Dora, aos 74 anos, abriu a possibilidade de uma forma de sociabilidade nova para ela. Passou a ter amigas e frequentar uma vida social, sem a companhia do marido. *“Quando eu fiquei viúva, era mais nova, então tinha mais sociabilidade com minhas amigas, agora eu estou mais light, ainda faço minhas coisas, eu sou meio independente, mas hoje eu me volto mais para a família”.*

Segundo Barros (2003, p. 157) “A tomada de posição (da mulher idosa) frente a uma opção surge no momento mais significativo para elas: a morte do marido, a aposentadoria, a doença: são ocasiões de mudança de vida, são ocasiões em que sua própria vida deve ser repensada e redefinida”.

Na experiência que Dora teve com as doenças do marido e filhos que já morreram, percebe-se que ela se tornou mais preocupada em cuidar da sua saúde e não depender tanto da família.

¹⁷ UNIMED (União de Médicos), UTI (Unidade de Tratamento Intensivo)

Eu estava na fisioterapia, por causa do joelho. Teve um médico que queria colocar uma prótese porque estava osso com osso, mas o meu genro e a minha filha disseram para eu fazer fisioterapia e então deu certo. Faz dois anos já. O olhar da minha família para mim, depois de certa idade, tem um cuidado maior, um dos meus netos diz: “vovó, deixa que eu vá te levar, que eu vou te buscar”. Acho que é normal né? Meus netos são muito bons. Aumentou a afetividade deles para comigo.

Dora, hoje, com seus 85 anos, já não participa mais de eventos que a distancie, por muito tempo, da família, no entanto, ainda pratica algumas formas de sociabilidade no espaço público.

Minha sociabilidade hoje é mais na família. Com as minhas amigas, eu vou somente aos aniversários. Eu não gosto mais de viajar. Eu já conheço mais de cinco países. Agora eu gosto mais da minha cama, meu travesseiro. Acho que eu tenho preguiça de fazer malas, desfazer malas. Eu vou a festas na Gleba Palhano, no apartamento da minha filha. Minha filha está com problemas na coluna agora, mas mesmo assim, a vovó capenga aqui e a filha andando devagar, mesmo assim vamos ao shopping, ao cinema. Também fui ao festival de música de Londrina. Um dos meus netos toca violão clássico muito bem.

Dora relata que tem ânimo, mas não tem mais tanto “pique” para fazer as coisas, porém participa de reuniões semanais, no seu condomínio, para reflexão religiosa. Diz acreditar em Deus: “*Eu, respondendo a uma pergunta de um neto, disse que acredito em Deus porque eu existo. A vida é um milagre*”.

Essas reuniões religiosas são outra maneira que Dora encontra para se relacionar com as pessoas: “*É uma forma de sociabilidade, pois a gente conhece os vizinhos, fica sabendo dos problemas deles*”.

Outra atividade importante na vida de Dora é a prática da língua francesa, da qual ela tem orgulho de falar:

Eu sou presidente da aliança francesa. Eu faço conversação toda segunda-feira. Eu pego meu carro vou lá e participo. Eu falo francês. Não como gostaria, mas falo. Eu estudei espanhol e italiano também. Eu gosto muito de línguas latinas. A gente consegue aprender melhor. Eu, quando era criança, na admissão, a gente aprendia francês e inglês antes de entrar para o ginásio e eu tive uma excelente professora de francês que eu gostava muito. Acho que veio daí esse meu interesse. O respeito aos professores também era muito grande. Quando um professor entrava na sala de aula, todos se levantavam e ele que mandava sentar!

A renda mensal de Dora, hoje, diz estar em torno de R\$ 5.000,00¹⁸. Ela relata que esta quantia é suficiente para sua independência. “*Eu não preciso da renda dos filhos para viver. É mais fácil eu dar uma mãozinha quando eles precisam. Eu podendo, eu ajudo*”. A independência, para Dora, é fundamental para sua realização.

Nessa vida ativa de Dora, Londrina não é considerada uma cidade preparada para receber o idoso.

Os jovens hoje, não todos é claro, vão atropelando a gente, vão passando a minha frente nos elevadores. No trânsito então, eles não têm paciência com idosos, xingam. Já aconteceu comigo de um jovem quase me agredir no trânsito, estava congestionado e, por sorte, uma vizinha daqui estava no local também e começou a buzinar. Aí, ele parou. Até um motoqueiro disse que era para eu chamar a polícia, mas eu deixei pra lá, mas tive que tomar até um calmante. A cidade tem muito a fazer pelo idoso. A população joga tudo pelo chão, a cidade é suja, as calçadas esburacadas. Há até garrafas de vidro pelo chão. A própria população não ajuda né? Apesar de viver em um lugar meio longe de tudo isso, eu acho que ainda há muito preconceito.

A fala da entrevistada é um desabafo sobre a insegurança e, de certo modo, o preconceito que fazem parte da vida de uma idosa na cidade em que vive. Denuncia um desrespeito que permeia as relações do idoso com outras gerações na vida urbana, levando-a a considerar que tais conflitos são próprios da *urbe* onde reside.

Cabe aqui citar Bourdieu (1983a, p. 112,113), quando interpreta o lugar do idoso na sociedade, tendo como referência a sua teoria dos campos. “As classificações por idade (também por sexo e classe) acabam sempre impondo limites e produzindo uma ordem em que cada um deve se manter... em seu lugar”. Interpretando o autor, essas classificações são produções de cada cultura, de cada sociedade, não sendo assim natural. Cada sociedade segue uma ordem produzida socialmente. Diante da supervalorização do que é novo e da novidade, impostas pelas sociedades ocidentais capitalistas modernas, ao idoso cabe então um exercício de recriar seus espaços sob sua inteira responsabilidade, pois a sociedade não ampara, vê o idoso com estranhamento.

Em relação aos programas da terceira idade, Dora demonstra simpatia, porém deles não participa.

¹⁸ A data da entrevista foi no dia 21 de outubro de 2011 e a quantia citada refere-se a cinco mil reais.

Eu acho que os grupos da terceira idade ajudam muito nas questões dos idosos. As ginásticas, os bailes. Eu já fui a bailes, só para assistir, não dançava. Deixei de ir por falta de companhia ou falta de vontade. O meu médico dizia: a senhora precisa arrumar um namorado para passear. Eu nunca senti falta, minha família é bastante presente.

A sociabilidade, no interior da família continua a ter um significado muito relevante para Dora. Ela se sente amparada e livre de um sentimento muito presente entre os idosos: a solidão.

Em relação às questões públicas, do mundo da política, Dora vê a Presidência da República sendo ocupada por uma mulher com cautela, expressando avaliação crítica, mas ao mesmo tempo com expectativas.

Eu acho que a nossa presidenta, como mulher, poderia fazer muita coisa pela causa idosa. Independente do partido. Eu não sou favorável. Eu não gostei do governo Lula. Acho que está ocorrendo muita corrupção. Mas, como mulher, eu acho que ela pode ser melhor, ela tem o poder, ela está por cima. Ela é chefe das forças armadas né? Eu quero ver essa copa, será um bom termômetro hein?

Nos seus planos de futuro, nos seus projetos de vida, as viagens e a vida nos espaços públicos perdem para a convivência no interior da família:

As viagens, eu já estou com preguiça. Os aeroportos estão sempre cheios né? Meu maior projeto de vida hoje, é que venham as minhas bisnetas, para vir passar o natal aqui. Elas têm dois anos, são umas gracinhas.

De modo geral, a sociabilidade de Dora esteve sempre voltada para a família. Suas relações sociais, fora da família, hoje são passageiras, porém importantes para auxiliá-la a enfrentar os problemas que a velhice apresenta.

Indagada sobre a organização da sua casa e da sua própria aparência reveladora de um caráter firme diante de tantas perdas, Dora responde: “*Eu superei a morte dos que foram mais pelos que estão aqui agora, todos os outros netos. Eu superei por eles*”.

2.2.4 Antônia

Treze de junho, dia de Santo Antônio, de 1932, Antônia nasce na Bahia, no Município Ruy Barbosa e chega a Londrina no início da década de 50.

Eu vim solteira, com a mudança no caminhão de pau de arara. Viemos, meus pais e mais nove irmãos. Nós viemos para cá por que lá estava ruim. Meu pai disse que vínhamos para formar plantação de café. Faz 59 anos que eu vim pra cá.

Antônia catava algodão na época em que chegou. Foi apresentada, pelo pai, ao marido, quando tinha 21 anos. Casou-se no mesmo ano e teve 14 filhos.

Eu catava algodão, quando meu pai disse para eu ir conhecer o rapaz Messias Andrade, com quem eu me casei, com 21 anos, e fui morar na colônia parede e meia com a sogra, na Usina Três Bocas. Ela bebia muita pinga. Meu primeiro filho não queria nascer e meu marido foi buscar o médico em um lombo de cavalo. O médico me cortou embaixo e eu fiquei 10 dias sem poder sentar, nem na cama. Na dieta, eu nem tinha sarado ainda e ele fez outro nenê na minha barriga. Eu tive 14 filhos e ficaram 11, os outros morreram no parto. Dos 11 eu perdi um, com 31 anos, de câncer no intestino. Agora eu tenho 10 vivos e criados. Eu passei muito apertada nessa vida.

Antônia relata que já passou muita dificuldade na vida, ficou viúva aos 46 anos, com 11 filhos para criar, mas avalia sua vida de modo bastante positivo.

Hoje eu tenho 16 netos e duas bisnetas. Meu marido morreu com 48 anos de úlcera no estômago aqui na Santa Casa de Londrina e eu fiquei viúva. Eu tinha 46 anos e tinha um monte de filho para criar, mas quem tem bastante filho tem saúde e eu tenho muita saúde. Ele morreu e me deixou a chácara que a gente morava. Quando ele morreu, eu fiquei lá e plantava batata e meu cunhado, que era pinguço, vendia a plantação e aí tinha um dinheirinho. O meu filho mais velho, na época, não deixou vender lá e depois de um tempo, comprou essa casa aqui para eu morar. Todos os dias um dos meus filhos traz minha neta, de dez anos, pra ficar um pouco aqui comigo. Eu acho isso o melhor da vida, minha vida é muito feliz e maravilhosa.

Os filhos de Antônia foram se casando e, hoje, mora com uma filha solteira. Relata que sua relação com a filha é difícil, mas afirma que quem manda na casa é ela.

Sobrou a minha filha para me fazer companhia, mas ela é muito nervosa. Nós brigamos /.../. Ela, outro dia, me disse para eu arrumar uma casa para eu morar sozinha /.../. Eu sou feliz aqui e só saio pra dançar. Eu bebo só um vinho, pouquinho, todo dia para a saúde. Eu tenho um filho que mora em Camboriú e vem me buscar para eu ir à praia. Meu filho mais velho tem 57 anos e a mais nova tem 39 anos. Eu vou passear na casa dos meus filhos quando dá, mas eles vêm aqui na minha casa, no dia do meu aniversário e nas festas de fim de ano.

Antônia é aposentada por conta da viuvez, recebe pensão do marido, de um salário mínimo por mês¹⁹. Desse modo, considera que o décimo terceiro salário, recebido ao final do ano, representa uma grande quantia e que, anualmente, na data de seu aniversário, se vê na situação insólita de ter que comparecer ao banco, para atualizar seu cadastro de aposentada e mostrar que *está viva*.

No banco, eu tenho que ir todo ano, no mês de junho, quando faço aniversário, para o gerente ver minha cara e ver que eu estou viva e continuar pagando a minha aposentadoria. Aí o meu filho pega todo mês meu dinheiro pra mim. A minha aposentadoria é do meu marido, de ser viúva. Quando chega dia 06 de dezembro chega o 13º salário. Meu filho chega com aquele monte de dinheiro. Antes só via dinheiro quando roçava terrenos e plantava amendoim, para ganhar o dinheiro e um pouco de amendoim também.

Pela fala de Antônia, suas condições materiais de existência, na atualidade, são traduzidas sempre de modo favorável. Primeiro, porque não precisa mais se envolver com o trabalho na terra, quando precisou cultivar a roça de sua propriedade e de proprietários vizinhos para garantir o sustento dos filhos. Segundo, por considerar que o que recebe da aposentadoria poderia ser gasto apenas com ela mesma. Contudo, pelo seu depoimento, quem ajuda na administração dos seus gastos é um dos filhos. Antônia, por conta da baixa escolaridade, embora o recurso que receba seja seu por direito, se vê na condição de dependência do filho para gerenciar o pouco dinheiro que recebe.

Agora que eu sou feliz, sou aposentada, tenho dinheiro. Quando eu era nova, só tinha dinheiro quando ia carpir algodão, era muito duro! Muito pouco dinheiro, não tinha nem roupa, ganhava roupa de doação para meus filhos, fora isso, eles só tinham calçãozinho e camiseta sem manga. A madrinha da minha filha trazia doação, cobertas. Por isso não tinha frio. Agora não precisa. Hoje eu sou feliz, meu filho dá cheque para comprar no mercado. Dá dinheiro para comprar o gás. Eu falo pra ele: meu dinheiro é meu, é só pra mim, eu não vou comprar gás não! Minha aposentadoria é só um salário mínimo.

Ela simboliza, neste trabalho, uma mulher de camada popular com uma vida simples e um cotidiano construído pelas relações com a terra - o trabalho na "roça". Para Martins (2000, p. 13):

¹⁹ O salário mínimo do Brasil, no dia da entrevista – 04 de novembro de 2011 – era de R\$ 540,00 (Quinhentos e quarenta Reais).

São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda da compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a história se desvenda ou se oculta.

Para este autor, analisar a vida de uma pessoa tida como comum é uma atividade teórica *desafiadora* para o sociólogo, pois são os problemas sociais do homem simples, no seu cotidiano, que o auxilia na compreensão de uma totalidade complexa da situação social desse homem na sociedade em que vive.

No passado, Antônia trabalhava nas plantações de algodão e amendoim, além de cuidar da casa e dos filhos. Quando indagada sobre o envelhecimento do corpo, Antônia diz se sentir bem e vaidosa. Considera-se uma mulher atraente, apesar de admitir mudanças que ocorreram em seu corpo. Avalia ter saúde e diz não necessitar de plástica.

Ah, mudou muito! Eu era muito bonita quando era jovem, meu pai mandava minha mãe me colocar na frente quando saíamos da igreja. Hoje tem muita diferença, eu tinha um cabelão. Quando meu marido morreu, eu fui cortar o cabelo, pois ele não gostava que eu cortasse meu cabelo. Ele tinha ciúme de mim, não me deixava ir à casa da minha cunhada. Hoje eu passo batom, passo lápis preto na sobrancelha pra tampar os brancos, passo ruge. Eu não tenho problema de saúde nenhuma. Eu subo para o ônibus, desço, faço de tudo. Eu sou magra, isso ajuda. Minha ginástica é dançar. Eu me arrumo muito é para ir aos bailes, visto uma calça, ponho o sutiã para aumentar o seio porque o seio é pequenininho né? Ponho um lenço bonito no pescoço e quando chega algum homem, lá no baile, e puxa o meu lenço, eu falo: saí sem vergonha! Eu passo maquiagem. Eu vou te mostrar! É da Avon! Olha, eu comprei esse perfume do Boticário, R\$ 100,00, da minha nora. Quando eu vou dançar, eu me perfumo e ele fala: “nossa como você está cheirosa!” Eu compro caixa de sabonete e desodorante para dar a ele. Eu não preciso de plástica.

Antônia se cerca de produtos de beleza e vestuários que a fazem se sentir bela. A idade não a preocupa. Diz ter muita saúde e disposição para a vida, para os bailes, amizades e namoro.

Segundo Debert (2000, p. 23):

Na cultura contemporânea, experienciamos um processo de dissolução da ideia de vida adulta, no qual ocorre uma perda de associação entre um grupo etário particular e as ideias de juventude ou velhice, que são, ambas, expressas menos pelas idades e mais, pelo estilo de vida, o qual implica em consumo de determinados bens e serviços, aspirações a alguns valores e atitudes frente à vida.

Com seus oitenta anos, diz estar apaixonada, tem namorado, participa dos bailes para idosos, semanalmente, e só dança com ele – o namorado -, pois, como relata, ele tem ciúmes dela com os outros.

Eu gosto do meu namorado, ele também é viúvo, e eu gosto dele, de dançar com ele. Ele é muito bom, é da minha idade também. Nós saímos do baile de mãos dadas, ele me beija aqui, me beija aqui. Ele fala: “um dia eu vou dormir com você, um dia a gente vai num hotel, [...] num motel”. Eu digo: não, você está louco, eu sou viúva, moro com filha. Eu arrumei uma tinta para ele pintar o cabelo e deu alergia nele, então ele disse: você pinta o cabelo de preto e eu fico assim com cabelo branco mesmo. Eu acho que eu estou muito velha para casar outra vez, melhor namorar só. No baile eu só danço com ele, os outros vêm me chamar, mas eu só quero dançar com ele, com o meu amigo, eu estou apaixonada, ele me ergue quando agente dança! Lá tem gente velha feia, gente velha bonita, tem gente nova. A gente vai embora às 18h00min. Lá tem refrigerante e não tem salgadinho. Eu tomo água lá. Eu não posso ir a outro lugar, eu ia ao Sumatra, na Porteira e era muito legal, mas ele tem ciúme de mim, agora eu só vou aonde ele vai. Eu vou de ônibus e volto de ônibus.²⁰

Antônia diz sentir vergonha de dormir com o namorado em sua casa por motivo de morar com a filha e ser viúva. Araújo (2000, p. 153), ao analisar a questão da sexualidade em Michel Foucault, afirma que este autor considera que desde o século XIX, a família burguesa “faz circular prazer e poder, distribuindo em espaços apropriados seus membros, vigiando, proibindo, exercendo um controle sobre os corpos até mesmo na circulação do espaço doméstico”.

O relato de nossa entrevistada indica que os mecanismos de vigilância e controle aos quais se refere Foucault, agem sobre o seu comportamento individual.

Antônia diz que os bailes que frequenta dão ânimo à sua vida, diz gostar muito de dançar. A frequência aos bailes a envolve em uma sociabilidade com as amigas e o namorado.

Lá no baile é teclado [...] abre o salão 13h30min e eu pago R\$ 3,00 para entrar. Eu pego uma mesa com três cadeiras. Minhas amigas não gostam de sentar não. Uma delas tem diabete e bebe cerveja, não se cuida. O marido dela treme, tem Parkinson, ela o larga em casa e vai para o baile. Eu não tenho doença nenhuma, eu bebo leite, como queijo.

²⁰ Sumatra e Porteira são nomes de Casas de Show em Londrina onde acontecem, também, os bailes para idosos.

Sobre a sociabilidade de idosos decorrentes de atividades de lazer programadas para este grupo, Britto da Motta (2004, p.115) indica que: “A afirmação social que decorre dessa agregação, recoloca a questão da convivência, seja em clubes, praças ou nos programas para terceira idade, que organizam o consumo de serviços e equipamentos a grupos cada vez mais numerosos”.

Para essa autora, a frequência aos bailes pode significar aos idosos, um sentimento de segregação, porém, ressalta que isso faz parte dos sentimentos que todo grupo de iguais tende a apresentar, podendo ainda significar também uma estratégia por reconhecimento.

Antônia relata que não gosta de *shoppings* e que nunca conheceu um cinema, também não frequenta igrejas, não gosta de novelas e sua diversão são os bailes. Afirmou várias vezes que a convivência com a filha com quem mora não é fácil, porém afirma gostar muito das amigas.

Dos projetos públicos voltados para a *terceira idade* Antônia diz não participar e quando fala sobre suas atividades cotidianas, os projetos voltados para a terceira idade não merecem destaque em sua fala, a não ser os bailes que frequenta e que tanto gosta.

Eu sou católica e às 18h30min eu assisto à missa na TV, todos os dias e às 20h30min eu já vou dormir. [...] Eu não gosto de novelas, eu não participo de projetos da terceira idade, eu danço né? Nunca conheci um cinema, também não vou ao Shopping. Quando saio com minhas amigas elas reclamam que eu pareço voar, eu ando rápido. Nós, eu e minhas amigas, vamos ao mercado juntas, elas me chamam e eu vou.

Nos modos de se relacionar, descritos por Antônia, não aparece a convivência com pessoas mais jovens, fora da família, talvez um indicador da dificuldade que os mais velhos têm quando se trata de convívio com gerações mais novas.

Mesmo o conflito de Antônia com sua filha pode ser entendido como uma manifestação dessa dificuldade. Para Bourdieu (1983a, p. 112): “De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades”. O autor destaca que há uma disputa de poder entre as gerações e um conflito na divisão de afazeres.

A relação de Antônia com a cidade é de descontentamento devido falta de respeito das pessoas para com o idoso, como ela mesma diz: “A cidade não

respeita muito os velhos. Tem muitas velhas que estão no calçadão andando e atravessando e os carros vêm e matam a velha mesmo! O trânsito não é bom, atropela a velha mesmo!”.

Segundo Bauman (2009, p.73), há uma persistência dos moradores dos grandes centros em acreditar que o “progresso para a civilização” é bom, mas para o autor “[...] isso não é uma conquista, mas uma luta cotidiana. Combate jamais totalmente vitorioso, que muito provavelmente não alcançará sua meta, mas que continua a ser encorajado pela esperança de vencer”.

No uso do transporte coletivo, Antônia diz ser bem tratada: *“Meu filho quer me levar pra morar lá com ele, mas eu gosto daqui. O ônibus passa bem ali e eu acho que sou bem tratada no ônibus e o cobrador fala: “Dona, olha o lugar aqui”; para que eu possa sentar quando sai alguém”.*

Antônia diz não ter planos para o futuro e que prefere viver o momento:

Meus planos para o futuro? Não dá para ficar viajando, pois eu tenho um problema danado, quando chega aos pontos de ônibus. É que mulher que tem muitos filhos, a bexiga fica meio baixada, né? Eu vou andando e o xixi vai descendo. E também não tenho planos porque a pessoa morre e larga tudo aí, né? O presente está bom.

Como se percebe, nossa entrevistada revela um modo de vida simples, marcado pela frugalidade, contudo uma existência que lhe satisfaz. Como afirma Bourdieu (2004, p.159):

[...] os agentes se auto classificam, eles mesmos se expõem à classificação, em conformidade com seus gostos, diferentes atributos, roupas, alimentos, bebidas, esportes, amigos que combinam entre si e combinam com eles, ou mais exatamente, que convém à sua posição.

Bourdieu, orientado por sua concepção de campo simbólico, refere-se às escolhas dos agentes, de acordo com o espaço e posição social que ocupam, as quais determinam suas classificações.

Antônia, ao comparar sua situação atual com a que tinha quando jovem, se diz satisfeita com suas escolhas: *“Sou mais feliz hoje, agora eu estou na glória de Deus. Vivo melhor agora!”.*

2.2.5 Maria das Graças

Maria das Graças Vicelli nasceu em Harmonia, cidade próxima ao Município de Telêmaco Borba, no Paraná. Está com 60 anos, tem uma filha de 26 anos e uma neta. Não se casou. Trabalhou na Prefeitura Municipal de Londrina (PML) por 30 anos e formou-se em Direito pela UEL, em 1981.

Maria conta sobre sua descendência. Diz que não conheceu seus pais biológicos, pois foi deixada pela mãe, no Hospital em que nasceu:

Ao que me consta, eu sou filha natural de um alemão com uma baiana, porque eu sou filha adotiva. O casal que me adotou, o pai era descendente de italiano e a minha mãe era descendente de índio. Então geneticamente, eu sou alemão com negro e de coração, sou italiano com índia. Segundo a história que eu conheço a minha mãe biológica me teve e pediu para o hospital me dar para adoção, porque ela não tinha condição de me levar e ela disse que se ninguém me quisesse, ela me deixaria lá mesmo, no hospital. Então meus pais me adotaram eu cheguei a Londrina com dois anos, em 1953. Fui registrada em Natinguá²¹, porque em Harmonia não havia cartório. Nós viemos para cá e não saímos mais daqui. Eu cresci meio que junto com a cidade de Londrina.

Os pais de Maria adotaram mais três crianças, mas morreram e ela tornou-se, então, filha única do casal. Maria não conhece seus pais biológicos e disse ter levado uma vida simples junto aos pais adotivos.

Meu pai era eletricitista e minha mãe era dona de casa. Meus pais adotaram mais três crianças que não sobreviveram. Eu me considero até um pouco fria, porque nunca quis saber quem eram meus pais naturais. Quando eu tinha uns doze anos eu descobri que era adotiva. Guardei para mim, pois não queria que meus pais soubessem da minha descoberta. Eu não queria magoá-los, mas com o passar do tempo eu falei com eles e me contaram toda a história. Eu acho que se meus pais biológicos não me quiseram eu achei melhor tocar a vida assim. Eu e meus pais adotivos tínhamos vida bem simples, nós íamos a quermesses na Vila Casoni. Na época não havia nem asfalto. Nós morávamos na Rua Guaranis e sempre íamos também às procissões da igreja e íamos cantando até na Catedral. Moramos lá até eu fazer mais ou menos oito anos, depois mudamos para dentro da Empresa Anderson Clayton, pois meu pai foi trabalhar lá, é onde, hoje, será construído o teatro municipal. Eu conheci ali, onde passa o viaduto hoje, era a linha férrea e, do lado de baixo, era a zona do meretrício, Vila Matos. Entre as duas, havia uma favela. Eu entrei ali na empresa Anderson Clayton com oito anos e saí com 24.

A sociabilidade, na juventude de Maria, era vivenciada com os amigos que moravam perto de sua casa. Como diz: “*Meu grupo de amigos durante*

²¹ Natingui é uma pequena cidade paranaense que fica situada próxima à cidade de Ortigueira.

minha juventude, eram os vizinhos da Anderson Clayton. Só saía debaixo dos olhos dos pais, não tinha muita opção não". Sua mãe, segundo ela, era muito rígida com sua educação.

Mais tarde quando começou a trabalhar, então com 17 anos, passou a ter contatos com colegas de trabalho da Prefeitura, formando um novo grupo de amigos com quem se relacionava, tanto no trabalho como fora dele.

Eu comecei a trabalhar com 17 anos, na Prefeitura de Londrina, na época do Prefeito Senhor Dalton Paranaguá. Quando chegava o dia do nosso pagamento, nós íamos ao Restaurante La Nona. Bastantes amigos, assim. Eu era metida a cantar músicas italianas e o dono do Restaurante chorava de emoção, cantava com a gente, era muito bom. Eu cantava Gigliola Cinquetti, Giani Morandi²². Eu ainda tenho os discos de vinil. Eu via os filmes italianos. Eu gostei, e esse período valeu muito.

Maria relata sua trajetória quando teve sua filha e da relação com o pai da menina, com quem não se casou, por motivo de doença.

Eu não me casei. Tenho uma filha de 26 anos. Eu namorava o pai dela e quando nós pensamos em algo mais sério, aconteceu a gravidez e junto com a gravidez veio um problema de esquizofrenia dele, então isso desestimulou o casamento. Quando ele tem crises, a cabeça passa para outra realidade, passa por um período conturbado. A gente não casou, mas nós somos amigos. É tranquilo, só não deu casamento.

Maria se aposentou com 47 anos e continuou a trabalhar, pois acredita que o trabalho é bom para a pessoa viver bem, apesar de achar que a pressão dos horários é ruim.

Quando eu aposentei estava com 47 anos. Era aposentadoria proporcional e se eu não aproveitasse aquele momento, teria que esperar muito. Foi uma coisa muito pensada e eu não fiquei deprimida. Eu disse pra mim mesma: agora eu vou curtir, vou passear, vou dormir até mais tarde e assim eu fiquei somente alguns meses. Então, um amigo me chamou para tocar uma lanchonete para ele e eu fui. Eu fiquei lá um ano e meio, mas decidi que meu lugar era do outro lado do balcão, eu gosto muito de corais, músicas, apresentação e quando eu estava lá na lanchonete, eu não podia ir a lugar nenhum. Há aposentados que ficam dentro de casa o dia todo e são nervosos. Eu acho que enquanto o corpo resiste você tem que trabalhar. Acredito que se eu ficasse o dia todo dentro de casa eu ficaria nervosa. Você não precisa cumprir horário, mas precisa se sentir útil. Eu não falo somente de contribuição com a sociedade, pois acho que quando você se aposenta a sua dívida com a sociedade já foi paga, mas você precisa produzir outras coisas.

²² Os cantores italianos Gigliola Cinquetti e Giani Morandi invadiram o cinema e as rádios, no Brasil, nas décadas de 60 e 70, do século XX. Site: www.mais.uol.com.br/gigliola-cinquetti-musica-italiana-anos60 . Acesso realizado no dia 27 de abril de 2012.

O envolvimento da entrevistada com o trabalho é uma relação cotidiana que ela não pensa encerrar. Hoje ela trabalha na Prefeitura Municipal de Tamarana, como Procuradora. Diz que o que recebe da aposentadoria daria para viver bem, mas teria restrições nos gastos. Sua renda total, até o dia da entrevista, era de R\$ 6.000,00 (Seis mil reais).

Diz não viver, hoje, uma sociabilidade como antes, com os colegas de trabalho de Tamarana²³, como era na época em que trabalhou na Prefeitura, em Londrina.

Eu trabalho como procuradora na prefeitura de Tamarana. Eu tenho um cargo comissionado, desde 2005 quando entrou esse prefeito e me convidou. Todos os dias eu saio 7h30min de casa e fico em Tamarana o dia todo. A administração trabalha bem, e como eu resolvo direito trabalhista, é bem sossegado. Caso eu precisasse viver somente do que eu ganho com a aposentadoria, teria que apertar o cinto né? Aqui em casa só eu ganho. Minha filha é estagiária, mas ganha pouco. Então, caso eu deixe o trabalho que faço, deixaria de fazer qualquer extravagância. Eu continuo trabalhando mais pelo prazer, pois apesar de apertar a parte financeira, vivendo só com a aposentadoria, eu continuo pelo prazer. Porém, se eu tivesse que ficar presa em um escritório o dia todo, eu não gostaria. Lá o meu trabalho, em Tamarana, eu não tenho sociabilidade. Vou somente durante a semana e as festas acontecem nos finais de semana.

Pelo depoimento observa-se que ela é a provedora material de sua casa. Caso precisasse largar o trabalho que faz, apesar de já ter um ganho como aposentada, a situação financeira seria afetada, pois sua filha ainda não tem um emprego e um bom salário. Segundo Barros (2011, p. 48):

As explicações para a manutenção do lugar de provedor recaem em parte, na dificuldade dos mais jovens de se colocarem e permanecerem no mercado de trabalho, ao lado da segurança das aposentadorias, das pensões e dos benefícios assistências públicos dos mais velhos.

No caso em análise, Maria, além dos proventos de aposentada ainda se mantém produtiva no mundo do trabalho, com vistas a somar rendimentos. Para a autora citada, a posição de provedor da família pelos mais velhos aposentados, traz ainda outro significado: “A imagem de si como provedores, e não como velhos aposentados, ao lado da necessidade econômica, é uma forma, assim,

²³ Tamarana era é um pequeno distrito que pertencia ao Município de Londrina. Deixou de ser Distrito e foi emancipada, como Município, no dia 13 de dezembro de 1995, em atendimento a um apelo antigo da população local.

de manter a autoridade na família e a autonomia e independência como indivíduo” (BARROS, 2011, p.48).

Para Maria, sentir-se independente e útil é continuar trabalhando, seja na sua profissão de advogada ou nos serviços voluntários.

Segundo sua opinião, sua vida é bem agitada. Além do trabalho em Tamarana, presta serviços voluntários no Movimento dos Escoteiros de Londrina, desde 1998, com regularidade. Também auxilia no *Lions Club* de Londrina. Participa também, do Programa “Rede da Cidadania”²⁴ do SESI (Serviço Social da Indústria). Disse que esses serviços serão importantes para quando parar de trabalhar, no intuito de continuar se sentindo “útil” uma vez que considera que seu atual emprego não é estável:

Eu tenho um trabalho voluntário no Movimento dos Escoteiros. Todos os sábados eu fico lá a tarde toda. O objetivo do Movimento de Escoteiro é tentar ajudar as crianças. Podem participar crianças, adolescentes e adultos, de 07 até 21 anos. É uma boa lição de desenvolver a afetividade, o caráter, o físico, desenvolver o próprio potencial da pessoa. Todas as atividades são voltadas para esse fim. O grupo todo envolve 200 pessoas. Os recursos vêm das próprias crianças que pagam uma pequena mensalidade, mas as crianças que não podem pagar, nós nos organizamos para que ela não fique de fora. O Terreno foi cedido pela prefeitura de Londrina. Eu sou Akelá²⁵. Toda semana eu vou pra lá, é muito gostosa essa minha tarefa, estou lá desde 1998. Este ano eu fui convidada para participar também do Lions Club e eu comecei lá. Também é voluntário. Lá eu participo de atividades de prestação de serviços. Há o clube de mães. Fazemos enxoval para grávidas que não podem comprar. Fazemos promoção de arrecadação de alimentos para população carente. Lá fazem exames de olhos gratuitos, para quem não tem condições de pagar. Eles ajudam os asilos. Eu participo ainda, de outro trabalho voluntário ligado ao SESI, sobre a Rede da Cidadania. Eles tentam identificar os problemas do bairro, tentando encontrar a solução dentro do próprio bairro. É como se fosse uma associação de bairro, só que mais abrangente. Agora está meio parado, mas se eles me convidarem eu irei. Essa rede de contatos sociais que eu participo, será muito importante para mim, quando eu parar de vez de trabalhar, pois eu já estou me preparando para isso. O meu trabalho em Tamarana é de cargo comissionado, e se o novo prefeito eleito não quiser continuar comigo, eu estarei sem emprego. Então, não será traumatizante. Eu, certamente, arrumarei outra coisa para fazer. Não vou me sentir inútil, parada.

A sociabilidade de Maria das Graças também é movimentada, sai para divertir-se com amigas, participa de academia de danças e disse que gosta muito de cantar. Participou, por 10 anos, do Coral da UEL, mas precisou parar.

²⁴ Segundo nossa Entrevistada, a “Rede da Cidadania”, organizada pelo SESI, são reuniões mensais ou trimestrais realizadas nos Bairros, para detectar pequenos problemas sociais, no intuito de encontrar possíveis soluções no próprio Bairro.

²⁵ Akelá é o nome dado ao Chefe de Alcateia que cuida dos Escoteiros entre 07 a 10 anos de idade.

A família da entrevistada é pequena, não se casou e moram na casa somente ela, a filha e a neta. A filha ainda é solteira, mas tem namorado, portanto, seu lazer, com a família, fica mais restrito a sua neta, já que a filha está sempre com o namorado.

Minha sociabilidade na família, agora se restringe mais às saídas com a minha neta. Vamos ao cinema, ao shopping. Ela gosta de shopping, eu não gosto! Minha filha agora fica mais com o namorado e eu saio mais com minha neta, com amigas e vivo uma sociabilidade também, nos meus contatos dos serviços voluntários. Eu gosto também de dançar, eu faço aulas de dança, toda semana. Agora estou fazendo aulas de tango na Academia de Danças Augusto Bogo. Lá eles fazem um círculo e todos dançam com todos. Nós fazemos bailinhos lá mesmo, para ensaiarmos. Sempre saio com uma amiga, vizinha minha aqui. Ela também é aposentada do Fórum de Londrina. Eu e ela saímos muito para passear, vamos aos corais, pois ela canta no Coral Unicanto de Londrina. Também saímos para outros lugares, somos amigas desde 1976.

Essas relações que Maria vivencia com seus serviços voluntários, suas amigas e a dança são, segundo Barros (2011, p. 59), “[...] relações que podem assumir o lugar do cuidado e do companheirismo na velhice”. Pois, para a autora, mesmo as mulheres que são mães, avós, independentes, autônomas, poderão sentir os limites que a velhice impõe e a dúvida de como serão esses cuidados, surge em algum momento. Maria não relatou essa dúvida na entrevista. Em sua idade, 60 anos, a preocupação com quem cuidará dela na velhice ainda não foi demonstrada.

Maria disse não ligar muito para moda, veste-se como gosta. Não se importa com marcas ou modismos. *“Nas minhas roupas eu gosto muito de vestidos floridos. Minha filha diz para mim que nunca vestiria uma roupa dessas, mas eu não ligo. Eu não ligo para marcas de roupas. Eu gosto e pronto, não importa a marca”*.

Na relação que estabelece com a sua condição física, Maria tem a compreensão do amadurecimento do seu corpo, bem como de alguns limites que já enfrenta. Todavia, acredita que a maturidade trouxe benefícios para sua vida emocional.

Com relação ao meu corpo, eu já não gosto de dirigir a noite. Acho que ficou mais difícil isso. Uma coisa muito boa que aconteceu, é que eu não ligo mais para coisas pequenas. Você vai amadurecendo e você vai valorizando menos algumas coisas que para você, no passado, parecia um cavalo de batalha né? A maturidade traz isso. Hoje eu acho que discussão é uma perda de tempo, pode ter até uma coisa assim que me aborreça, mas eu já consigo me controlar mais. Quando a gente é jovem, você “roda a

baiana” por qualquer coisa, não leva desaforo para casa. Já agora, na fase mais madura, você já pondera tudo. Precisa muita coisa para me tirar do sério hoje, para me irritar. Isso tudo ajudou na minha relação com a família hoje, ela melhorou muito.

Ao demonstrar viver em harmonia com seu corpo, apresenta consciência das rugas, sentindo-se ainda bela.

Eu tenho uma amiga que só sai de manga longa por causa das rugas e manchas. Eu disse a ela que se continuar assim, daqui a pouco terá que sair de burca, porque o rosto também está enrugado. Eu sinto muitas diferenças no meu corpo sim, eu tenho pés de galinha, tenho bigodinho chinês, tenho uma barriguinha que eu não tinha, peso é uma coisa que já está me incomodando. Eu preciso emagrecer. Eu não quero pensar muito nisso. Eu me acho linda nos meus 60 anos.

As doenças e os limites do corpo são, para Maria, coisas que ela precisa aprender a conviver, sem sofrimento ou rejeição.

O que me impede no momento, não é uma hérnia de disco que eu tenho. Isso eu teria com qualquer idade, mas, por causa dela, eu me sinto meio limitada. Não posso correr muito, subir em barranco, fazer academia pesada. Isso eu já não posso mais. Eu tenho que pensar para fazer algo. Eu acho que minha cabeça ainda não conseguiu acompanhar as mudanças do meu corpo. Eu costumo sentar feito índio, assim, no chão e então, quando eu levanto rápido demais, saio meio que “catando cavaco” pela casa. Acho que eu ainda não me conscientizei da minha idade. Eu corro, eu pulo. Apesar de não poder. Eu acho que a única limitação séria que a idade trouxe para mim, é a visão mesmo. A dificuldade para ler ou dirigir a noite. As outras limitações que encontro é mais da doença que eu já tinha desde mais nova.

A cidade de Londrina, na concepção de Maria, precisa melhorar para que os idosos possam ter uma vida com mais qualidade. Disse já ter sofrido preconceitos no trânsito, por conta da idade. Porém, salienta que, por parte dos idosos, também precisa haver participação, principalmente no que diz respeito a usufruir o que a cidade oferece. Ela já participou dos programas da *terceira idade*, mas não frequenta mais.

No trânsito, eu já fui desrespeitada. Não me chamaram de avó, mas de tia sim! Londrina poderia melhorar a iluminação, o calçamento. Acho que a pessoa idosa também tem que querer participar. Não adianta somente a cidade oferecer. Eu já participei de programas da terceira idade e achei muito bons. Acho positivo esse programa. Há idosos que vão lá só para lamentação, mas a maioria vai para melhorar. Eu vi pessoas idosas em bailes que, fora dali, são pura lamentações, mas ali é só alegria e danças. Ali eles se esquecem das doenças.

Maria afirma que, como advogada, conhece o Estatuto do Idoso, contudo não fez nenhum comentário sobre ele.

A opinião de Maria sobre o país ter, hoje, uma mulher na Presidência da República, é de que este fato significa importante conquista política, revertendo em benefício à condição feminina. Os argumentos de nossa entrevista denotam uma simpatia pela Presidente, revelando identidade de gênero.

Ter uma mulher na presidência eu acho importante até para nós mulheres, como exemplo de que houve uma grande conquista das mulheres na política. Acho que o mais importante é que a mulher é mais emotiva, foi mãe, é mais positivo ter uma mulher na Presidência do que um homem. Eu vejo isso de maneira muito otimista. Também para o idoso, é melhor uma mulher na Presidência. É mais natural da mulher, se preocupar com pai e mãe do que do homem. Sendo assim a sensibilidade para os problemas da pessoa idosa será maior.

A identidade já mencionada, contudo, além de estar baseada na questão de gênero, assenta-se também numa relação referente aos sentimentos próprios da maternidade e, portanto, numa sensibilidade notadamente feminina.

Maria não faz muitos planos de futuro, diz pretender seguir a vida de maneira simples, curtir a filha, a neta, vê-las se realizando. Não gosta mais de praias. Define-se como uma mulher urbana e que gosta muito da vida.

Tudo que passou na minha vida me dá felicidade de lembrar. Acho que quando eu morrer, eu vou pensar no último momento [...], foi bom, foi muito bom, [...] até esse último momento aqui foi bom. Eu gosto muito da vida, se o corpo funcionasse eu gostaria de viver 150 anos. Todo dia eu agradeço a Deus pela vida, pela paz, pelos amigos. Eu lamento muito ter que um dia mudar de endereço.

No próximo capítulo apresentaremos uma construção do *habitus* na velhice, com a intenção de compreendermos comportamentos como o de Maria das Graças que nos mostra, na citação acima, uma maturidade em se ver com a idade que tem como uma dádiva.

CAPÍTULO 3

HABITUS NA VELHICE: O CAMPO, A SOCIABILIDADE E O ENVELHECIMENTO.

3.1 A DEFINIÇÃO DE CAMPO, HABITUS E CAPITAL EM PIERRE BOURDIEU

As mulheres que entrevistamos, no momento em que vivem, estão experimentando um conjunto de transformações sociais que as envolvem em diferentes campos, como nas relações entre gerações, nas famílias, na sexualidade, no trabalho, nas redes de sociabilidades e em seus laços de amizades. Nesses diferentes campos, cabe a percepção das continuidades nos comportamentos sociais do mundo público ou da intimidade dessas mulheres ou, ainda, uma quebra com a reprodução dos estilos de vivenciar a velhice que compunham a vida de suas mães e avós.

Torna-se necessário então, uma definição mais detalhada da noção de “campo”, “habitus” e “capital” de Pierre Bourdieu, para que possamos relacionar nossas análises com essas teorias. Em relação ao campo simbólico, entendemos ser formado por agentes que participam em um jogo com tendência à competição. Para (Bourdieu, 2001, p. 61):

Os campos são lugares de relações de força que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível em cada momento. Entre as vantagens sociais daqueles que nasceram num campo, está precisamente o fato de ter, por uma espécie de ciência infusa, o domínio das leis imanentes do campo, leis não escritas que são inscritas na realidade.

Segundo Martins (2002, p. 2), Pierre Bourdieu construiu “[...] ao longo de quatro décadas, de maneira consciente, paciente e acumulativa, um dos corpos de teorias e de pesquisa sociológica mais fértil do pós-guerra”. E nos seus últimos trabalhos, procurou “[...] fornecer armas úteis a todos que tentam resistir ao flagelo neoliberal”. A desmitificação da naturalização ou da perpetuação das relações de dominação no interior das sociedades, acompanhou os trabalhos de Pierre Bourdieu. Para este, as sociedades ocidentais, com regimes capitalistas, são construídas com base em uma hierarquia de poderes, considerando importante a sua compreensão, bem como o combate dessas desigualdades sociais e decorrente

distribuição desigual desses poderes. Para Bourdieu, a Sociologia é uma Ciência Humana – devido ao rigor acadêmico que, historicamente, sempre a acompanhou – preparada para não somente descobrir as injustiças sociais, como também desvendar e denunciar os mecanismos de dominação e agir na conscientização dos dominados. “A Sociologia permite lutar contra o efeito de naturalização que tende a fazer passar por naturais construções sociais, e toca, na maioria das vezes, em interesses vitais e, nesse sentido, revela os fundamentos ocultos desta dominação”. (BOURDIEU, 1983 c, p. 7,45).

Para Pierre Bourdieu o sociólogo deve estar atento para desvelar atitudes sociais que, na realidade, não se apresentam de maneira verdadeira da forma como se originaram e as explicações teóricas amparadas na objetividade ou na subjetividade, quase sempre, mostram-se insuficientes nesse processo de compreensão. Para ele, os estudos praxiológicos é que formam legítimos conhecimentos.

Segundo Martins (1987, p. 37), o conhecimento objetivista, para Bourdieu, omite a relação indivíduo e sociedade. Forma uma entidade exterior e as lutas no campo social não aparecem. Já o conhecimento subjetivista não mostra as grandes estruturas, ele “rompe com o universo imaginário de possíveis”, todavia naturalizando a relação dominante/dominado. Bourdieu trabalha com esses conhecimentos objetivos e subjetivos, mas não na contraposição e sim na integração dos dois tipos de análise. Propõe uma dialética entre indivíduo (agente) e sociedade produzindo assim uma praxiologia.

Segundo Setton (2011, p. 47):

Bourdieu fez de sua vida acadêmica e intelectual uma arma política e de sua Sociologia uma Sociologia engajada, profundamente comprometida com a denúncia dos meios de dominação em uma sociedade injusta. Para ele, os condicionamentos materiais e simbólicos agem sobre nós, sociedade e indivíduos, numa complexa relação de interdependência, ou seja, a posição social ou o poder que detemos na sociedade não dependem apenas do volume de dinheiro que acumulamos ou de uma situação de prestígio que desfrutamos por possuir escolaridade ou qualquer outra particularidade de destaque, mas está na articulação de sentidos que esses aspectos podem assumir em cada momento histórico.

Bourdieu revelou um simbolismo que envolve as relações sociais nessas sociedades desiguais. Para Setton (2011, p. 47), “A estrutura social é vista como um sistema de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais-

econômicas (salários, rendas), como pelas relações simbólicas (status) e/ou culturais (escolarização)”.

A posição no espaço social e o estilo de vida do agente dependem da posição que ele ocupar dentro da estrutura social acima citada, e o que vai determinar essa posição é o capital que ele possuir.

Os capitais em Bourdieu se dividem em:

Capital econômico (renda, imóveis, salários); capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos); capital social (relações sociais que podem ser convertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas), e por fim, mas não por ordem de importância, o capital simbólico (o que vulgarmente chamamos de prestígio e/ou honra). A posição de privilégio ou não privilégio de um indivíduo ou grupo, é definida de acordo com o volume e a composição de um ou mais capitais adquiridos ou incorporados ao longo de suas trajetórias sociais. O conjunto desses capitais seria compreendido a partir de um sistema de disposições de cultura (nas suas dimensões material, simbólica e cultural, entre outras), denominado por Bourdieu, de *habitus*. (SETTON, 2011, p. 48).

Em Bourdieu (1983c, p. 105), ele apresenta o *habitus* como “aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes”. É ligado à história individual. “É de fato um capital que, sendo incorporado, se apresenta com as aparências de algo inato”.

Bourdieu considera que a noção de *habitus* “tem uma longa tradição”. Desde a *hexis* de Aristóteles que aparece em Émile Durkheim e Marcel Mauss. O autor prefere utilizar *habitus* por significar algo que tem um efeito gerador, diferentemente da palavra hábito que representa algo repetitivo.

O *habitus* é formado pela *hexis* e *ethos*. “A *hexis* é ligada à linguagem corporal e o *ethos* corresponde aos valores interiorizados que direcionam o estilo de vida do agente”. “O *habitus* é algo que possui uma enorme potência geradora”. No *habitus* transparece o capital, ou os capitais, e também a classe social a que pertence o agente, podendo, este, agir, pela prática de seu *habitus*, no processo de reprodução social ou ainda na transformação. O *habitus* é resultado das interações sociais objetivas, porém, “O *habitus* é também adaptação, ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só, excepcionalmente, assume a forma de uma conversão radical”. (BOURDIEU, 1983c, p. 106).

O campo para Bourdieu é composto pela ação dos agentes dentro de uma sociedade de acordo com o *habitus*, o qual determina a posição e situação dentro de um espaço social. Segundo Martins (1987), Bourdieu acredita que o

conhecimento praxiológico proporciona conhecer esse espaço social, esse espaço de luta do agente no campo. Esse conhecimento realiza também uma “relação dialética” entre um *habitus* e uma situação, possibilitando uma maior transparência nas “estratégias de dominação e sua manutenção”. (MARTINS, 1987, p. 42).

A ocupação desse espaço no campo determinada pelo *habitus* do agente, depende do capital em que o agente está envolto.

Os campos têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e constituídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros. (BOURDIEU, 1983c, p. 107).

A teoria de Pierre Bourdieu tem a profundidade e a completude de um clássico da Sociologia e mesmo nos parecendo tão complexa e até mesmo angustiante, consideramos importantes essas definições – ainda que, aqui apresentadas, de modo sucinto, isto é, do ponto de vista que interessam a nossa análise – para podermos transitar, neste terceiro capítulo, sobre o *habitus* de nossas entrevistadas e situá-las dentro dos campos de acordo com os capitais que adquiriram durante suas vidas e avançar no esforço em esclarecer as continuidades ou as novidades nas suas relações em família, no trabalho, com gerações mais novas ou ainda nas relações de amizades e com a cidade, nesse momento da vida.

Entendemos ser esta uma perspectiva que possibilita compreender as redefinições por que passam os comportamentos de nossas entrevistadas, decorrentes desse leque de transformações – aposentadoria, netos, viuvez, corpo em mudança, viagens mais frequentes, etc. – que caracteriza a vida de uma mulher quando chega à velhice.

3.2 SOCIABILIDADE NO MUNDO PÚBLICO E PRIVADO E O (RE) SIGNIFICADO DO TRABALHO

As sociabilidades vivenciadas por nossas entrevistadas podem ser interpretadas como redes de relações que compõem as suas esferas de vida privada e pública, isto é, uma instância possível de ser compreendida como base de *práxis* definidoras de campos simbólicos, nos quais, essas mulheres se definem como agentes produtoras/detentoras de diversos tipos de capital (econômico, social, cultural, político), agindo com outros agentes, ora em complementariedade, ora em

oposição, sempre orientadas por *habitus* já adquiridos, todavia suscetíveis de revisão.

Já durante as entrevistas, observamos, em cada relato, uma disposição em se manterem ativas, em interação social, em constante sociabilidade, seja esta ligada à família, aos amigos, aos vizinhos, ao trabalho regular, ao trabalho voluntário, às viagens e ao lazer. Retornaremos a alguns desses relatos para a construção da sociabilidade que se mantém ou se altera com a chegada da idade.

Tal disposição de se manterem ativas não revela medo da solidão, embora em pelo menos um caso perceba-se o desejo de viver em grupo como um desejo de ser vista e de se sentir jovem. O que existe é, por parte de todas, a preocupação com o isolamento social, em não se sentirem excluídas da vida em sociedade. A velhice, para elas tem antes um significado social, pois está vinculada à ideia de exclusão, do que propriamente físico e biológico.

O grupo social, para elas, assume relevância, mostrando-se imprescindível, independentemente do campo social em que se inserem e do estilo de vida decorrente desta inserção.

É assim que, para a maioria, o trabalho ainda se apresenta como importante, sendo, é bem verdade, (re) significado, pois novas atividades produtivas (quase sempre não remuneradas) são “inventadas” por essas mulheres, agora aposentadas. Formulam estratégias que consistem em desenvolver atividades artesanais, assistenciais, culturais, intelectuais – tanto no mundo privado como no público – com o objetivo de administrar melhor o tempo de que dispõem em virtude da aposentadoria. Uma nova situação por elas avaliada de modo positivo, como um ganho.

Mesmo nos casos em que a dedicação ao marido enfermo exige ou exigiu parte considerável desse tempo conquistado, manifesta-se entre essas mulheres uma forte disposição em manter a autonomia individual e a independência.

Em todo o grupo manifestou-se o empenho em viver uma velhice saudável, sobretudo ativa, disposição que parece ser o principal *habitus* da velhice contemporânea.

Para analisarmos seus estilos de vida em uma cidade como Londrina, faz-se necessário não perder de vistas o modo como essas mulheres mantêm relação com o mercado e o consumo, mas também como se manifestam no mundo público e privado.

Hannah Arendt quando discute a esfera pública e a esfera privada, começa por indicar que, na antiguidade greco-romana, a esfera privada se caracterizava pelos assuntos do *oikos*, dos interesses “privatistas”, tanto o lugar do *labor* – destinado à subsistência e ao metabolismo – como do *trabalho*, atividade produtora de bens decorrentes da ação transformadora que o homem estabelece com a natureza, produzindo, inclusive cultura. (ARENDR, 2005, p. 59,122).

A esfera pública, por sua vez, era o lugar onde o homem, por meio da ação e do discurso, institui a política, se tornando visível, expressando-se de modo espontâneo, e fazendo da *polis* o espaço de manifestação da pluralidade e da diversidade, bem como imprimindo-lhe um sentido de prática democrática impulsionada pela liberdade e orientada não apenas pela busca da igualdade como também de afirmação das diferenças.

A autora entende que é somente com o advento da divisão do trabalho, no século XVIII, que surge a noção do *social* identificada com a esfera pública, o que nos permite afirmar que o *trabalho* deixa de ser uma atividade meramente privatista, passando a depender de uma racionalidade própria, característica do sistema de produção industrial e de leis que o colocam em relação direta com o Estado (de direito e representativo). Este passa a ser a instituição especializada nos assuntos políticos do bom governo e as funções políticas do espaço público – entendido como *polis* –, tendem a perder densidade.

Com a emergência do *social*, o indivíduo se vê, no entendimento da autora, impelido a viver sua vida particular quase que restrita à intimidade.

Essa nova relação entre o público e o privado, além de criar o risco de isolamento, produz também uma “normalização” das condutas e os homens deixam de *agir* – no sentido da política – e passam apenas a se “comportar” como indivíduos “normalizados”. (ARENDR, 2005, p. 172).

Se o indivíduo contemporâneo, mesmo na fase em que trabalha e produz – imerso nesse universo *social* –, já se sente premido pela “normalização” e por seus efeitos, o que dizer sobre a fase em que ele passa a exercer o seu mais elementar direito civil que é o de se recolher ao mundo da casa e de se aposentar?

Entendemos que para melhor compreensão das novas sociabilidades vivenciadas pelas nossas entrevistadas e de como redefinem *habitus* já adquiridos, as análises e formulações de Arendt sobre público e privado tornam-se referência para este nosso estudo.

Uma vez que a autora acentua a importância do espaço público para a prática social e política como fundamento da vida coletiva, tanto as atividades relacionadas ao mundo privado de suas existências, como o modo como se inserem na vida pública e as avaliações das questões referentes à cidade e ao mundo público ganham importância para a análise do grupo estudado.

Não se pode deixar de levar em conta que na velhice, a cidade contemporânea, deveria ser polis de um novo tipo, tornando-se o lugar privilegiado de convivência e participação sócio-política para todos e também, um espelho onde se pudesse mirar como se afiguram as políticas públicas voltadas preferencialmente ao segmento formado pela população mais velha.

Embora as entrevistadas não se vejam como cidadãs que necessitem de políticas públicas específicas, reclamam da insegurança e da violência que vêm se transformando a convivência na cidade de Londrina hoje, e também da discriminação por parte de alguns, para com sua condição, seja quando circulam pelas ruas, frequentando lugares públicos, como shows, shoppings ou até mesmo dirigindo seus carros no trânsito.

No estilo de vida de Ana Maria – 67 anos - hoje, percebemos um acúmulo de capital econômico, o qual possibilita uma vida socioeconômica satisfatória e um capital cultural, pois toda a sua vida esteve envolvida com o mundo acadêmico; Fez mestrado em Londres e sempre deu aulas. O *habitus* de Ana Maria foi construído com base em uma preocupação com estudos e de se tornar uma mulher culta e eclética. Este comportamento ainda persiste em sua vida.

Eu pratico natação e hidroginástica [...]. Eu não participo de um grupo de terceira idade, mas eu vou parar pra pensar. Eu gosto muito do social, do grupo. Eu sempre estive em grupo, fui professora. Participo de um grupo de aprendizado de mosaico. Através do mosaico eu fiz uma viagem ao passado, por causa daquela vida fragmentada que eu vive na infância. Acho que é uma terapia. Eu não sabia que eu tinha um veio artístico. Eu começo e acabo algo, é uma descoberta! Também tenho um grupo de estudo que estuda o Eneagrama. Enea significa nove, nove caminhos.

Essa vida fragmentada – do passado - que Ana Maria se refere é motivada pelas constantes mudanças de cidade, que ela relata sobre a vida que sua família viveu, ocasionadas pela profissão do pai. Esse *habitus* adquirido ainda na infância da entrevistada permaneceu em sua vida. Ela realiza constantes viagens para outros países. “*Eu viajo bastante, sempre que surge uma oportunidade, neste*

ano fui ao sul da Espanha, gostei muito, depois eu fui a Londres e fui à Turquia. Minhas viagens são todas parceladas”.

Ana Maria não teve filhos, não se casou e mora sozinha. Seus proventos ela gasta com ela. Sua sociabilidade na idade em que se encontra, é mais fortemente construída na vida pública, com amigos da UEL e de outras interações. *“Minha sociabilidade hoje é mais com os amigos, eu procuro cultivá-los bastante”.*

Apesar dos seus 33 anos de professora da UEL e de seu capital intelectual que acumulou com essa tarefa, ela não se sente mais ligada a essas práticas. *“[...] eu me desliguei do magistério totalmente [...]”.*

Nos dias de hoje, Ana Maria continua com um trabalho que já praticava antes, mas com um (re) significado, nessa fase de sua vida. Ela atende, voluntariamente, duas vezes por semana, o CVV. Um *habitus* adquirido com sua mãe a qual sempre esteve envolvida com trabalhos voluntários aqui na cidade de Londrina, como ela manifesta em sua fala. *“Engraçado que minha mãe era uma dona de casa, [...] diferente, ela ajudou na criação do Instituto do Câncer [...]. Acho que me inspirei na minha mãe, mas independente dela, eu sempre senti interesse em participar dessas obras”.* Ana Maria reproduziu o que a mãe fazia nos trabalhos beneficentes.

Como podemos observar, houve mudanças na vida de Ana Maria com a aposentadoria e com a chegada da idade, mas ela reconverteu suas atividades em novas formas de utilizar seu tempo e seu *habitus* de professora se reverteu a um novo *habitus* – embora com as mesmas disposições -, agora o de aluna. A sociabilidade que prevaleceu é o da vida pública e Ana Maria continua participando do jogo social por capital cultural. *“Eu acho que o que eu fazia antes eu não faço mais nada, [...], eu virei mais aluna agora. Acho que o que mudou foi bom”.*

Já Maria Lúcia – 73 anos - desenvolveu um estilo de vida privado e público ao mesmo tempo, em sua trajetória de vida. Casada, teve três filhos homens e nos afazeres domésticos mantinha e mantém sua autoridade em administrar a casa.

Ela apresenta claramente, o capital intelectual em que está inserida desde quando era aluna. Fez o Curso de Sociologia Política e Administração Pública, na Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais.

Nós tínhamos uma sala dos bolsistas e nós ficávamos lá o dia todo. Nós tínhamos cursos especiais de professores de fora e formou ali uma elite intelectual, da qual saiu Simon Chivartiza, Bolívar Lamounier, Edmundo Bacha, vários intelectuais que hoje tem renomes na área de política foram meus contemporâneos, até o famoso Betinho estudava ali. Isso tudo ocorreu em 1963.

Maria Lúcia nasceu em uma família com situação socioeconômica favorável e seus pais sempre estiveram preocupados com a formação escolar da filha. Teve professor particular desde bem pequena e isso a envolveu em um capital cultural e voltou-a para a área acadêmica. Seu *habitus* com a leitura e produção de textos é praticado ainda hoje, por meio de uma sociabilidade *on-line*, onde participa de debates e publicações de análise política.

A sociabilidade de Maria Lúcia, no passado, foi mais voltada para suas relações de trabalho, no mundo público. “A UEL, a COHAB absorveram totalmente minha sociabilidade no passado. Eu trabalhei muito”.

Na atual fase de sua vida, Maria Lúcia mora com seu marido, o qual está enfermo, doença provocada por um AVC. Maria Lúcia disse sair, às vezes, com os netos e nora, mas, a maior parte do tempo, fica em casa.

Eu, hoje, tenho um grande trabalho. Na medida em que ele não pode fazer, eu assumo tudo, administro tudo. As atividades que faço hoje são muito diferentes do que fazia quando ele tinha saúde. É médico, enfermeiro, o tempo todo e a atenção que exige são enormes. É outro tipo de atividade, mas trabalho não me falta! [...] As viagens que fazia ficaram tudo mais complicado.

Como se percebe em sua fala, um novo trabalho surgiu em sua vida, a tarefa de administrar os cuidados com a doença do marido. A autoridade, no conduzir a casa, um *habitus*, já praticado antes, mas que agora se fortalece, pois Maria Lúcia tem que conduzir a casa sem a ajuda do marido.

No seu estilo de vida público, Maria Lúcia não interrompeu seu trabalho de Analista Política de quando era Cientista na UEL, apesar do tempo que passou e dos limites do corpo que podemos constatar em seus relatos, e ainda da situação do marido, ela iniciou uma nova atividade, um trabalho (re) significado, ligado a um novo tipo de sociabilidade, na qual ela acumula o capital social, cultural e intelectual, adquiridos em sua trajetória de vida. Ela criou um *blog* de análises política, onde publica seus artigos e opiniões sobre a situação política do Brasil e do mundo, ela vivencia “[...] uma sociabilidade virtual, mil vezes maior do que a real

(pessoal), porque eu interajo com pessoas e esse blog, em rede, vai passando de um para outro”. Esse público são, simbolicamente, seus alunos e colegas de trabalho do passado, com quem ela troca, hoje, experiências da vida política, só que *on-line*.

Na vida privada, Maria Lúcia não se desligou de nada do que fazia no passado, continua cuidando da casa, no convívio com marido, filhos e netos e, na vida pública, continua na luta por capital intelectual, embora de forma diferenciada.

Ela construiu, ao longo da vida, uma conexão entre seu estilo de vida em família e seu estilo de vida em sociedade. Isso continua até hoje. Vive praticando seu *habitus* do passado e usufruindo todo seu prestígio e *status* que o acúmulo de capital cultural e intelectual, ao longo da vida, lhe proporciona. Nos seus contatos na *internet*, continua sendo uma Analista Política respeitada e requisitada e, em casa, continua exercendo sua autoridade de organizadora do lar.

A trajetória individual de Dora – 85 anos – está inserida em um grupo de mulheres que não trabalharam, formalmente, fora da casa. Dora nasceu em uma família que, segundo seu relato, levava uma vida simples e que dava muito valor ao trabalho, porém, saiu cedo de casa, casou-se aos 17 anos, com um engenheiro civil do exército brasileiro. Foi casada por 56 anos.

O estilo de vida Dora, como esposa de militar, foi construído nesse campo onde o capital social impera. O poder simbólico expressa-se, mais fortemente na esfera pública. Dora formou-se nos estudos de línguas neolatinas e levava uma vida dedicada às tarefas da casa, com quatro filhos, mas quando os filhos cresceram e também, depois que o marido faleceu, prestou trabalhos voluntários com alfabetização de adultos, asilos e hospitais.

O estilo de vida de Dora, hoje, é o de uma mulher que, embora não tenha trabalhado, formalmente, fora do lar, valoriza a autonomia e a independência. Mora sozinha cuida de sua casa, faz suas compras e dirige carros desde 1949. Tinha uma vida social ativa antes do falecimento do marido. Quando viúva, tentou continuar uma sociabilidade com amigas.

Eu tenho amigas, até hoje, desses trabalhos voluntários. Eu tive que parar, pois estava muito cansada. Eu fiz uma cirurgia delicada. [...] e fiquei muito mal, minha sociabilidade foi mais prejudicada. [...] Minha sociabilidade hoje é mais na família. Com as amigas, eu vou mais aos aniversários. [...] agora eu estou mais light, ainda faço minhas coisas, eu sou meio independente, mas hoje eu me volto mais para a família.

A convivência de Dora na esfera pública, hoje, foi reduzida pelas condições de saúde, como ela relata, porém, o capital cultural que Dora adquiriu no passado - viveu um tempo na França, viajou pela Europa, fala e ainda estuda Francês - ainda se faz presente pela participação dela na Aliança Francesa de Londrina, onde ainda trabalha. Outro elemento simbólico muito importante na vida de Dora é sua independência, a qual ela faz questão de citar, várias vezes, ao longo da entrevista.

O capital e a sociabilidade que prevaleceu, mas fortemente, na fase atual de Dora - 85 anos - é na esfera privada, no interior da família. Entendemos que essa aproximação da família que Dora expressa, sempre fez parte de seu *habitus*, porém, percebemos que a idade a sensibilizou mais para esse convívio familiar. Parece que isso a faz se sentir mais acolhida.

Antônia – 79 anos – também não teve trabalho formal, fora do lar, porém trabalhava em casa e nas plantações da chácara do marido. O capital econômico de Antônia é o menor entre as entrevistadas – um salário mínimo - porém, segundo ela, é satisfatório, pois as despesas da casa ficam por conta de seus filhos e o dinheiro é todo seu.

Sua trajetória é de uma trabalhadora rural que teve 14 filhos e ficou viúva aos 46 anos, com a casa cheia de filhos para criar. O capital simbólico que cercou a vida de Antônia, no passado, e que aparece em sua fala, é a honra de ter criado os 12 filhos, dois morreram ainda bebês. Também valoriza a saúde e o dinheiro que tem agora, para viver bem. *“Quando ele morreu eu fiquei lá, plantava batata. Meu cunhado vendia a plantação e aí tinha um dinheirinho. O presente tá bom! Meu filho me leva para passear em Camboriú. Assim, tá bom. [...] Agora sou feliz, sou aposentada, tenho dinheiro”*.

No estilo de vida de Antônia não houve uma educação formal. Ela não frequentou escolas. Sua forma de expressão é o de uma mulher simples pertencente a uma cultura popular.

Hoje, Antônia preocupa-se com a sociabilidade familiar, na esfera da vida privada, gosta das visitas dos filhos e netos, mas o que confere poder simbólico à sua vida está ligado à esfera da vida pública, onde ela tem um capital cultural ligado à estética e ao lazer.

Antônia frequenta os bailes para pessoas idosas que acontecem na cidade, regularmente. Para ela, estar arrumada e ir com seu namorado aos bailes

lhe proporciona poder social. *“Quando eu vou dançar, eu me perfumo [...]. Eu me arrumo muito é para ir aos bailes [...]. Ponho um lenço bonito no pescoço [...].”*

Ela mora com uma filha solteira, mas vivem em conflito na casa. Ela diz: *“Sobrou a minha filha pra me fazer companhia, mas ela é muito nervosa. Nós brigamos”*. Ela afirma sua autoridade na casa, segundo ela a filha deve fazer o serviço doméstico porque ela já está cansada. Disse que somente lava a louça.

Antônia construiu um estilo de vida no qual o poder simbólico que prevaleceu nessa idade é a liberdade e a independência, garantidas pela situação da viuvez, pela pensão que recebe do marido e pela saúde que tem. Gosta de namorar, dançar, sair com amigas. Ela participa de um jogo social onde o *habitus* de uma vida simples, agora mais prazerosa, se repete.

A entrevistada com menos idade é Maria das Graças – 60 anos –. Ela continua trabalhando, formalmente, após a aposentadoria. O trabalho é o que constitui o maior capital para ela. Ela trabalha todos os dias exercendo sua carreira de advogada. Trabalha, também, voluntariamente nos finais de semana. Isso significa poder social em sua vida. *“Eu continuo trabalhando mais pelo prazer, pois apesar de apertar o financeiro só com a aposentadoria, eu continuo pelo prazer. [...] Não vou me sentir inútil, parada”*.

Maria é envolvida em três trabalhos voluntários. O trabalho, ainda que voluntário, é uma estratégia de Maria para continuar no campo social e garantir uma velhice mais voltada para a esfera pública. *“Essa rede de contatos sociais que eu participo será muito importante para mim quando eu parar de vez de trabalhar. Estou me preparando [...]! Então não será traumatizante e eu, certamente, arrumarei outra coisa para fazer”*.

Como Maria Lúcia, Maria das Graças também construiu um estilo de vida público e privado, concomitantemente. Sua sociabilidade, em família, é vivenciada pelo convívio com a filha e neta. Sua autoridade de mãe é compartilhada com a filha que também já é mãe, as duas ainda não se casaram e dividem as tarefas da casa sem conflitos.

Maria representa para nossa pesquisa, um exemplo do que está ocorrendo com parte dos aposentados, no Brasil. Movidos, ora pelo prazer de continuarem se sentindo “úteis”, ora movidos pela necessidade em complementar a parte financeira de suas casas, que suas aposentadorias não cobrem.

As redes sociais - na esfera pública – de Maria é o elemento simbólico estruturante de sua vida, nessa faixa etária em que se encontra. Maria continuou com seu *habitus* de mulher que sempre trabalhou e apesar de dizer que a quantia que ganha ajuda nas despesas da casa, seu envolvimento com o trabalho lhe confere também poder simbólico.

Embora entre as mulheres que entrevistamos prevaleça um tipo de sociabilidade, ora na esfera pública ora na esfera da vida, percebemos que essas relações são resultados do campo em que ocupam e constituem seus estilos de vida, porém, percebemos ainda que nenhuma delas, de acordo com seu *habitus* teve sua trajetória de vida atrelada a somente uma *práxis*.

Nossas entrevistadas, cada uma a sua maneira, demonstraram certa autonomia, uma liberdade em vivenciar o processo em que estão percebidas como ganho de capital simbólico. É como se a autonomia que tinham na juventude, quando solteiras, tivesse retornado, levando-as a (re) significar os *habitus* orientadores de seus comportamentos e sociabilidades, tanto na vida pública quanto na vida privada.

No mundo público, o trabalho voluntário ganha expressão, o mundo virtual passa a funcionar como rede de sociabilidade que liga o mundo privado ao público, sendo estes, rearranjos mais importantes do que a frequência aos programas decorrentes de políticas públicas voltadas para essa faixa de idade.

Sobre os *habitus* do mundo da casa, correm o risco de se tornarem assujeitadas a um processo de reavivamento de valores mais tradicionais, como diz Goldenberg (2011, p. 8-9), inspirada em Simone de Beauvoir (1990), quando esta analisa as perdas e ganhos na velhice feminina, diz:

A identidade da mulher, mesmo daquela que trabalha fora da casa, está ancorada na vida familiar, em seus papéis de dona de casa, esposa e mãe. Se a identidade feminina é construída prioritariamente a partir da casa, quando ela se aposenta de um trabalho profissional, ela pode se dedicar mais ainda às obrigações domésticas e familiares, cerne de sua identidade.

Todavia, no caso em estudo, a volta para casa, daquelas que viviam trabalhos profissionais, não representa retorno ou total adesão às disposições do passado. Mesmo envolvidas com tarefas domésticas, todas as mulheres que entrevistamos mostraram se bastante ativas na vida pública, driblando os controles sociais que atuam sobre suas vidas.

3.3 O SENTIDO DO ENVELHECIMENTO

No Brasil, onde há uma supremacia da aparência, o corpo tende a ser visto como um capital, tanto que para muitos, seguir os padrões de beleza impostos pelo poder midiático, significa não envelhecer. Desse modo, o envelhecimento do corpo é sentido não apenas como um processo biológico ou de dimensão fisiológica, mas percebido pelo seu lado estético, afetando sobremaneira o lado emocional de quem envelhece, principalmente, das mulheres. Portanto, falar do corpo envelhecido, tanto para quem fala como para quem ouve, não é tarefa fácil, tampouco agradável, pois se trata de uma fala carregada de forte subjetividade e nenhuma pessoa envelhece, ou se sente assim, de modo semelhante à outra ou outras e nem da mesma maneira.

Para delimitarmos algumas disposições duráveis que, em nossa cultura, parecem orientar as percepções sobre o corpo, como exemplo, a visão da sociedade contemporânea em defender que um corpo só é belo e saudável se for jovem, nesta parte do trabalho, analisamos como nossas entrevistadas interpretam o envelhecimento, recorrendo novamente aos seus relatos, na intenção de compreender que valores acompanharam suas vidas até hoje, com relação ao corpo e como reveem esses valores.

Acerca dessa questão, Goldenberg (2011, p. 11) faz a seguinte pergunta: “Na Sociedade brasileira, envelhecer pode significar restrições e rupturas sociais, perda de oportunidades e a construção de uma identidade negativa?”. Para a autora, compreender esse processo é analisar como as mulheres se comportam diante da situação advinda das mudanças que a idade apresenta em seus corpos e em suas vidas cotidianas.

Le Breton (2010, p. 36) esclarece sobre a importância da Sociologia se voltar aos assuntos do corpo:

A análise sociológica distingue-se das intervenções corporais terapêuticas (médicas, xamânicas, religiosas, outras medicinas) que buscam reinserir o homem em sua comunidade. A Sociologia aplicada ao corpo distancia-se das asserções médicas que desconhecem as dimensões pessoal, social e cultural de suas percepções sobre o corpo.

Para este autor, o sociólogo que pretende se dedicar a esses estudos deve considerar a interdisciplinaridade no âmbito das “ciências sociais e

humanas”. Porque, segundo ele, os sentimentos com relação ao corpo transitam entre “a natureza e a cultura, o psicológico e o simbólico, o social e o individual”. Reforça ainda, que são complexos os assuntos da corporeidade, entendendo por corporeidade algo relativo ao corpo material. Um “objeto incerto e ambíguo”, cujas “ambiguidades” requerem “prudência e precisão do sociólogo” para que este possa respeitar esta interdisciplinaridade. (LE BRETON, 2003, p. 25, 97).

O alerta do autor serviu de orientação durante as entrevistas que fizemos e nos ajudou a lidar com nossos sentimentos em campo, levando-nos a buscar equacionar a subjetividade contida nos depoimentos com a objetividade necessária à compreensão do nosso objeto de análise. Foram muitos os momentos em que nos deparamos com os fortes sentimentos expressados pelas nossas entrevistadas e com as diversas formas como lidam com o envelhecimento, quando questionadas sobre seus corpos e sobre como se sentem diante do olhar da sociedade sobre elas, bem como de sua família e dos mais próximos, quando percebem que envelhecem.

Segundo Goldenberg (2007, p. 13) “O corpo é capital nesse nosso universo de brasileiros de todas as cores que preferem mistura ao que separa e opõe”. Esta autora refere-se à diversidade inter-étnica e ao padrão de beleza exótica dela decorrente. Prossegue dizendo que “O corpo tem sido um componente fundamental na construção da identidade brasileira”. E como, no Brasil, os investimentos em “outros capitais”, a exemplo de educação e cultura, são reduzidos, o corpo “torna-se um capital físico, simbólico, econômico e social”. A autora ainda reforça que esse capital é dirigido a um corpo jovem, magro, saudável e em forma. Independente da classe social, este é o tipo de corpo que impressiona, facilita as sociabilidades, sendo, muitas vezes, relacionado às oportunidades de ascensão social.

Para Goldenberg (2011, p. 10) “Se o corpo é um capital, especialmente para as mulheres mais jovens, a liberdade parece ser um capital muito mais importante para as mulheres que envelhecem”. Essa constatação da autora também é perceptível em nosso trabalho. Apesar da preocupação com a imagem do corpo, essa “ideia de liberação feminina com o envelhecimento” também está presente nos relatos de nossas entrevistadas, quando falam de suas vivências hoje e quando se referem aos sentidos do envelhecimento em suas vidas.

Nossas análises apontam para uma heterogeneidade nos modos de viver o envelhecimento, mas ao considerarmos suas condições de gênero e de idade, percebemos um ponto em comum entre elas. Todas atribuem importância à aparência, um dos aspectos da corporeidade, tanto nos seus aspectos individuais como sociais.

Referente ao corpo que envelhece, existem, em suas falas, sentidos produzidos enquanto individualidade – tendo como referência os anos vividos – e outros que são referentes aos padrões da sociedade contemporânea. Algumas veem seus corpos como feios, comparados ao passado. Há também reclamação de doenças. Outras são felizes com o próprio corpo e demonstram aceitação dos limites impostos pela idade, considerando-se ainda belas. Entretanto, quando falam acerca da aparência – a imagem corporal relacionada aos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade – entendemos que há uma preocupação, unânime, em se sentirem bonitas e cuidadas ao se apresentarem para alguém, nas relações sociais que estabelecem, portanto em suas redes de sociabilidade.

Nos relatos de Maria das Graças – 60 anos – aparece a reclamação acerca da *“barriguinha”*; Antônia – 79 anos – preocupa-se em pintar os cabelos brancos; Maria Lúcia – 73 anos – reclamou que era mais alta quando mais jovem; Ana Maria – 67 anos – disse que não encontra roupas e sapatos que a agradem em Londrina; Dora – 85 anos – disse que seu paladar e seu olfato mudaram e que, por isso, está mais gulosa agora. Cada uma delas demonstra de modo peculiar, o significado atribuído a algumas alterações no corpo decorrente da idade.

Retomando os relatos das mulheres, focalizaremos partes de suas falas que (re) significam o corpo em envelhecimento e ainda os sentidos por elas produzidos não somente sobre os aspectos físicos, mas também sobre a afetividade e a sensibilidade envolvidas no convívio com seus familiares e amigos.

Observamos que, na condição de mulher, o biológico e o simbólico surgem juntos nas questões referentes ao envelhecimento. Nos seus relatos, parte de suas identidades individuais aparece ligada à imagem e à saúde corporal. Percebe-se também que seus relatos atestam o que alguns autores afirmam sobre o envelhecimento feminino, quando consideram não ser fácil para a mulher, envelhecer. Para Barros (2004, p. 46) no processo de envelhecimento, a questão de gênero pesa mais para a mulher, do que para o homem, uma vez que sua função de reprodutora deixa de existir e o seu corpo passa a mostrar os sinais da velhice,

tornando-a frágil aos olhos da sociedade, o que não deixa de ser um novo tipo de controle social. Se este controle, na juventude, se manifestava por meio da expectativa da maternidade sempre associada a padrões de estética, na velhice, por conta das mudanças corpóreas, tais padrões são colocados de modo mais exacerbado ainda, surgindo os procedimentos artificiais como recursos de manutenção da “juventude”. Segundo Barros (2004, p. 46):

O cuidado e a intervenção no corpo feminino se iniciam cedo na trajetória de vida das mulheres e, hoje, alcançam a velhice por meio do controle dos sinais corporais do envelhecimento com cirurgias, reposições hormonais, remédios e outros, considerando o poder aquisitivo e a pressão simbólica presentes sobre cada classe social.

Essas intervenções de que trata a autora, tão cedo presentes na vida das mulheres, nos reportam ao relato de Antônia quando disse ter sofrido muito quando o marido era vivo, pois tinha um filho seguido do outro: *“Na dieta, eu nem tinha sarado ainda e ele fez outro nenê na minha barriga. Eu tive 14 filhos e ficaram 11, os outros morreram no parto.”* Apesar dos sentimentos manifestados – quando o parto e o puerpério aparecem como doença, uma vez que dieta está relacionada a “saraar” –, ela diz que mulheres que têm muitos filhos, têm também muita saúde, como se isso justificasse, de alguma forma, a dominação masculina exercida, neste caso, por meio do controle do corpo feminino.

As relações afetivas de Antônia com os netos e filhos são ressaltadas em sua fala, mas os afetos maiores que a envolvem, na condição em que se encontra, aparecem de modo mais evidente quando fala do convívio com as amigas. *“Tenho uma amiga de 62 anos e uma de 75 anos. Nós vamos dançar, vamos ao mercado juntas [...]”*

No caso específico de Antônia, há uma avaliação muito favorável que faz de sua situação socioeconômica atual. É surpreendente como avalia de modo positivo o fato de receber um salário mínimo de aposentadoria. Há de se considerar que Antônia é egressa do mundo rural onde trabalhava no campo sem contrato de trabalho. O pouco que recebe, possibilita-lhe passear e se arrumar. *“Já passei muito apertada nessa vida. Hoje eu sou feliz”*.

Com relação ao envelhecimento do corpo e aos limites que isso pode acarretar, Antônia afirmou ter muita saúde e que não precisa de intervenções cirúrgicas. *“Eu era muito bonita quando era jovem [...]. Hoje tem muita diferença. [...].”*

Hoje eu passo batom, passo lápis preto na sobrancelha pra tampar os brancos, passo ruge. Eu não preciso de plástica". Além de Antônia dizer que era muito bonita quando jovem aceita sua idade e continua se sentindo bela.

Embora não tenhamos questionado sobre sexualidade, o único depoimento em que surgiu, espontaneamente, essa questão foi o de Antônia. Ela diz do namorado: *"Eu estou apaixonada [...]. Ele fala: um dia eu vou dormir com você, um dia a gente vai num motel. Eu digo: não, você está louco, eu sou viúva, moro com filha. [...] Eu acho que eu estou velha para casar outra vez, melhor namorar só"*.

Consideramos relevante ouvir Antônia falando de sexualidade aos quase 80 anos de idade. Segundo Alves (2011, p. 171):

As mulheres de geração mais velha apresentam ambiguidade quando falam em projetos atuais da vida afetiva e sexual. Apesar de afirmarem que estão "fora do mercado sexual", as razões para essa ausência revelam contradição. Por um lado, são os homens que não as desejam mais porque são velhas e pouco atraentes para os padrões de beleza hegemônicos. Por outro, são elas que dizem não se interessar mais por sexo e, portanto, não procuram os homens.

Esta autora ressalta que "sobra pouco espaço para a afirmação de um projeto afetivo e sexual na maturidade", mas afirma, também, que "o imponderável é um elemento de um projeto amoroso" e que é totalmente possível o encontro dessas mulheres com alguém, na fase em que estão. (ALVES, 2011, p. 171).

Tudo indica que Antônia representa o "imponderável", contudo a não realização do seu projeto amoroso parece se dever a padrões e regras de comportamento, disposições duráveis relacionadas aos "bons costumes" e ao exemplo que, segundo ela, tem que dar à filha.

Apesar de Dora não falar em se casar novamente, afirma: *"O meu médico dizia: 'a senhora precisa arrumar um namorado para passear'. Eu nunca senti falta, minha família é bastante presente"*.

Neste caso, a entrevistada prefere o convívio com os familiares a busca de um namorado, não distinguindo o significado que tem o afeto da família de uma possível relação amorosa.

A visão de seu corpo é menos positiva do que a de Antônia, acreditando que a velhice fez diminuir sua beleza, como afirmou em seus relatos quando disse que não se sente mais tão bela como quando era moça, dizendo

também que sua aparência hoje lembra sua mãe. Para Dora, o corpo envelhecido produz estranheza. Como diz Beauvoir (1990, p. 348) “A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?”.

O controle que vem de fora para que a mulher seja sempre bela e jovem, num momento da vida em, que o padrão de estética é outro – assumindo caráter coercitivo –, causa desconforto, questão que é abordada por Bourdieu (2002, p. 23), “[...] na visão que inúmeras mulheres têm do próprio corpo quando não estão conforme aos cânones estéticos impostos pela moda, e de maneira mais geral, em sua adesão à sua imagem desvalorizada da mulher”. O autor refere-se às mulheres que introjetam o sentimento de feia por não atender aos padrões estéticos da sociedade ocidental, sentindo-se desvalorizadas.

Isso parece ocorrer com Dora, uma vez que, suas referências estéticas ainda são os conceitos de corpo jovem e belo. Segundo ela, a velhice diminuiu também sua energia de fazer o que gosta: *“Eu, infelizmente não tenho mais aquele pique, ânimo eu tenho, falta pique mesmo, de ir comprar os presentes de natal. Eu gostava tanto e gosto ainda, mas eu não tenho mais tanta capacidade. As viagens eu já estou com preguiça”*.

Referente à sua vida afetiva, Dora demonstra entendimento sensível, mostrando como lidou com a doença, a morte e sua capacidade de compreensão das perdas. Ao relatar a morte do marido com *Alzheimer*, de dois filhos que morreram de câncer e um neto que morreu jovem, Dora conclui: *“A gente quando envelhece [...], também fica mais sensível. [...] depois que eu perdi meus filhos e meu neto [...], tudo é muito pouco pra mim”*.

Nessa fase da vida, para Dora, a convivência com os netos, demonstra ser o que mais importa: *“O olhar da minha família para mim, depois de certa idade, tem um cuidado maior [...]. Meus netos são muito bons. Aumentou a afetividade deles para comigo”*.

No depoimento de Dora, percebe-se que os projetos futuros pertencem a um devir sempre próximo, ou seja, animava-se com os planos de receber suas bisnetas de dois anos no Natal. Conduta justificável quando parte de pessoas nesta fase da vida, em que a noção de tempo é medida diferentemente, quando comparada com a percepção de tempo para os mais jovens.

Como já dissemos, nossas entrevistadas viveram, ao longo de suas trajetórias, influenciadas por um sistema de disposições duráveis responsáveis pela orientação de suas condutas. Todavia, são mulheres que de uma ou outra maneira vivenciaram ou receberam também as influências de muitas transformações que afetaram o mundo feminino, no sentido de conquistas por liberdade.

Cada uma delas, decorrente da situação de classe e de capitais simbólicos acumulados, hoje se vê diante de um mundo em que de um lado, a mídia divulga valores que acentuam a importância de manutenção de um corpo jovem com ênfase nas relações de mercado e, de outro, o *policy macking* estatal elaborando políticas específicas de assistência voltada para a população mais velha, ora baseadas na idéia de que esses cidadãos devem ser ativos e demonstrar vigor físico, ora, contraditoriamente, partindo do pressuposto da fragilidade física.

Portanto, é diante desse momento de mudanças, caracterizado por uma proeminência dada ao envelhecimento, que nossas entrevistadas são instadas a desenvolver uma percepção sensível de toda a essa situação e de se reposicionar enquanto agentes que internalizam, mas que também formulam novos *habitus*.

Em todas as entrevistadas, essa sensibilidade se manifesta de maneira peculiar. Para Ana Maria, percebemos esse lado sensível, quando fala de seu serviço voluntário no CVV, uma conduta que decorre de uma disposição por ela aceita e legitimada, anteriormente, e que pouco tem a ver com as políticas públicas a que nos referimos, mas sim com o caráter tradicional da filantropia, um tipo de ação que não se dirige para “os mais velhos”, ao contrário, com predominância de jovens. Uma experiência que lhe oferece a possibilidade de agir, sentindo-se parte de um programa de assistência social e que lhe possibilitou, já de há muito, o acúmulo de capital simbólico:

Não há muita diferença dos problemas das pessoas do passado com o presente, é sempre a dor, a incompreensão, a solidão com letras garrafais assim, a falta de comunicação, de diálogo entre as pessoas, isso aumentou mais na atualidade, outra coisa é o aumento de procura do CVV por crianças, crianças que se sentem sozinhas, que vão mudar de colégio, que já passaram de situação de abuso sexual. Acho que a solidão é um problema do passado, presente e futuro. A violência aumentou muito.

Há mais de 20 anos Ana Maria atende pessoas por telefone nesse serviço do CVV para dar uma palavra de atenção, companhia e solidariedade. “Eu

acho que essa condição de ser solidária e compreensiva com as pessoas hoje é fundamental”.

Até nas situações aparentemente prosaicas, a posição de nossas entrevistadas, diante do envelhecimento, demonstram o esforço sensível de entendimento desse novo período de suas vidas. Essa situação se revela, quando Ana Maria fala sobre suas viagens atuais:

Agora eu prefiro viajar com alguém da família ou amigo, interessante que eu viajava sozinha, [...], mas agora parece que não tem muita graça ir sozinha. [...] com a chegada da terceira idade, a pessoa fica um pouco acho que prudente ou desconfiada, eu não sei que sensação é essa, [...]. Você quer se sentir protegida. [...] a gente fica mais limitada ou cuidadosa?

Ana Maria demonstra ter se posicionado diferentemente em relação a um hábito que sempre teve, ou seja, o de viajar. Quando mais jovem era destemida, viajava sozinha pelo mundo, mas hoje não sabe se a opção por viajar acompanhada decorre de fragilidade ou se decorre de um impulso que sempre teve de viver em grupo.

A percepção sensível se manifesta também sobre as relações e sociabilidades do mundo privado. Sobre seus irmãos, ela diz: *“É natural que com a idade hoje, minha família ficou meio pulverizada. Meu contato com eles é mais por telefone, computador. Eu viajo para vê-los, mas é aquele negócio vapt-vupt? Não é uma coisa muito intensa”.*

Neste depoimento percebe-se certo desconforto de Ana Maria, que após a perda dos pais, mora sozinha e talvez esperasse contatos mais duradouros com os irmãos.

Com relação à corporeidade, Ana Maria demonstra adesão aos padrões estéticos que relacionam o corpo à juventude, todavia, relacionando também a juventude como um traço de comportamento, considerando que é possível manter a alegria diante do envelhecimento. *“[...] não tenho fotos, mas eu encontro algumas ex-alunas e fico curiosa pra saber como eu era. Acho que é porque a gente não se enxerga e quer saber. Elas falam que eu não mudei muito. Acho que é porque eu sempre fui muito alegre”.*

Embora Ana Maria não se considere envelhecida, é ciente das limitações físicas que surgem com a idade. *“No meu corpo eu sinto as limitações da idade, surge um probleminha no joelho, um probleminha de artrose, mas eu procuro*

manter um pouco de atividade física e meu corpo hoje não me limita a fazer nada do que eu fazia no passado”.

Sua expressão corporal e discursiva revela uma mulher alegre, otimista, que quer realizar muitos planos na vida, alguém que persiste no estilo de vida que assumiu ao longo de sua vida, adaptando-se a um novo tempo, por ter acumulado um capital cultural expressivo, demonstrando capacidade de rever seus *habitus*, disposição que sempre demonstrou como mulher diante do mundo em mudança.

Para Maria Lúcia, o envelhecimento, especialmente o físico, é avaliado de modo negativo, mas realista. Reconhece os desconfortos que acompanham este processo, porém demonstra capacidade ímpar de rever ou adaptar seus hábitos e aceita o que a vida oferece. Com relação à sua aparência, interrogada sobre a possibilidade de se submeter a cirurgias plásticas ela diz: *“Eu não gosto de mexer no meu corpo, então vai ficando [...]”.*

Ela considerou importante citar que teve três filhos de partos normais e ter amamentado todos eles. Mostrou-se consciente do que significa o corpo em processo de envelhecimento. *“Eu acho que as pessoas têm que entender que a vida é feita em ciclos e cada época tem um ciclo. É preciso se adaptar da melhor maneira possível, não adianta ficar naquele saudosismo que antes era melhor ou pior”.*

Considera que o termo *melhor idade* e outros eufemismos não condizem com a realidade de uma pessoa que sente os limites do corpo com a chegada da idade. Essa disposição em encarar o envelhecimento com realismo decorre não apenas dos cuidados com o marido, mas especialmente pelo capital intelectual acumulado como Socióloga.

Embora todas tenham demonstrado certa resistência em abordar o corpo envelhecido, Maria Lúcia pareceu-nos a mais disposta a falar sobre a questão, inclusive abordando problemas relativos à mobilidade e isolamento, considerando que Londrina não está equipada para propiciar qualidade de vida aos velhos.

Diz que quando visitou uma senhora conhecida, numa “casa de repouso” admitiu ter ficado decepcionada com o que viu.

Eu vi lá uma senhora amarrada na cadeira, não podia levantar senão ela caía. [...] Falta em Londrina, umas clínicas melhores, adequando mais a decoração, as atividades. Porque é muito triste, muito precário ainda.

Sobre essa experiência, concluiu afirmando que a pessoa que vai para um lugar desses, onde a solidão é visível, “morre antes da hora”.

Trata-se de uma mulher que fez a importante escolha de cuidar do marido enfermo, não abrindo mão de com ele conviver, sabendo inclusive das limitações decorrentes de tal escolha.

[...] a situação do meu marido [...] as possibilidades impõem certa limitação e devido ao carinho que eu tenho por ele. Aquelas paixões passam, mas o companheirismo, o respeito permanece e eu não gosto de deixá-lo sozinho.

Se por um lado, Maria Lúcia percebe os desconfortos físicos que acompanham o envelhecimento não se considera velha. “*Eu tenho uma idade mental e psicológica onde eu vario de 18 a 25 anos, e a idade biológica que está ótima, dá para o gasto*”.

Demonstra emoção e encantamento pela chegada dos netos, bem como uma notável capacidade de se adaptar ao mundo infantil.

[...] meus netos nasceram, eu nunca pensei que ser avó seria tão bom [...]. É muito enriquecedor. [...] Um dia levei a minha neta de quatro anos ao cinema para ver Rapunzel, quando chegou ao meio do filme ela teve medo do bandido e eu tive que sair do cinema com ela e levá-la para pular na cama elástica.

Como se observa, a condição de avó traz consigo emoções até então desconhecidas, é como se Maria Lúcia nos dissesse que não são as mesmas experimentadas como mãe. A entrevistada percebe que a condição de avó, embora envolva um capital simbólico acumulado – do tipo afetivo –, decorrente sim do processo de socialização dos filhos, age, agora, de modo diferente, pois com os netos há um rearranjo do peso e da medida atribuídos ao afeto e à autoridade. Um tipo de capital simbólico que se manifesta no mundo da casa e que confere, de modo geral, às nossas entrevistadas, avós ou bisavós, uma posição ímpar nas relações de sociabilidade da esfera privada.

No caso de Maria das Graças – 60 anos – que mora com a filha e a neta, um caso de envolvimento muito próximo e permanente com a socialização da menina, que aparece na fala da avó como uma amiga. “*Minha filha sai mais com o*

namorado, e minha sociabilidade na família agora se restringe mais às saídas com a minha neta. Vamos ao cinema, ao shopping”.

Maria das Graças percebe a importância do papel de mãe e avó que hoje desempenha no seu mundo privado, orientado pela experiência, sabendo o quanto representa nas relações familiares a posição que sempre ocupou de chefe de família. *“Uma coisa muito boa é que eu não ligo mais para coisas pequenas [...]. A maturidade traz isso [...]. Isso tudo ajudou na minha relação com a família hoje, ela melhorou muito”.*

Maria das Graças, além dos encargos que sempre teve como chefe de seu núcleo familiar, demonstra uma percepção sensível bastante acurada de sua existência não apenas do seu universo privado como também de sua inserção no mundo público.

Além de manter um trabalho formal como advogada, mesmo após a aposentadoria, tem uma rede diversificada de sociabilidades, pois faz dança de salão, contou no Coral da UEL por muito tempo, presta serviços voluntários no Movimento de Escoteiros de Londrina, há catorze anos, e no Lions Clube, auxiliando na assistência a mulheres grávidas carentes.

Atribui essa sua disposição à sociabilidade ao fato de ter se visto, já na infância, diante do desafio de lidar com sua condição de filha adotiva.

Contudo, percebe-se que o capital intelectual acumulado na profissão, atividade jurídica em duas Prefeituras, tem sido fundamental para ela se posicionar e agir tanto na vida pública como privada.

Embora faça referência a mudanças que observa em seu corpo, nossa entrevistada diz ainda não ter se dado conta dessas transformações.

[...] minha cabeça ainda não conseguiu acompanhar as mudanças do meu corpo. Costumo sentar feito índio no chão [...]. Eu corro pulo. A única limitação da idade seria a visão à noite. Outras limitações que encontro é doença que já tinha desde mais nova.

A única a falar sobre a morte foi Maria das Graças, contudo com autoridade de quem sempre soube “transgredir” ou “rearranjar” os *habitus* orientadores da conduta feminina e também detentora de um admirável capital cultural que lhe possibilita dizer:

Acho que quando eu morrer, eu vou pensar no último momento: foi muito bom, até esse último momento aqui, foi bom. Eu gosto muito da vida, se o corpo funcionasse, eu gostaria de viver 150 anos. [...]. Eu lamento muito ter que um dia mudar de endereço.

Quando nossas entrevistadas falam sobre as percepções que têm do envelhecimento do corpo e das mudanças em seus habitus decorrentes da emergência de novas posições ocupadas no mundo público e privado, faz-se necessário considerar o que diz Bourdieu (2002, p. 10): “[...] o mundo social exerce uma espécie de golpe de força sobre os sujeitos e imprime, em seus corpos, não apenas um modo de estar e de ser, mas todo um programa de percepção”.

Considerando-se que este mundo social a que se refere o autor, é estruturado – e também estruturante –, por meio de habitus orientadores de conduta e de comportamento dos agentes, tanto os relacionados ao gênero como os relacionados à geração, tornam-se importantes para as percepções aqui em análise.

Há, todavia, autores que nos possibilitam entender a revisão por que passam os habitus em nossa sociedade – especialmente os de gênero e de geração –, sob a influência de um intenso processo de flexibilização próprio da contemporaneidade, como sugere Barros (2011, p. 47):

A flexibilização das classificações das idades, o esmaecimento das fronteiras etárias, a pluralidade e a heterogeneidade de experiências geracionais. Neste contexto sociocultural, as idades são apreendidas como etapas que definem estilos de vida que podem ou não ser adotados e delimitam fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, como podemos ver na interpretação da juventude ou da “terceira idade” como um modo de ser e estar no mundo. A juventude, por um lado apresenta-se como um contraste à velhice e com um padrão de vida que deve ser estendido a todas as faixas etárias. A velhice estigmatizada, por outro, não desaparece de nossa realidade. Ela apenas é colocada em outro lugar e adiada para outro tempo da vida de cada um de nós.

A flexibilização e pluralidade, conforme definidas pela autora, talvez sejam traços sociais gerais das experiências vividas em sociedade, com capacidade de influir na percepção que nossas entrevistadas revelam, marcada por uma “ductilidade”²⁶ que permeia as relações entre o individual e o social, envolvendo a condição feminina diante do envelhecimento.

²⁶ Amoldável – Capacidade de alguns metais resistentes de serem moldados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias de hoje, falar da velhice já se tornou uma questão pública, o que, tempos atrás, era considerado como problema a ser trabalhado no interior das famílias, constituindo-se assunto quase que restrito ao mundo privado.

Ao iniciarmos este trabalho, cientes da relevância do tema – uma vez que o envelhecimento é inerente à condição humana –, não tínhamos a exata proporção da complexidade do assunto e mesmo, no nosso caso específico em estudo, do que seria a condição da mulher frente o envelhecimento.

Não foi, portanto, tarefa fácil o projeto compreensivo que nos propusemos realizar. Falar, questionar, instigar e ouvir mulheres falando de si e sobre a velhice, significou adentrar, desde a pesquisa de campo, até a etapa final de análise, numa rede de significados e de conexão de sentidos jamais imaginada, uma vez que valores subjetivos relacionados a situações objetivas marcaram decisivamente todo o processo de conhecimento do objeto.

Muito cedo nos vimos diante de uma complexidade que exigia análises minuciosas de cada entrevista, o que nos fez transitar por vários referenciais teóricos da Sociologia e, em menor proporção, da Antropologia, Filosofia, entre outras.

Percebemos também, a importância do papel das Ciências Sociais, para o entendimento de uma questão que requer análise interdisciplinar, envolvendo outras áreas do conhecimento, com vistas, inclusive à formulação de políticas públicas específicas para o setor.

Ao término da análise, avaliamos que, por conta do alcance e limites decorrentes do número de entrevistas, do seu caráter local e da perspectiva de análise qualitativa adotada, este trabalho se constitui apenas um estudo de caso que pode servir de referência para estudos mais abrangentes com resultados mais generalizantes.

Mesmo assim, avaliamos que cumprimos o papel do Cientista Social ao experimentarmos o “engajamento reflexivo” sobre um tema, como sugere Giddens (1998, p. 18), envolvendo parte da discussão teórica já existente sobre ele, à luz de uma interessante situação empírica, minuciosamente registrada e sistematizada.

O que mostramos é um grupo de mulheres que, mesmo encontrando-se frente ao envelhecimento, suas idades não as condicionam a uma vida reclusa, restringindo-as à intimidade do mundo da casa. Ao contrário, revelam atividade e disposição em (re) formular seus modos de existência em face das mudanças observáveis em sua corporeidade e de novas situações decorrentes da aposentadoria, da viuvez, da doença que acomete familiares próximos, etc.

O retorno ao lar das que trabalharam fora e mesmo a condição daquelas que não o fizeram, não representou, para nenhuma delas inatividade ou exclusão, pelo contrário, todas desenvolvem hoje, algum tipo de prática social que as mantém ativas.

Atribuem grande importância aos trabalhos que fizeram ao longo de suas trajetórias ou que ainda fazem, sejam eles fora do lar ou dentro, com os cuidados da casa. Demonstram incorporação de novas formas de interações, como: sociabilidade *on-line*, frequentes viagens ao exterior, atividades físicas e artesanais regulares, participação em bailes dos programas da *terceira idade*, o que propicia, à maioria, uma maior aproximação com grupos de amizade e, em relação aos mais jovens, em especial com os netos.

O que nos intrigou foi o empenho dessas mulheres em se reposicionarem num campo regido pelas relações de afeto e autoridade, próprias do mundo privado, uma disposição sensível de lidar com diferentes relações que compõem suas redes de sociabilidades, ainda que peculiar aos sentimentos de cada uma e de acordo com os espaços que ocupam na vida familiar e social. Essa delicadeza com que agem nos campos onde se movem serve de suporte para a superação das perdas de marido, amigos, filhos e neto e ainda, dos preconceitos, citados por elas mesmas, do olhar do outro para a velhice.

Seus depoimentos, sem exceção, surpreendem pela sensibilidade em lidar com os problemas que enfrentam neste processo de envelhecimento. Quase todas disseram enfrentar discriminação decorrente de suas idades, em especial nas ruas da cidade, no trânsito quando estão dirigindo.

Reclamam das condições insuficientes de segurança e mobilidade urbanas, bem como de uma política de acolhimento aos velhos que não têm condição de continuar no convívio com a família. Uma percepção pertinente face à informação demográfica já indicada de que o segmento de habitantes de Londrina com mais de 60 anos já representa, hoje, 12,1% da sua população.

Buscamos perceber, durante a análise, a existência de um sistema de *habitus* que orienta o envelhecimento feminino para essas mulheres, refletindo, desde o início, sobre a compreensão que têm desta nova condição e como lidam com as diferenças entre gerações com as quais convivem, construindo seus modos de viver este momento.

Por tratar-se de mulheres de uma geração que experimentou importantes transformações socioculturais do seu tempo, a leitura que fazem dessa sua nova condição, difere da leitura feita pelas suas mães e avós, uma vez que as disposições duráveis orientadoras do processo de envelhecimento, no início do século passado, ofereciam um quadro de rígido controle de conduta e comportamento da mulher em idade avançada.

Segundo Bourdieu (1983a), nas sociedades ocidentais contemporâneas, as categorias de marcação das idades, constituem parte de um sistema classificatório referente ao que cada pessoa pode ou não realizar em cada ciclo de sua vida, de acordo com as disposições duráveis já existentes.

No entanto, com a conquista de novos direitos que ampliaram a cidadania das mulheres no Brasil, tais como: a conquista do voto feminino; acesso ao mercado de trabalho fortalecido por algumas políticas sociais (creches, diminuição de jornada de trabalho e direitos específicos à maternidade); maiores oportunidades de educação; somadas, mais recentemente, às políticas públicas voltadas para os idosos, em especial, aposentadorias para o trabalho doméstico e rural; bem como a aprovação do Estatuto do Idoso; colocam nossas entrevistadas diante de uma sociedade com amplas possibilidades, não apenas de inclusão social como também de novas oportunidades de consumo e estilos de vida compatíveis com o momento em que vivem.

Diante desta situação, observamos que criam estratégias de ocupação de novos espaços, cada uma a seu modo, pois tais possibilidades dependem, em especial, das suas condições socioeconômicas, culturais e de saúde corporal.

São mulheres que experimentam diferentemente, hoje, os campos em que transitam e as redes de sociabilidades que construíram ao longo da vida, tanto no que diz respeito às relações afetivas e de autoridade da esfera privada como as (re) inventadas formas de inserção na esfera pública.

Por conta da possibilidade de administração de um tempo que decorre da aposentadoria, se veem diante do desafio de (re) agendarem essa nova temporalidade que é cotidiana, tendendo a se manifestar de maneira circular. Redefinição fundamental para que seus projetos se consubstanciem face à desobrigação de algumas tarefas domésticas e familiares, possibilitando substituição ou invenção de outras, em busca de um novo estilo de vida, envolvendo as esferas privada e pública de suas existências.

Nesta fase de (re) invenção, a avaliação que fazem é que os ganhos são maiores que as perdas, sentindo-se mais equilibradas, seguras e que a maturidade traz tranquilidade. Algumas disseram sentir mais liberdade para fazer o que gostam, mesmo com os limites físicos da idade. Todavia, a liberdade a que se referem, não é exatamente a conquista de uma emancipação sonhada com a chegada da aposentaria, porém uma autonomia possível.

Uma autonomia duramente construída por agentes que, participando de um campo simbólico, conquistam valioso espaço, apesar das obrigações, normas e regras impostas pela sociedade, e que sustentadas por capitais acumulados – materiais e imateriais – capacitam-se a participar de um jogo de forças sutis que requer sensibilidade. Nesse jogo, estabelecem estratégias de ação que parecem depender antes de uma percepção de relações assentadas num processo de alteridade marcada pela diferença e diversidade – colocando-as em interação com as gerações mais novas e, em menor intensidade, com o universo masculino de sua geração – do que propriamente de uma leitura envolvendo os seus iguais.

Parafraseando Beauvoir (1990), embora a velhice seja, para o grupo estudado, um tempo de possíveis realizações, o envelhecimento traz para elas dilemas a serem deslindados na busca de afirmação de sua identidade feminina frente à condição humana colocada pelo seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andrea Moraes. Gerações em perspectivas: os sentidos da sexualidade feminina na velhice e na vida adulta. In. BARROS, Myriam Moraes L. (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 159 – 180.
- ARAÚJO, Inês L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: UFPR, 2000.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de: Roberto Raposo, posfácio de: Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- Ariès, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2. ed. Original publicado em 1973. Tradução de: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO. Antônio L. **Velhice e seus processos sócio-históricos**. Lisboa: Argumento, 2001.
- BALDINI, Massimo (Org.). **Amizade & filósofos**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- _____. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: **Revista tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p.39-60.
- _____. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In. GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 45 – 64.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 112-121, 1983 a.
- _____. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: Ortiz, Renato (Org.). (Grandes Cientistas Sociais, 39). São Paulo: Ática, 1983 b.
- _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 c.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de: Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: _____. **Razões práticas – Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: **O poder simbólico**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 59 – 73.

_____. **A dominação masculina**. Tradução de: Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: Peixoto, Clarice E. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 109-144.

_____. Mulheres Velhas – Elas começam a aparecer. In: Pinsky, Carla B e Pedro, Joana Maria (Org.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 84 – 104.

CAMARANO, Ana Amélia. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CASOTTI, Letícia & CAMPOS, Roberta. Consumo de beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 109 – 32.

CESÁRIO, Ana Cleide. C. Patrimônio, memória e cidadania: um campo simbólico de produção e apropriação desiguais. In **As persistentes desigualdades brasileiras como temas para o ensino médio**. Ângela Maria de Souza Lima, Ileizi Luciana Fiorelli Silva, Maria José Rezende (Org.). Londrina: EDUEL, 2011. p. 213-242.

DEBERT, Guita G. **Gênero e envelhecimento**. Florianópolis: Estudos Feministas, 1994.

_____. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Sumaré, 2000.

DUARTE, Bárbara. David Le Breton – uma entrevista na Universidade March Bloch, Estrasburgo – França. **Revista Espaço Plural**. Dossiê Corpo. Universidade do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon-PR, v. 11, n. 23. set. 2010.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Tradução de: Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. “Poder-Corpo”. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 145-152.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALVÃO, Elaine F. **Mulheres na luta pela saúde**: trajetórias de lideranças comunitárias na cidade de Londrina – PR. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Política, sociologia e teoria social**: encontros com pensamento social clássico e contemporâneo. Tradução de Cibele Saliba Rizek. São Paulo: UNESP, 1998.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **O corpo como capital**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

_____. **Corpo, envelhecimento e felicidade** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GURVITCH, Georges. Fenômenos micro e macrosociológicos. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e Sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. Tradução de: Heloísa Rodrigues Fernandes. São Paulo: Nacional, 1973.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estudos e Pesquisas**: informação demográfica e socioeconômica. Rio de Janeiro, 2010.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 5. ed. Tradução de Manuela Pinto e Alexandre André Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MARTINS, Carlos Benedito. Estrutura e ator: a teoria da prática em Pierre Bourdieu. **Educação e sociedade**, n.27, set. de 1987.

_____. Notas sobre a noção da prática em Pierre Bourdieu. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 62, CEBRAP, março 2002.

MARTINS, José S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

ORTIZ, Renato (Org.). A procura de uma Sociologia da Prática. In: Bourdieu, Pierre, **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-29.

PEIXOTO, Clarice E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In. BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** : estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69 – 74.

SCHUTZ, Alfred. O mundo das relações sociais. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 123-193.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. jul./dez. 1995.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Dossiê Pierre Bourdieu. **Revista Cultura**. 128, 2011.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo da sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1993. p. 165-181.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TORRES, Vera Lúcia S. **Velhice numa cidade do trópico**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

VERAS, Renato P. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade. **A terceira idade**. Rio de Janeiro, v.14, n.28, p.6-29, 2003.

APÉNDICE

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

NOME _____
DATA DE NASCIMENTO _____

Entrevista nº: _____ data: _____

I – Dados Pessoais – Caracterização

Endereço:
Região da cidade:
Estado civil:
Com quem mora:
Religião:
Escolaridade:
Profissão:
Nacionalidade/naturalidade:
Descendência dos pais ou avós:
Renda Familiar:

II – História de vida.

O que a trouxe para a cidade?
Quando seus pais chegaram a Londrina?
Como foi sua infância e juventude?
Se casada, quando e onde se casou?
Tem filhos, netos? Onde moram?
Quais os trabalhos que você teve ao longo da vida?

III – Relações familiares e de sociabilidade (no passado).

Vida privada:

Como se relacionava com a família antes de se aposentar?
Que tipo de lazer a senhora mais gostava de viver em família?
Como vivenciava o mundo da casa?

Vida pública:

Como era sua vida antes da aposentadoria?
Como a senhora administrava o seu trabalho com as atividades da casa?
Participava de alguma instituição ou associação?
Costumava sair com amigos? Aonde iam?

IV – Relações familiares e de sociabilidade (no presente).

Vida privada:

O que mudou na sua vida após a aposentadoria?
Seus rendimentos são os mesmos?
Como é seu dia-a-dia?

O que acha da sua vida atual?

Como se relaciona com a família? Quais os programas que realiza com a família? Vai ao cinema, baile, igreja, shopping, etc. com eles?

Como são as relações afetivas entre a senhora e sua família, houve alguma mudança conforme fica mais idosa?

Vida pública:

Quem são seus amigos atuais?

Freqüenta igrejas ou outras instituições? Com quem?

Participa de algum grupo de lazer? Qual é a importância desse grupo na sua vida?

A senhora realiza algum trabalho comunitário voluntário? Onde?

Participa de alguma organização (associações de moradores, de mulheres, pastorais, conselhos comunitários e municipais, etc.)?

Qual a importância desses trabalhos para sua vida atual?

V – Percepção a cerca do processo de envelhecimento.

À medida que o tempo passa a senhora sente dificuldades para a realização dos seus trabalhos?

O envelhecimento impede determinados tipos de lazer e de divertimento?

Sente que houve algum rompimento com o modo de vida que você tinha quando era mais jovem?

Quais as mudanças mais importantes que a senhora sente ou sentiu? (corpo, emoções, afetividade).

Como se sente quando frequenta os mesmos espaços que os mais jovens?

Como se sente com o passar dos anos?

As pessoas de fora da família tratam a senhora de maneira diferente por ser idosa? E as pessoas da família?

Acha que Londrina oferece estrutura urbana e atividades adequadas aos idosos?

Quais os espaços da cidade de sua preferência? Com que espaços, da cidade, a senhora mais se identifica?

Conhece o Estatuto do Idoso? Exerce seus direitos?

O que acha das expressões utilizadas para se referirem aos idosos como:

Terceira Idade e/ou Melhor Idade?

O que acha de termos hoje uma Presidenta da República? Pode haver novas políticas públicas e programas voltados para os idosos?

Quais seus planos e projetos para o futuro?

VI – Comparação.

Faça uma breve comparação entre sua vida quando era jovem e a que tem atualmente.